

EX-LIBRIS



BORBA
MORAES



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

AKSC

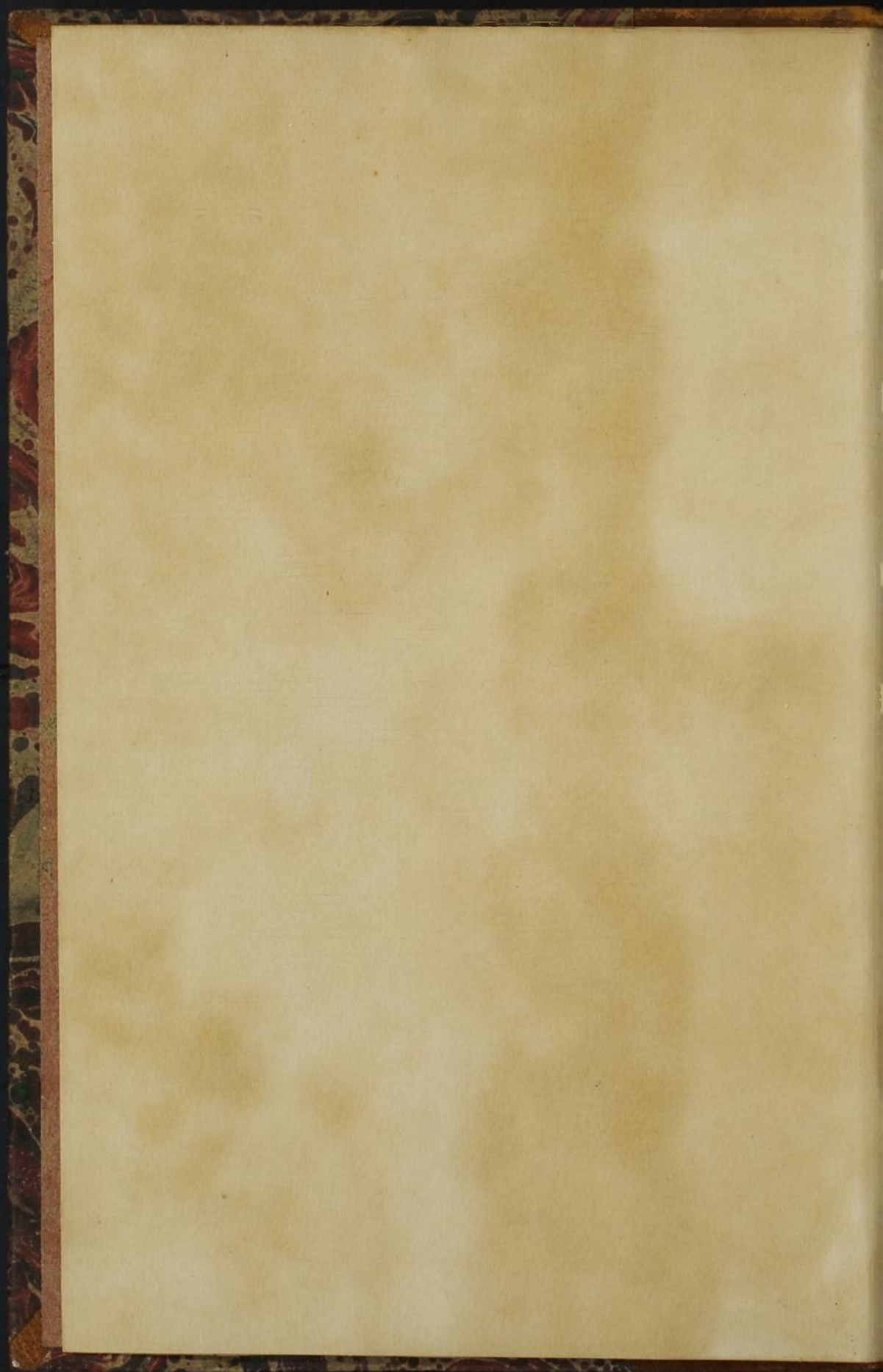
W.

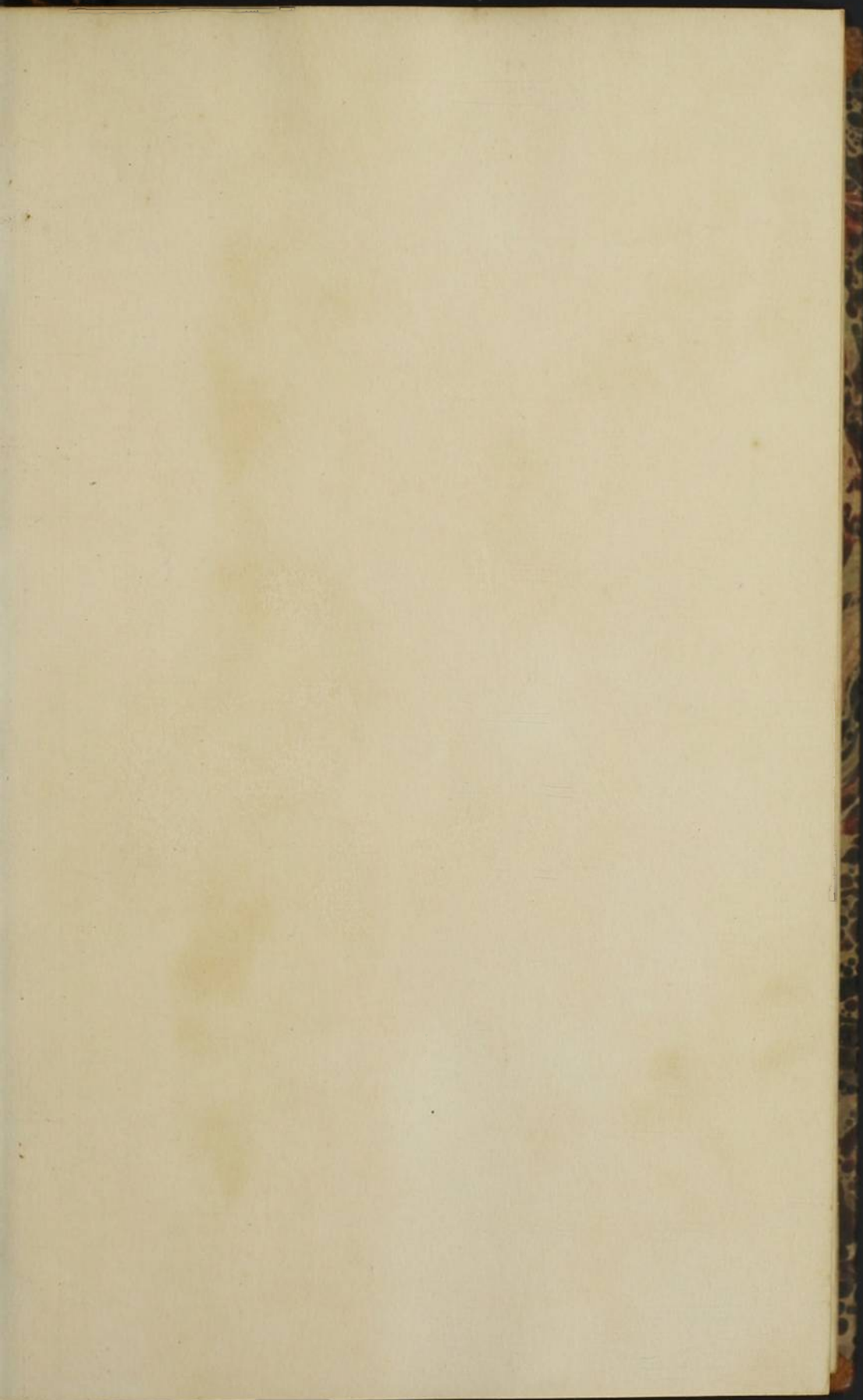
Je ne fay rien
sans

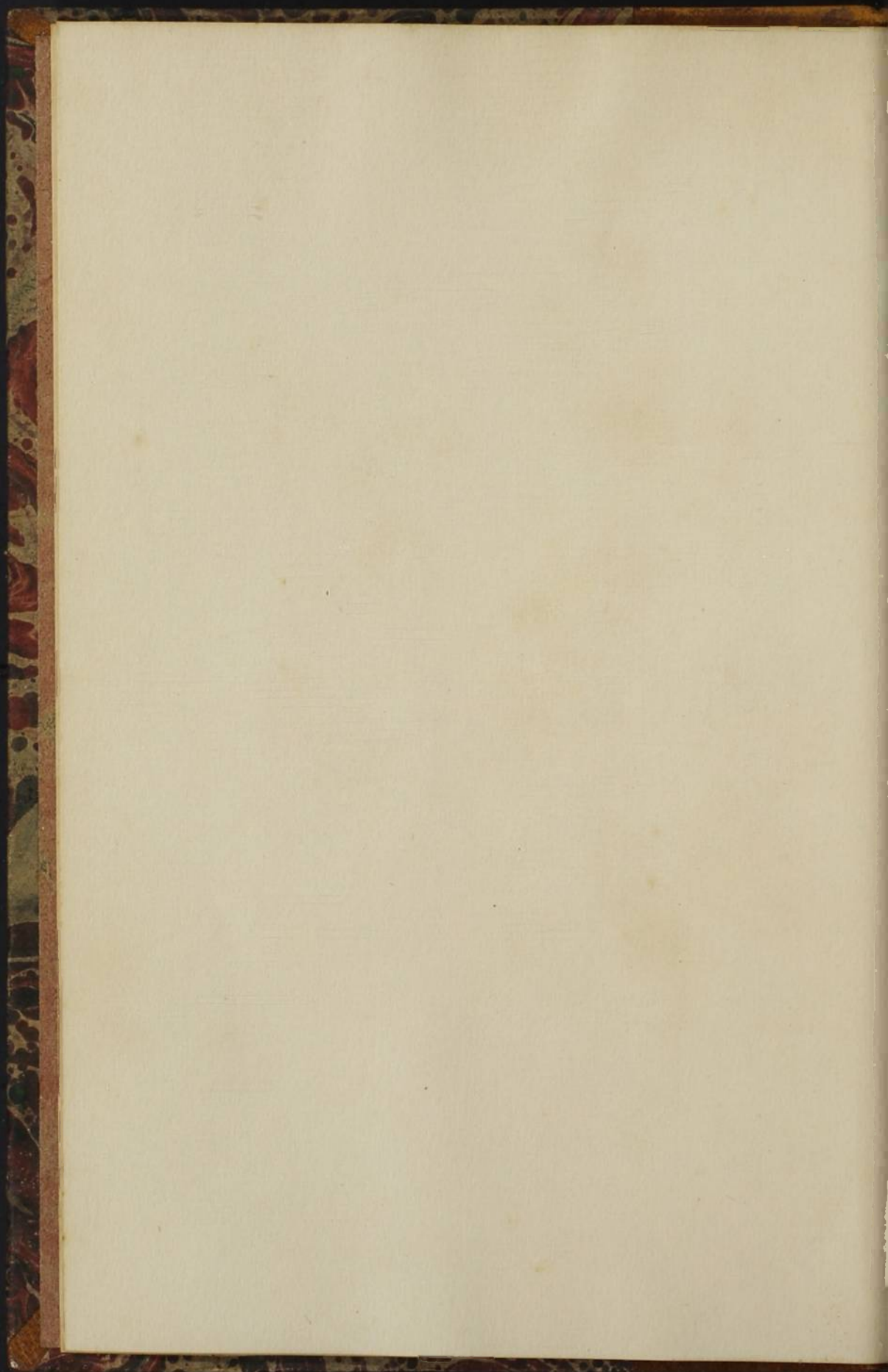
Gayeté

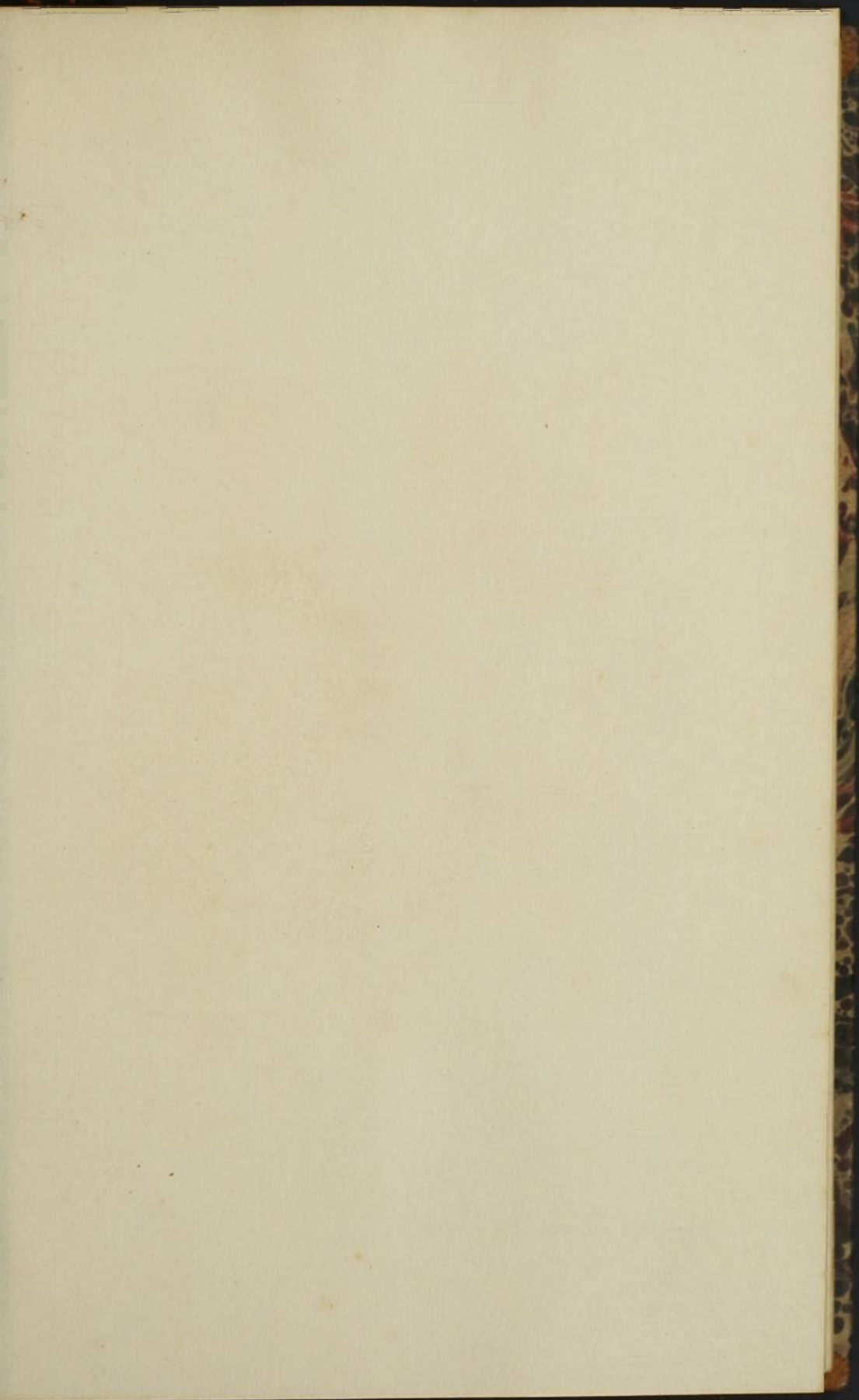
(Montaigne, Des livres)

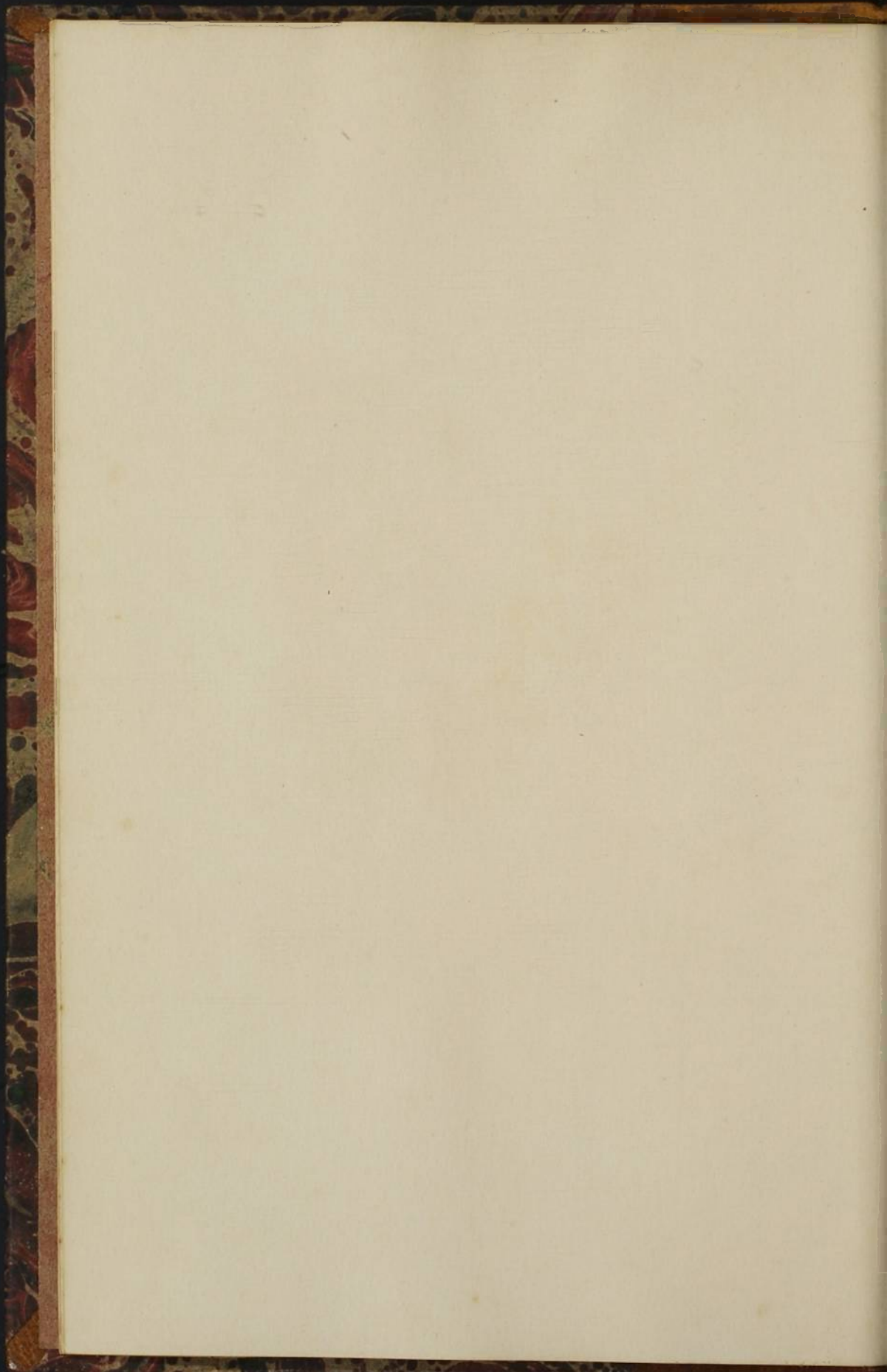
Ex Libris
José Mindlin

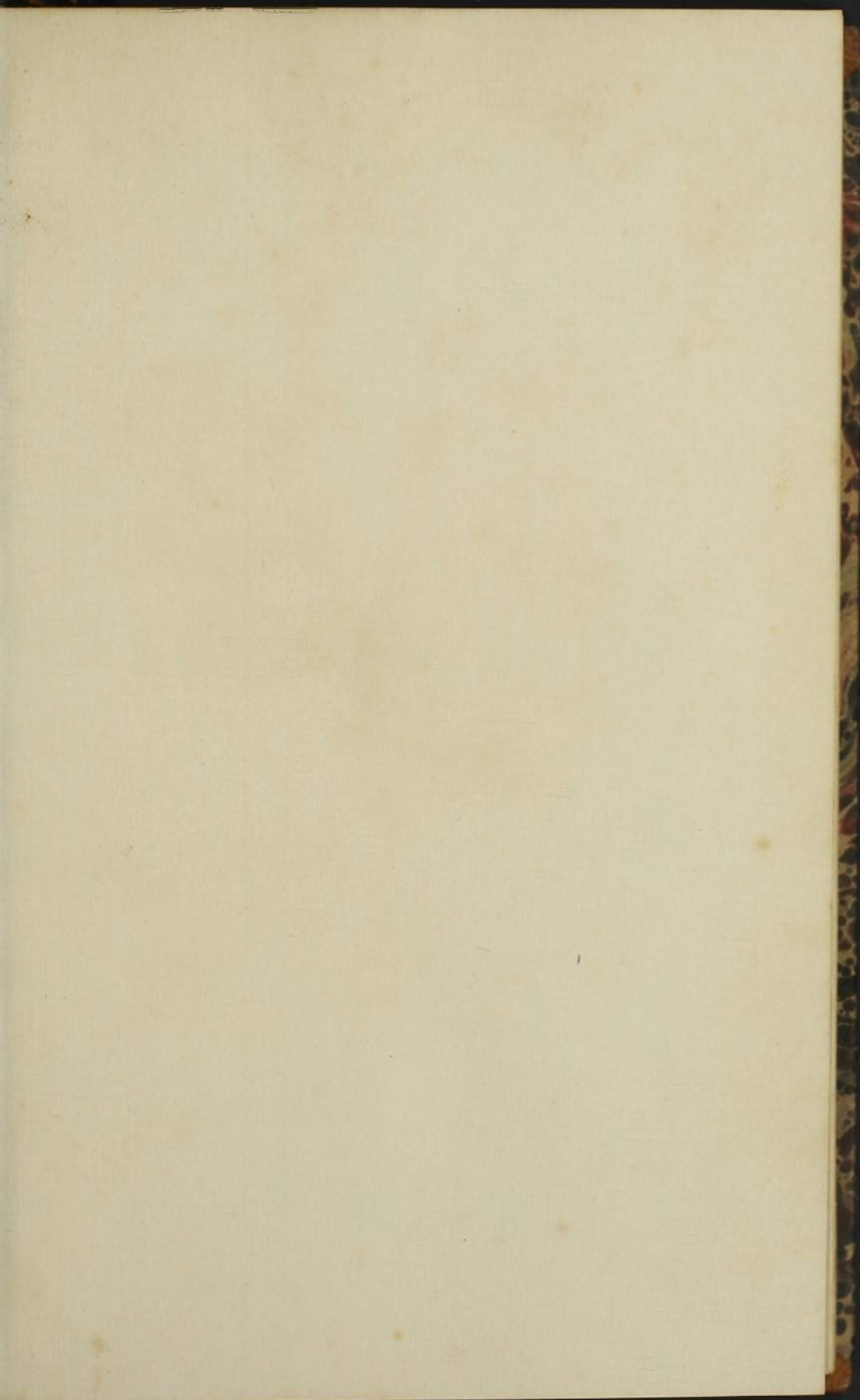












Exemplar em papel especial.

LAMARTINEANAS.

~~~~~  
Typographia — PERSEVERANÇA — rua do Hospicio n. 91.  
~~~~~

LAMARTINEANAS

POESIAS

DE

AFFONSO DE LAMARTINE

TRADUZIDAS

POR POETAS BRASILEIROS

Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie.

(MEDITAÇÃO XV)

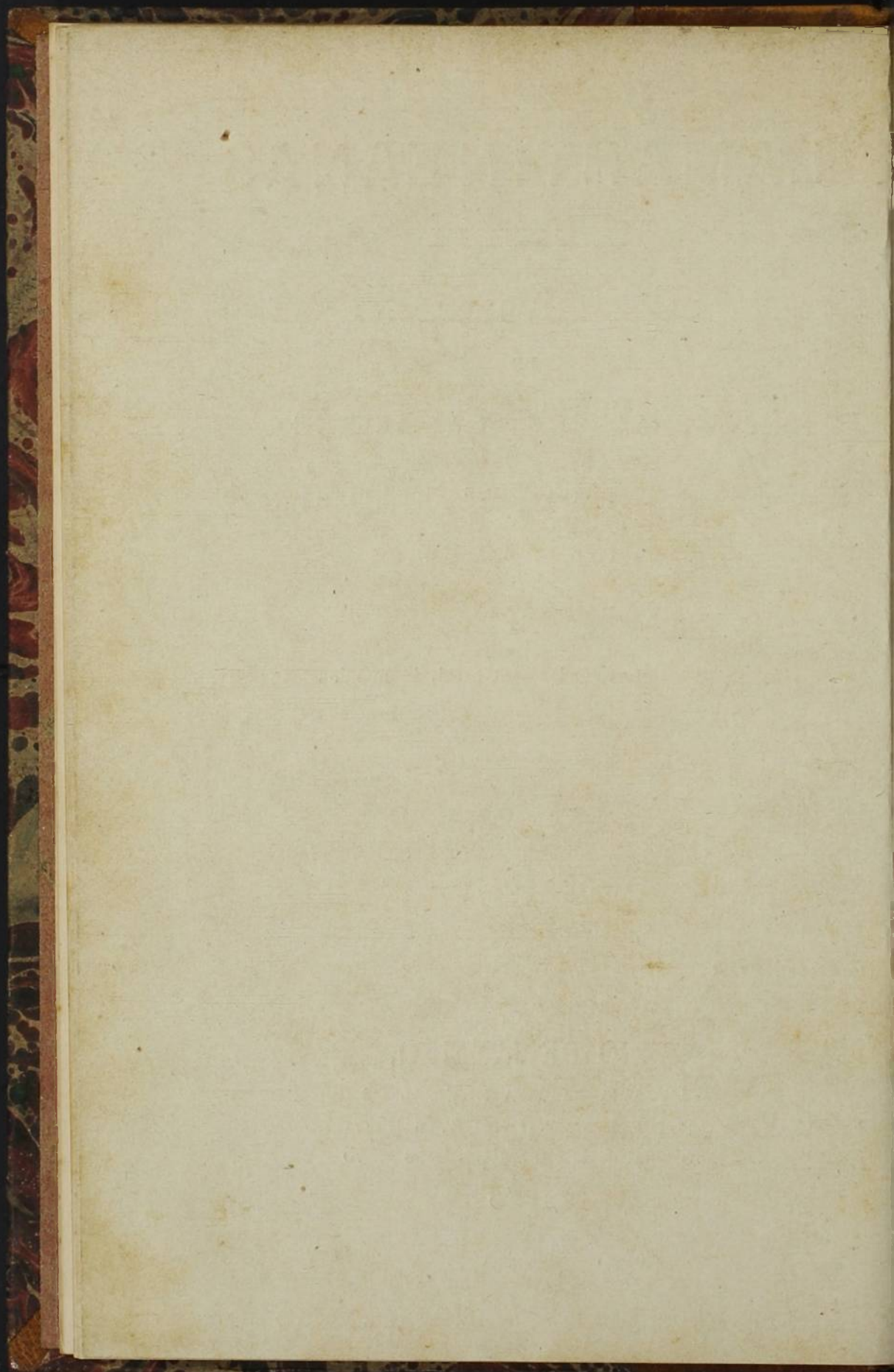
1872.
Francisco
de Paula

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DA CASA IMPERIAL DE
DUPONT & MENDONÇA, EDITORES

75 Rua de Gonçalves Dias 75

—
1869



DUAS PALAVRAS .

Ao genio do cantor das *Meditações* fôra nossa tenção levantar um monumento commemorativo do respeito e admiração de que o nosso e todos os idiomas cultos lhe são devedores. A elle, o propheta inspirado e simultaneamente homem de acção na republica das modernas lettras, é de rigor este preito. E que mais sincero testemunho, mais caloroso, do que o enfeixar das odes e hymnos do poeta que fulgem esparsos envolvidos nas roupagens nacionaes, e offertal-os ao genio da França dizendo:—Eil-o:

significa este livro que os poetas brasileiros se empenham por fazer comprehendido e amado do povo o vosso grande Poeta ?

Lamartine exerceu sobre a nossa joven litteratura uma influencia decisiva e das mais beneficas. Ao seu genio, depois do de Chateaubriand, mas tanto como ao do auctor do *Genio do Christianismo*, é que os seus fundadores foram pedir a palavra de ordem na revolução litteraria da primeira metade d'este seculo. Nos *Suspiros Poeticos*, nas *Brazilianas*, nos immortaes *Cantos* de Gonçalves Dias se reconhece aquella influencia ; e a feliz direcção imprimida na poesia nacional por Magalhães, Porto Alegre e o cantor dos Tymbiras é filha do enthusiasmo causado na Europa e na America pelas *Meditações* de Lamartine. Nem foi só a poesia lyrica ; os poemas epicos brasileiros attestam egualmente o cunho do lyrismo lamartineano, d'esse poetar tão intimo, tão d'alma, repassado de unção religiosa, elevado pela esperanza, sanctificado pela fé nos destinos da humanidade.

Um dia retiniu nas selvas patrias o echo

da voz poderosa de Byron. Foi o rugido da tempestade, ameaçando a natureza creada, repellindo as avesinhas attonitas para o mais cerrado da floresta, vergando das arvores seculares as frondes tremulas. Mas a procella esvaeceu-se; e os hymnos de Lamartine reergueram-se a Deus nos labios inspirados da poesia nacional.

A dominação de Byron foi... diremos a palavra? foi brutal: não podia ser duradoura. Aquelle desespero sombrio de Manfred, o lubrico scepticismo de D. Juan, aquellas figuras marmoreas animadas pelo riso escarninho dos poemas byronicos, não são da condição humana. E a poesia lyrica, a poesia intima, como a define Hegel, a poesia do coração humano não podia por muito tempo soffrer a agitação excitada pelo genio do poeta inglez.

E por isso a influencia de Byron teve de ceder á mais legitima e natural de Lamartine.

Com effeito, na obra d'este se inspiraram os poetas brasileiros da segunda metade do seculo. Bittencourt Sampaio, Almeida

Braga, Trajano, J. Serra, Ayres d'Almeida, Menezes e Souza, Pedro Luiz, Francklin Doria, e tantos outros, honra e lustre da nossa poesia lyrica, descendem legitimamente do genio lamartineano. E aqui vêm todos jubilosos prestar ao mestre os testemunhos do seu amor e veneração.

De cada um d'elles colhemos esmeradas versões de poesias de Lamartine ; e em mais de uma reconheceria o Poeta quanto a sua inspiração ganhou em concisão e energia, trasladada na linguagem portuguezá. Dessem-lhe á sua lyra divina o idioma de Filinto Elysio ; e porventura, mais brilhante lhe sahira a estrophe, mais cadente o hymno, mais se lhe estremecera a alma ao arder da inspiração, na phrase do poeta colombiano :

Dadme mi lira, dadmela, que siento
En mi alma estremecida y agitada
Arder la inspiracion !

(ODE AO NIAGARA.)

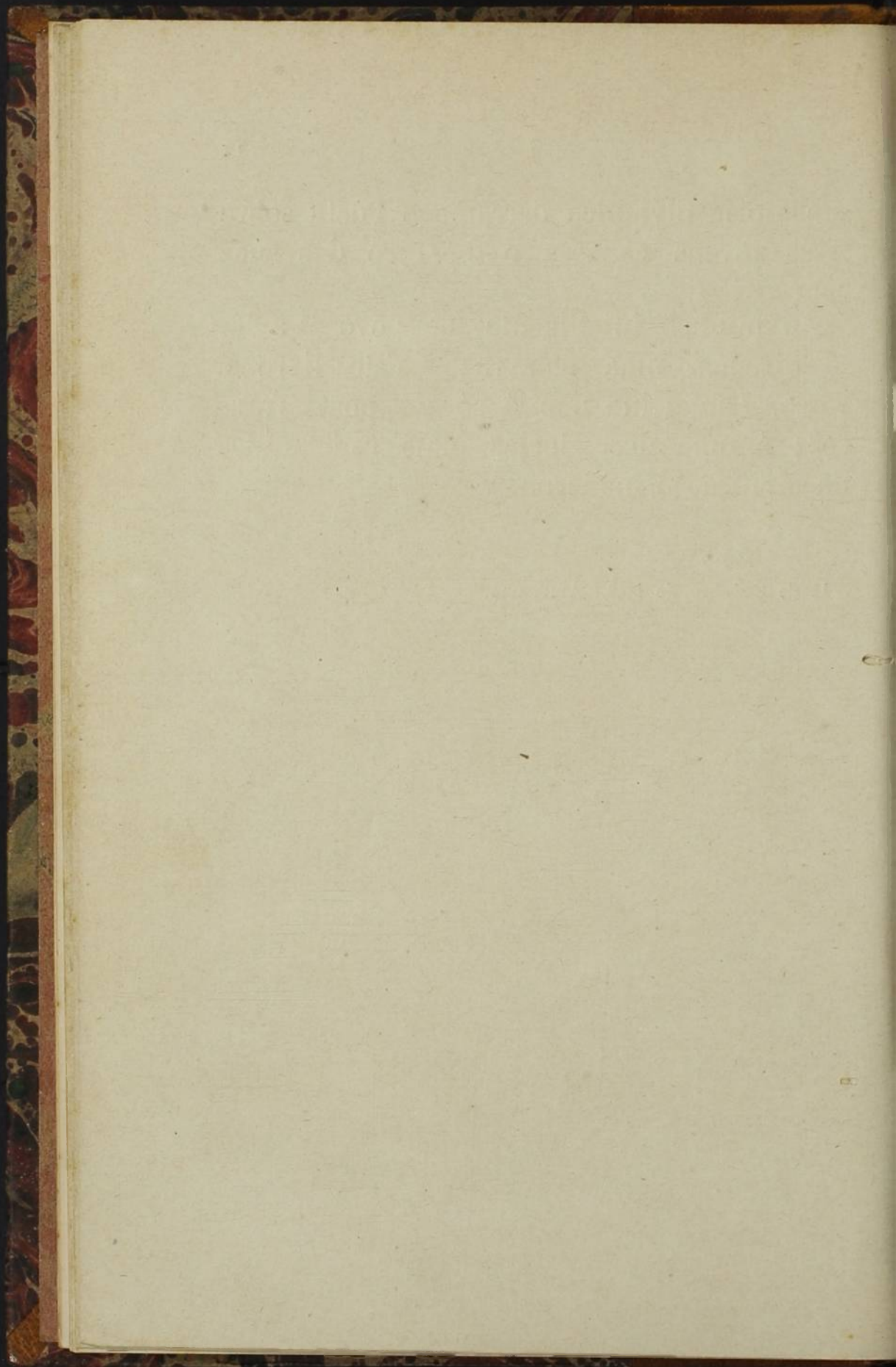
No colligir das traducções não levamos ordem, nem tão pouco precedencia de traductores. No monumento ficam por egual gravados os nomes dos operarios. Do alto de

sua gloria olympica derrame o Poeta sobre essas jovens cabeças o thesouro das suas benções!

Ao publico intelligente, ao povo que lê, só diremos uma palavra: — Este livro é vosso. Lamartine não é só um poeta francez; é uma das glorias mais esplendidas da civilisação moderna.

11 de Outubro de 1869.—Araruama.

A. J. de Macedo Soares.



A Condessa de Cessiat-Lamartine.

Hauteville-House, 16 de Março de 1869.

Senhora,

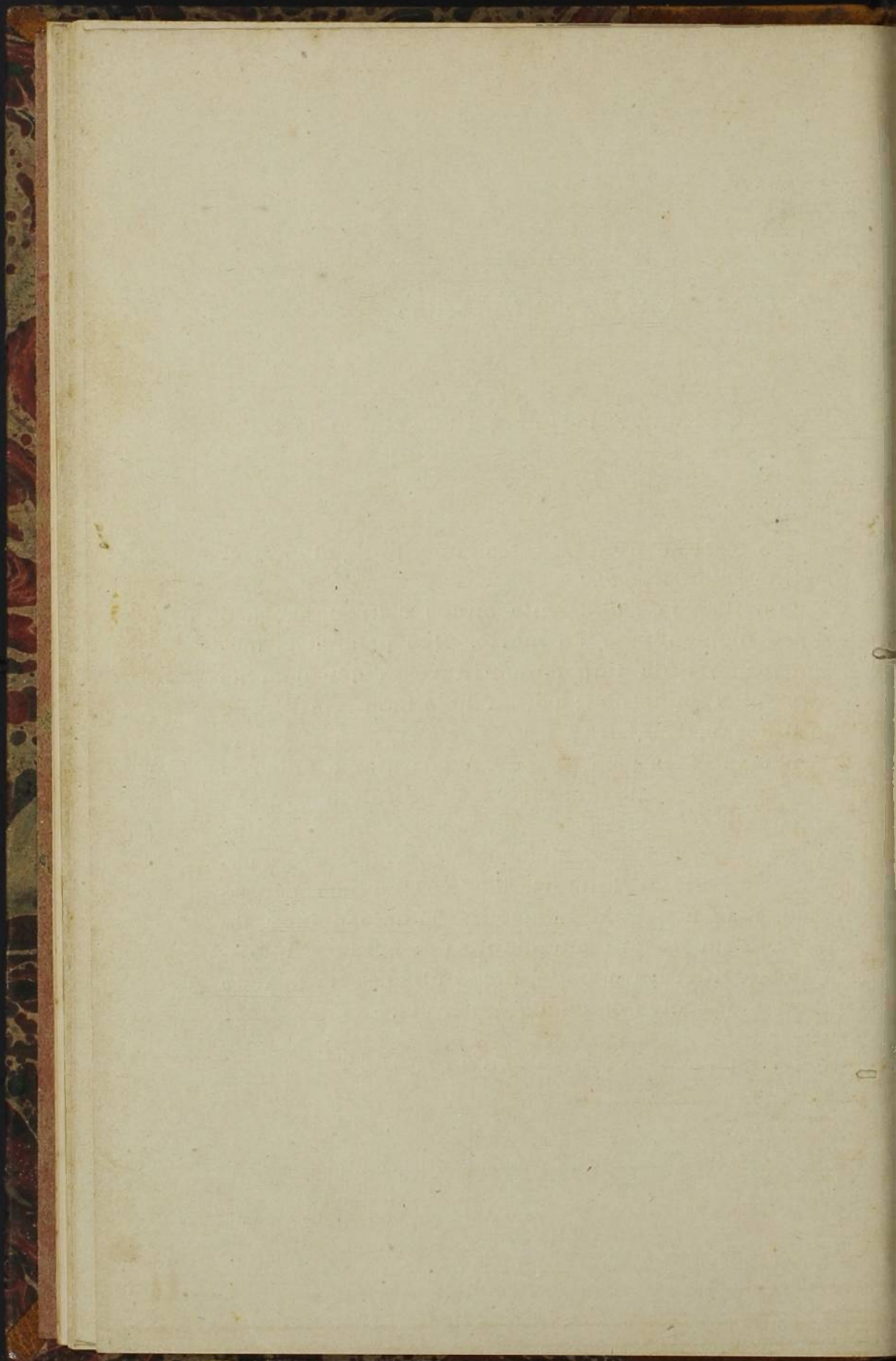
Desde 1821 achava-me estreitamente ligado a Lamartine pelo coração.

Esta amizade de cincoenta annos soffreu agora o eclipse momentaneo da morte. Nos primeiros momentos não quiz importunar a vossa dôr com as sympathias da minha; porém hoje me permittireis, não é assim, Senhora? que vos revele á vós que lhe pertencestes pelo sangue, á vós que o amastes e que fostes por elle amada, o meu profundo pezar.

Lamartine, poeta radioso, orador potente e perduravel, possue todas as fôrmas da gloria, desde a popularidade até a immortalidade. Elle nos parece morto, mas não está. Lamartine jámais deixou de radiar. Tem de ora em diante um brilho duplo:—na nossa litteratura onde elle é alma, e na grande vida desconhecida onde elle é estrella.

Deponho a vossos pés os meus respeitos.

Victor Hugo.



INVOCAÇÃO.

O' tú, que eu vi surgir n'este deserto,
Habitante do céo, aqui 'strangeira !
O' tú, que aos olhos meus brilhar fizeste
De amor um raio n'esta noite inteira !
Eia, mostra-te toda, ó maravilha !
Dize teu nome, patria e teu destino.
E's d'aqui da terra filha?
Ou és um sopro divino ?

Pretendes tú volver ao firmamento?
Ou no luto, na dôr, e na miseria
Entre nós proseguir teu curso lento?
Seja qual fôr teu nome, patria ou fado,
Ente na terra, ou lá no céu gerado,
Quanto eu viver concede-me o indulto
De te dar meu amor, dar-te meu culto!

Si entre os mortaes findar tua carreira,
Sê meu amparo; e em todos os lugares
Soffre que eu beije a terra que pisares.
Mas si, aos astros voando sobranceira,
Dos anjos na mansão, anjo, pousares;
Na terra, ama-me emquanto n'ella fores,
No céu, troca em lembrança os teus amores!

Maciel Monteiro.

O ISOLAMENTO.

A' sombra do carvalho, ás vezes sobre o monte
Assento-me sosinho e triste, ao pôr do sol ;
Percorre a vista errante o plaino no horizonte
Que vario se desdobra á luz d'esse arrebol.

Aqui, ruge espumando em jorros a torrente ;
Serpeia, corre e busca o êrmo escuro—além :
Alli, de manso o lago estende-se dormente,
Onde no azul surgindo a estrella agora vém.

Do sêro aos alcantis de bosques sombreados
No ocaso envia o sol seu ultimo clarão ;
E as orlas do horisonte, aos raios prateados
Da lua que desponta, em luz nadando vão.

Já da gothica flecha um som partindo, entanto,
Suave e pouco a pouco os ares percorreu :
Eis pára o viandante, e o sino rude e santo
Do dia aos sons fináes mistura o canto seu.

Mas ai ! da natureza o quadro o mais tocante
Não traz ao infeliz nem sombras de prazer !
Triste contemplo a terra assim, qual alma errante :
Não póde ao môrto o sol dos vivos aquecer.

De collina em collina a vista em vão lançando,
Do sul ao aquilão, da aurora ao pôr do sol,
Percorro o espaço immenso, e digo soluçando :
Debalde, ó f'licidade, eu busco o teu pharol !..

Palacios, choças mil, campinas tão floridas,
Si encantos já não têm, de que me serve'a mim ?
O' lago ! ó penha ! ó selva ! ó solidões queridas !
Um sêr, um só vós falta, e sois um êrmo assim !..

Comece ou finde o sol o gyro seu brilhante,
Co' olhar indifferente eu sempre o vejo—além ;
Sombrio ou claro o céo, se ponha ou se levante,
A' mim qu' importa o sol ? commigo o sol que tem ?!

Ainda que eu seguir veloz pudesse o gyro,
Verieis, olhos meus, o vacuo e a solidão!...
De quanto aclará o sol eu nada, eu nada aspiro;
Não peço ao mundo amôr, venturas? tambem não.

Si á outros céos, porém, despindo o terreo manto,
Lá onde um outro sol resplende aos pés de Deus,
Pudesse eu transmuntar... o qu' hei sonhado tanto
Talvêz, oh! sim! talvêz surgisse aos olhos meus!

Lá, daria á final co' as fontes que eu desejo;
Lá, de novo acharia a esp'rança, a vida, o amôr;
E esse bem ideal, que é todo o nosso almejo,
Ao qual jámais não poude o mundo um nome por!

Qu'eu não possa me erguer, na luz d'aurora linda,
Aos céos a te abraçar, meu sonho! e a unir-me a ti!
Ai! no exilio que faz, que faz minh'alma ainda,
Si laço algum me prende á terra agora aqui?!

Quando seccas no outono as folhas cáem sem vida,
Da tarde as roja o vento ao longe pelo val.
Eu sou bem semelhante a folha emmurchecida:
Oh! leva-me contigo, horrendo vendaval!...

Bittencourt. Sampaio.

A ELVIRA.

Oh ! Sim ! Inda de Cynthia o dôce nome
Murmura o Anio aos alcantis de Tibur ;
Vaucluse inda conserva esse adorado
Nome de Laura ; e aos seculos futuros
—Elionora! —murmurará Ferrara.
Ditosa a bella que o poeta adora !
Ditoso o nome que elle houver cantado !
Tu, a quem do poeta o amor e o culto
Nobilita em segredo,

Tu poderás morrer ! que eterna vida
Lá no mundo dos pósteros o Vate
 Léga áquelles, que ama ;
E nas azas do genio amante e amada
Voam de par em par á eternidade !
Si meu fragil batel, que a tempestade
Açouta, por favor de dôces brisas
 Fosse abicar no porto ;
Si para mim se erguesse um sol mais bello ;
Si, enternecendo a disventura, o pranto
De terna amante em meu semblante pallido
Me viesse affastar da morte as sombras ;
Talvez... Ah ! sim, perdôa, ó rei da lyra !
Talvez ousasse (e que não ousa o amante ?)
 Igualar minha audacia
Ao amor, que m'inspira ; e, meus arroubos
Em rivaes dythirambos celebrando,
Deixar de nosso amor um monumento !
Tal o viajante em rapida passagem
Do valle á beira instantes repousando,
 D'arvore hospitaleira,
Que sombra amiga lhe prestou, no tronco
Antes de se partir seu nome grava.

Contempla a natureza :
Vê, como tudo muda, ou morre n'ella !
A terra os fructos perde, o ornato a selva,
No golphão do oceano o rio as ondas ;
O sôpro do Suão requeima os prados ;
 E no declive do anno
 Rola do outono o carro
Pela mão dos invernos impellido !

Gigante armado de infallivel gladio
Ferindo á esmo os outros seres todos
Co'a morte o tempo, sem cessar voando,
Renova na fugida o mundo vario !
Quanto elle ceifa, cáe no eterno olvido :
Tal um estio rapido na cesta
Dos cegadores vê tombar-lhe a c'roa.
Tal a videira seus dourados cachos
Vê o fecundo outono
Ao carro os entregar dos vindimeiros.
Caireis tambem, da vida ó flôres breves,
O' mocidade, amor, prazer, belleza !
Belleza, dom celeste de um só dia,
Assim cairás tu, si a mão do genio
Te não immortalisa !
Vê com pezar mesquinha mocidade,
No esplendor da belleza, ebria de gosos :
Quando esgotar a feiticeira taça,
Qu'ha de ficar-lhe ? Apenas a lembrança.
O tum'lo que a espera, inteira a sorve,
E aos seus amores eternal silencio...
.....
E os sec'los passarão sobre os teus restos,
E tu, Elvira, vivirás eterna !

Ayres de Almeida.

ESTANCIAS.

E eu disse internamente
O que fazer da vida?
Dos que me precederam
Os passos eu vou dar?
E assim como o cordeiro,
Andando um atraz d'outro,
Irei tanta loucura
Dos homens imitar?

Um busca sobre os mares
Thesouros fabulosos,
E a vaga além sossobra
O ouro e o galeão ;
Este outro atraz da gloria
Caminha e se afadiga
Morrendo após um nome,
Um écho falso e vão !

Aquelle, especulando
Co'as ambições do povo
Ao throno sobe e prestes
Esvai-se-lhe o poder ;
Em laços mais suaves
Aqui alguem succumbe,
Prendendo o seu destino
N'uns olhos de mulher !

Nos braços da miseria
Debate-se o indolente,
Revolve a fertil terra
O rude lavrador ;
O sabio pensa e escreve,
Batalhas ganha o bravo,
E o pobre nas estradas
Mendiga ao viajor !

Mas onde elles vão todos?
Caminham como a folha
Que o vento dos invernos
De rojo sacudio ;

E assim aniquiladas
As gerações baqueiam,
O tempo semeou-as,
Colheu e destruiu!

Lutaram contra elle,
Por fim foram vencidos;
O areal das margens
Solapa o rio assim...
As sombras fugitivas
Lá foram devoradas,
Nasceram e subitaneo
Chegou da vida o fim!

Por isso eu cantar quero
O Deus que adoro e temo,
Ou da cidade em meio
Ou lá na solidão;
Na plaga ou no mar alto,
Ao descambar da tarde,
Ao despontar da aurora,
Em toda a occasião!

A terra interrogou-me:
Qual é o ser que adoras?
— Aquelle cujo espirito
Enorme em tudo está;
Que mede a immensidade
Co'um passo seu apenas,
E que ao sol empresta
O brilho que elle dá!

— Aquelle que a materia
Formou do proprio nada,
E que por sobre o calos,
O mundo fez gyrar...
Aquelle que ao oceano
Marcou o fundo leito,
E que a luz brilhante
Creou de um seu olhar!

— Aquelle que não conta
Os dias que se escoam,
Que fez a eternidade
Com um gesto creador,
Que vive no futuro,
Qual vive no presente,
E marca o gyro ao tempo
Por ser d'elle Senhor! —

E' esse o Deus que adoro!
Ensine a minha lingua
Seu nome glorioso
Aos filhos dos mortaes!
Bem como o alampadario,
No templo suspendido,
Lhe votarei meu culto,
Meus cantos perennaes!

Joaquim Serra.

O CHRISTÃO MORIBUNDO.

Que ouço? Em torno á mim retrôa o bronze!
Que pia turba em lagrimas me cerca?
Por quem se entoa o psalmo e accende o cirio?
E' tua acaso, oh morte, a voz que escuto
Pela ultima vêz? — Desperto acaso
Na margem do outro mundo?

Tu, de um fogo do céu porção preciosa,
Habitante immortal do argileo carcere,
Vem-te a morte soltar! — desterra os medos;
Ergue o vôo, o' minh'alma, — os ferros quebra.
Depôr o fardo da misera humana
Póde chamar-se morte?

Cessou o tempo de medir-me as horas.
Nuncios fulgentes da mansão celeste,
Á que novos palacios transportais-me?
Já em ondas de luz eu nado; — o espaço
Ante mim se dilata, e ás minhas plantas
Fugir parece á terra!

Mas que é isto? Suspiros e soluços
No instante mesmo em que minh'alma accorda!
Socios do exilio! que! chorais-me a morte!
Chorais! e eu já sorvi no sacro calix
Da dôr o olvido, e em extasi minh'alma
Do céu demanda o porto!

Cardoso de Menezes.

ISCHIA. *

Lá vai de luz encher a varios globos
Dourado Phebo. No horisonte opposto
De manso a Lua sobe; e á noite estende
Véo transparente pelo casto ròsto.

Vê-lhe o fulgôr nos cerros ondeando,
Como um rio de amor em que se inundam;
Nas costas deslizar, dormir nos valles,
Ou reflectir nas agoas que o circundam.

* Ilha do Mediterraneo, no golpho de Napoles.

Dubia aurora, na sombra derramada,
Tinge o escuro do céu de azul radiante ;
E os horisontes, nas extensas vagas,
Nadam em crustas de crystal brilhante.

D'essas serenas praias namorado,
O mar lhe banha os pés entre mil beijos ;
E cingindo nos braços golphos, e ilhas,
As orlas refrigera com bafejos.

Como é bello o seguir ao longe as fórmãs
Da onda que ora vai, ora se esquivã !
Dirias virgem que resiste e cede
Ao louco amante de quem é cativa.

Qual suspiro de infante que adormece,
Brando se espalha um som nos leves ares :
Será do céu um hymno que a nós baixa,
Ou é de amor um ai, da terra e mares ?

Eil-o que sobe e cáí, renasce e expira,
Qual seio oppresso que em volupia abunda ;
Todo o universo n'estas noites lindas
Delira em queixas, em soidão profunda.

Que torrentes de vida ! Homem, recebe-a
Das mãos da noite, n'alma arrebatada ;
De amor te farta ; a sombra t'õ permite ;
No céu esse astro te conduz á amada.

Vês aquelle clarão tremer no outeiro?
E' um pharolde amor todo incendiado;
Como um lyrio curvado, alli a amante
Sofrega escuta os passos do querido.

No delirio em que está aos céos levanta
A bella os olhos, que o azul reflectem;
E os alvos dedos no alaude errando,
Taes sons os ventos humidos repetem:

« Oh! vem!... Olha o silencio em todo o espaço!
« Vem junto á mim gozar da noite a aragem;
« Ao longe apenas a velinha alveja,
« Que o pescador conduz n'essa paragem.

« Todo o dia segui d'olhos famintos
« Teu ligeiro batel, correndo os mares,
« Como do ninho a pomba temerosa
« Segue ufano trocaz que affronta os ares.

« Quando elle ia do ribeiro á sombra,
« Na vóz dos echos tua vóz ouvia;
« E á tarde a brisa, que na praia quebra,
« As xac'ras tuas n'agua me trazia.

« Quando a onda bramio na costa brava
« Do Mar á Estrella* murmurei teu nome;
« A lampada avivei-lhe; e ás minhas preces
« D'amor, o vento subito se some.

* O nome de Maria significa ESTRELLA DO MAR, e é este um dos titulos com que o christianismo invoca a Santissima Virgem.

« Eis a hora : quêdo é tudo, ou tudo ama !
« Alli, na arêa, as vagavas adormecem ;
« Ao tronco a flôr se encosta ; e os entes todos,
« Sob o palêo da noite, a vida esquecem.

« Olha : vem vêr o musgo alcatifando
« P'ra nós a varzea ! Os pampanos em élos
« Torcer-se ; e da laranja a flôr cheirosa
« Embalsamar-me nivea estes cabellos !

« A' branda luz da abobada serena
« Cantemos ambos em jasmins sentados,
« Até que a lua, p'ra Miseno andando,
« S'eclipse aos raios da manhã dourados. »

Canta ; mas pouco e pouco a vóz lhe morre ;
E o bandolim harmonico afrouxando,
Os echos seus aos zephyros entregam
Tenues suspiros, só de quando em quando.

Quem da maga poesia acceso o peito,
Em tal hora de amor e de saudade,
Subito visse de sua alma o sonho
Tocar as fórmãs de gentil deidade ;

Quem da fonte ao murmurio, quem no musgo,
A' sombra do cycomoro, sentado
A' seus pés, sob um céu de azues saphiras,
Só ais p'ra lhe fallar tivesse ousado ;

Quem lhe aspirando o halito, divino
A coma lhe sentisse errante e aëria,
Meiga roçar-lhe os olhos, perpassando,
Ou gyrar-lhe no rosto em onda etherea ;

Quem suspendendo as horas fugitivas,
N'estas veigas cravando alma e ciúme,
Crêsse que o Tempo aqui perdera as azas,
Homem sería, ou fortunoso nume ?

Mas nós nas fraldas deste verde Elysio,
Onde Amor o seu Eden escondera,
Ao som queixoso das serenas ondas,
A' luz d'esse astro que ora adormecera ;

Sob este céu que em vida e dita abunda,
N'estas ribas que alegre a vista corre,
Já d'outro mundo as auras respiramos,
Elisa !... E quem dirá qu'inda se morre ? !

José Soares de Azevedo.

O LAGO.

Errando, sem parar, de plaga em plaga
Da noite eterna o golphão demandando,
Não poderemos nós no mar dos évos
 Ancorar um só dia?

O' lago, um anno é findo! e em tuas praias
Tão queridas, que inda *Ella* vêr quizera,
Repara! eis-me hoje só sobre esta penha
 Em que a viste sentada!

Assim freurias tu nas cavas rochas ;
Assim no embate o seio lhe rompias ;
Assim tambem de espuma salpicavas
Os seus pés adorados.

Era noite e em silencio nós vagavamos
O rumor só se ouvia—não te lembrás?
Dos remos, que cadentes te tallavam
As harmonicás vagas.

Eis subito das ribas encantadas
Ignoto accento vibra e os écos fére ;
A vaga emmudeceu ; da vóz amavel
Cahiram taes palavras :

« Pára, ó tempo, teu vôo ! horas propicias,
« Suspendei vosso curso !
« Gostar deixai-nos as delicias rapidas
« Dos nossos bellos dias !

« Não poucos desgraçados vós imploram ;
« Correi, correi p'ra elles :
« Levai os dias seus e as suas magoas ;
« Esquecei os felizes.

« Mas debalde inda peço alguns instantes ;
« O tempo escapa e foge.
« Digo á noite « sê mais pausada » e a aurora
« Vem dissipar a noite.

« Amemos, pois, amemos ! fugaz tempo,
« Eia ! aproveitemol-o !
« O homem não tem pôsto á idade termo ;
« Elle corre e passamos ! »

Pois é crível que instantes tão suaves,
Em que amor de delicias nos inunda,
Fujam velozes, tempo ingrato, como
Os dias da desgraça?

Pois que ! nem seus vestigios permanecem ?
Que ! passados já são ! já são perdidos ?
Nem o tempo, que os deu, que os arreбата,
Nol-os dará de novo ?

Nada, passado, eternidade, abysmos !
Os dias que tragais que é feito delles ?
E pagar pretendeis sublimes extasis
Que nos roubais, dizei-nos ?

O' Lago ! ó grutas ! selvas ! mudas rochas !
Vós que o tempo respeita, ou que remoça,
D'esta noite guardai, guardai vós todos
Ao menos a lembrança !

Viva ella em teu repouso, em teus marulhos,
Bello Lago, e nos teus vergeis risonhos ;
N'esses rudes penedos, negros troncos
Que p'ra ti se debruçam !

Viva nas auras que murmuram, fogem,
No crebro estrepitar das tuas praias,
N'esse astro que pratêa as tuas aguas
Com seus molles fulgares!

E a aragem que suspira, a haste que geme,
De teu ar perfumado o alado aroma;
Tudo emfim que se vê, ouve e suspira,
Repitam: Elles amaram!

Maciel Monteiro.

A AGUIA E O SOL.

Nunca diga o menino : « Eu sou pequeno,
Não me presta o Senhor sua atenção ;
Atomo inutil sou entre os maiores,
Eu me perco na immensa criação ! »

Um dia disse ao sol aguia altaneira :
« Porque brilhas até no valle escuro ?
« Não te basta doirar cumes altissimos,
« Porque baixar a luz no lodo impuro ?

« Não é digna de ti rasteira hervinha,
« Nem o insecto que a noite acostumou-se. »
Mas o sol respondeu : — Sobe commigo.
E das aves o rei logo elevou-se.

Sobre as nuvens pairando devisava,
Como o valle a montanha se abater ;
E quando ella subio mais alto ainda
Vio na terra um só nivel tudo ser !

« Repára, — disse o sol — valle ou montanha
« E' igual tudo aqui, vê teu engano ;
« Eu não conheço grandes nêem pequenos,
« Semelha a gotha d'agua um oceano.

« Para todos eu sou fonte da vida,
« Amo o cedro e o caniço sem vigor ;
« Dou alento ao leão e a formiga,
« Doiro o cimo do monte e a pobre flôr ! »

Assim bondoso Deus reparte as vistas
Com pequenos e grandes mutuamente ;
Cantai preces, meninos, junto ás aras
De quem é para todos pai clemente !

Joaquim Serra.

TRISTEZA.

Eia ! conduz-me á afortunada plaga,
Onde n'um mar azul se espêlha Napoles
Com seus palacios e collinas, — onde
Limpidos astros refulgentes brilham
No espelho de crystal, — onde floresce
Debaixo de um céu puro e sempre ameno
Cheirosa a lorangeira. Sim ; partamos,
Partamos sem demora. Eu quero ainda

Vêr de novo se erguer todo inflammado
Das ondas o Vesuvio ; quero a aurora
Saudar inda uma vez lá dos seus pincaros ;
E, sonhando, descer risonha a encosta,
Guiando os passos da mulher que adoro.

Vem ! Contornemos o tranquillo golpho ;
E, sobre aquellas margens tantas vezes
Visitadas por nós, de novo ainda
Voltemos aos jardins da bella Cynthia,
Ao tum'lo de Virgilio, junto aos restos
Do templo outr'ora consagrado á Venus.
E lá por entre os laranjaes floridos,
Onde a vinha co'os pampanos se enlaça
Aos myrtos, e de flôres tece um páleo
Sobre a tua cabeça, — aos dôces fremitos
Da vaga que murmura ou mansa brisa,
A' sós co' o nosso amor, á sós gosemos
Almos instantes de um viver mais dôce.

Já de meus dias pallideja a lampada ;
E eu sinto que se apaga á pouco e pouco
Ao sôpro da desgraça ! Ai, s'inda ás vezes
Tenue clarão desprende, é quando, ó bella,
Tua lembrança se me aviva n'alma !
Não sei, não sei si Deus dará qu'eu possa
Findar por uma vez, cá n'este exilio,
Minha jornada tormentosa e lenta :
Sei que aos meus olhos, que escurece o pranto,
Esteita-se o horisonte ! e a vista errante
Ousa estendel-o pouco além de um anno ! . . .

Ai ! si eu devo á manhã perder o alento ;
Si n'essa plaga afortunada eu devo
Deixar cahir da minha dextra a taça,
Que o destino c'roára-m'a de rosas ;
Sómente a Deus eu pedirei, que os passos
Guie-me ás margens, que a lembrança tua,
Tão cara, aformoseia, — e que, expirando,
Possa ao menos saudar mesmo de longe
Esses queridos, venturosos climas,
Onde eu vivera lá de amor sonhando ! . . .

Bittencourt Sampaio.

A BORBOLETA.

Quando na terra a primavera assoma,
Raia tambem nos céos brilhante aurora,
 Que as trévas espancando
Vida, luz e calor vai derramando.
 N'essa estação, n'essa hora
Sai medrosa da larva em que jazera
 Formosa a borboleta,
 Fugaz, irrequieta,
Flôr que desponta ao sol da primavera.

A rosa que no prado altiva cresce,
Que ostenta o brilho, que pompeia ufana,
Pouco a pouco enlanguedece,
Pendida para o chão sem côr nem vida.
E' curto o seu viver, a flôr querida,
Já murcha e desfolhada,
Figura sobre a estrada,
Como a dama que fosse idolatrada,
Do throno decahida.
Da borboleta a vida bem semelha
Da flôr bella e vermelha
O rapido viver, rapido e breve,
Como o gyro veloz, que o sol descreve.

Mas emquanto da vida o dôce alento
Lhe presta ás lindas azas
Ligeiro movimento,
Percorre a borboleta o puro espaço,
Seguindo o leve traço
Da fugitiva aragem, que passando
Vai após si fragancias derramando.
Brinca depois no melindroso calix
Das flôres, que em botão mal desabrocham.
De aromas se inebria
De luz se farte; e quando já repleto.
Procura novas flôres,
Das azas, inquieta,
Sacode o pó doirado
Com que Deus o seu corpo ha matizado.
Adeja, vôa e corre, como um sôpro,
Ou rapido suspiro,

Ao longinquo logar, onde mil astros
Volvem-se bellos no constante gyro.

Da linda borboleta eis o destino.
Semelha bem o timido desejo,
 Que em nada se fixára,
 Que em tudo mal tocára,
Que, farto sem gosar, vai perigrino
Pedir no céo e procurar um beijo
De volupia ou de amor terno, extremoso,
Que bem lhe afogue o procurado gôso.

Almeida Braga.

A TARDE.

A tarde é toda silencio.
N'esta êrma rocha pousando,
Dos ares no vago eu sigo-a
No carro a noite avançando.

Do horisonte Venus ergue-se ;
E á meus pés de amor o astro
Lança á relva co'a luz mystica
Um estendal de alabastro.

A' faia sombria oigo-lhe
Os ramos estremecendo,
Qual crê-se ouvir junto aos tumulos,
Qu'anda uma sombra correndo.

Dos céos destacado, subito,
Da lua um raio pallente
Me affagando a fronte tacita
Vem-me aos olhos docemente.

D'igneo glôbo ó clarão placido,
Que me queres, lindo raio?
Trazes-me a luz ao espirito
Vindo ao meu seio em desmaio?

Dos orbes altos mysterios
Tu revelar-me vieste,
E d'essa, em que o dia some-te,
Formosa esphera celeste?

Sympathia occulta, aos miseros
Será, que enviar-te alcança?
Vens tú brilhar-lhes, noctivago,
Como um raio de esperança?

Vens do porvir mostrar paginas,
Á quem fatigado o implora?
Do dia, que nunca finda-se,
Raio divino, és a aurora?

Meu peito comtigo inflamma-se;
Á extranho arroubo m'impelles:
Dos que já não vivem, lembra-me...
És, doce luz, a alma d'elles?

Talvez, sim, que seus espiritos
Penetrem pela folhagem:
D'elles me julgo mais proximo,
Cercado de sua imagem.

Si sois vós, manes charissimos,
Longe da turba, e no seio
Do silencio ás noites socios
Vinde sêr-me ao devaneio.

Amor e paz restituam-me
Aos seios estanques d'alma,
Bem como da noite o rócio
Câe após diurna calma.

Ah! vinde!... Mas vapor funebre
Do horisonte lá se eleva;
Ao meu dôce raio vêla-o,
E tudo recae em treva.

Agnes de Almeida.

SAPHO.

Ruge na fraga o mar, desponta a aurora :
Sapho, em pé sobre a rocha assim se exprime :
Perto, as filhas de Lesbos, de joelhos,
Do abysmo á beira as vagas contemplavam.

Sem terror de vós me acerco,
Rocha fatal, fundo abysmo !
Ides a hostia arrebatár á Venus .

Eu de Amor desdenhei, Amor punio-me.
Mais dôces me serão, Neptuno, as ondas!
Vês de que flôres engrinaldo a fronte?
Esta fronte, que ha muito o tedio enlucta,
Como a um festim, ornada para a morte,
Fulge cingida da solemne facha.
Dizem (não posso crêl-o) que em teu seio
Do implacavel amor se escapa á furia;
Que, si os disvelos teus á luz nos volvem,
E' já da insana chamma deslembrados.
Mas não me valha, ó Deus, qualquer soccorro
Para do abysmo preservar-me os dias!
Buscar não venho nas propicias ondas
De passageiro olvido o vão remedio;
Procuro, sim, a paz da sepultura.
Eia, aceita meus ledos sacrificios!
E vós, porque carpís em vãos soluços,
Virgens de Lesbos? — Entoai um hymno.

Não me deixais, lembranças importunas?
Era nos bosques de Erycinio templo;
— Sacerdotisa gélida, insensivel —
Eu cantava na lyra um hymno á Deusa.
Surgiste derepente ao pé das aras.
Que nôvo arroubo, ó céos, como pintar-vos
Todos os fogos, em que ardeu meu peito?
Desfalleceu-me a voz, gelou-se a lingua,
E das tremulas mãos tombou-me a lyra.
Nunca os olhares teus, ingrata Daphne,
Viram mais bello o filho de Latona;
Nem mais brilhante a Erigone ostentou-se,
Thyrso em punho, de pampanos cingido,

No plaustro triumphal o Deus das Indias.
Vão-se todos... ficou-me a sua imagem!
Sem corar deste amor, a cada instante,
Só, de em tórno á seu tecto errava, em scismas,
Por superno poder preza á seus passos.
Folgava em vê-lo no Gymnasio, e em scena,
— Alvo á ovação da turba delirante —
Longe o disco arrojear com mão segura,
Nos jogos aos rivaes levando a palma.
Folgava em vê-lo de um corcel d'Elida
Como o vento velóz pendido ás crinas,
Voar primeiro á meta da carreira,
E voltar, coroadado, á passos lentos.
Como por seus triumphos me ufanava!
Si o poente suor da fronte bella
Me fosse dado de enxugal-o, ao menos!
Para ser sua irmã alguns momentos
De tudo abrija mão, té da belleza.
Vós, impotentes para a minha dita,
— Deidades vãs das margens do Permesse —
Eu lhe ensinei na infancia as vossas artes,
Para Phaon compuz os dôces cantos,
Que ha repetido, extasiada, a Grecia,
Que abrandariam o rigor do inferno,
Mas não seu coração; — ó pobre Sapho,
Do amor em paga a ingratição tiveste!

Dobrai suspiros, redobrai soluços!
Meu opprobrio chorai, filhas de Lesbos!
Si o carinho e meus pallidos encantos
O arrancassem á fria indifferença,
Si ao menos minhas lagrimas pudessem

Enternecer o coração do ingrato,
Nunca á um mortal tecera a mão divina
Mais peregrinos, gloriosos dias.
Oh ! que brilho este amor lhe dera á vida,
Que aos proprios deuses causaria inveja !
E meu amante, celebre no mundo
Como os meus versos, immortal seria !
Por elle, ó Venus, fumegára, eterno,
Em teus altares do holocausto o incenso ;
Por elle, noite e dia suspendêra
Sagradas oblações do amor nas aras,
Ou nas cordas do harmonico alaúde
Modulára as canções que mais lhe aprazem ;
Por elle ao vencedor nos jogos jonios
Quizera disputar do genio as palmas ;
Verdes laureis, que affagam-me a vaidade,
Colher para Phaon mais grato fôra ;
De meu triumpho o premio aos pés depôr-lhe ,
Dos meus raios de gloria a fronte ornar-lhe.

Da supplica ao nivel baixando o orgulho,
Que vezes te beijei o umbral da porta !
Si o teu rigor, dizia, para sempre
Me nega o dôce titulo de esposa,
Deixa ao menos, Phaon, deixa que Sapho
Viva a teu lado, escrava si o quizeres.
Oh ! que lhe importa a condição e o nome,
Si ella junto de ti consome a vida,
Te avista sempre, e no supremo instante
Vêr-te-ha lastimar paixão tão funda !
Não receies de mim fraqueza ou riscos :
Venus me igualará força e ternura.

Ligada aos passos teus no mar, na terra,
Vêr-me-has, seguir-te ao centro dos combates ;
Vêr-me-has, de Marte, as furias affrontando,
Os golpes desviar, que te ameaçam,
Entre teu corpo e a morte me antependo...
Oh ! quão ditosa se por ti morresse !
Si, cansado das lutas de Bellona,
Tu'alma succumbir, na tenda, ao somno,
Este somno, que ás palpebras me foge,
Me deixará velar junto á teu leito.
Si algum cuidado os olhos entreabrir-te,
Assentada á teu lado, á noite inteira,
Tangendo a lyra, que de amor suspira,
Hei de, aguardando a luz, lenir-te a magoa.
Dizia ; o vento arrebatou-me a prece ;
Sómente o éco as queixas repetio-me :
Só elle respondeu a meus soluços !

Meu opprobio chorai, filhas de Lesbos !
Tu, que me foste já ventura e gloria,
Lyra, que a dextra dedilhou por elle,
Teu caro aspecto me importuna agora !
Em cada nota trazes-me á lembrança
Pejo, vergonha, amor, o ingrato esquivo.
Quebra-te em minhas mãos, lyra funesta !
Não te pendurarei no altar de Venus ;
Ira celeste te disperse os restos
Sobre este mar, batido das procellas !
Pereçam os signaes de meus tormentos !
Não poder eu nas vagas sepultar-vós,
Minha gloria fatal, meus ternos hymnos !
Os meus vestigios apagar da terra !

Baixar toda ao inferno, e, ao fogo entregues,
Escriptos, que á Phaon dão fama eterna,
Levar commigo o opprobrio de meu nome!
Mas si os Deuses, que ultrajam seus rigores,
Neste momento á praia o conduzissem,
Desta mansão suprema approximando-o;
Si elle avistasse, em pé na rocha infausta
Sapho chorosa, desgrenhada, errante,
Com vãos soluços magoando as praias;
Perdoando-lhe a morte, amando-o immenso;
Lenta dispondo os funebres aprestos;
— Certo, tocado assim por meu supplicio;
Se arrependera da injustiça longa;
E, por meu pranto ardente derramado,
Diria á Sapho: vive para amar-me!
Mas quem digo? que sabe si, na ausencia,
N'alma, isenta de amor, cala o remorso!
Talvel na fuga a inspiração dos Deuses
Sinta, e páre, estremeça e presto võe
Para do abysmo suspender-me á beira.
Eil-o... a victima é salva... elle me chama.
Mas, que é isto?... Escutai!... Sôa de Lesbos
Clamôr longiquo despertando os écos!
Conheço a vibração da vóz tão cara;
Ergue-se o pó ao longo do caminho!
Olhai, virgens; não vêdes na collina
Phaon, que desce, á me estender os braços?
Mas não!—E' muda a natureza inteira;
Reina na terra sepulchral silencio;
Ermo o caminho está!... Só geme a vaga.
Meu opprobrio chorai, filhas de Lesbos.
Mas já do carro o sol apressa o gyro
Pela amplidão dos céos, que purpurêa.

Tu, que começas o meu dia extremo,
Adeus, ultimo sol, suprema aurora!
Toda a manhã resurgireis das ondas;
Mas eu morro; eu me extingo para sempre!
Adeus, dôce paiz; paternos compos!
Adeus, Lesbos, á Venus consagrada!
Adeus, praia em que a luz ferio-me os olhos!
Templo, em que minha mãe, mal fui nascida,
Consagrando-me aos céos, co'a mão tremente
Votou-me a infancia ao culto de Erycina!
Tu, sacro-santo bosque, em que no berço
De mel filhas do céu me alimentaram,
Adeus!— teus mimos vão, que o vulgo inveja,
De Cupido aos farpões, do fado aos golpes,
Não poderam salvar-te a vida, ó Sapho!
Viveste em pranto, e apagas-te na aurora!
Tal, apenas aberta a flôr fenece!
Tal morre, Amor cruel, nas aras tuas,
De cutello mortal ferida ao gume,
Victima ao culto teu predestinada,
Que o votivo pastor conduz ao templo.
E vós, que virdes o adorado ingrato,
Depois que a morte abotoar-me os cilios,
Levai-lhe meu adeus, dizei-lhe, amigas,
Que, já morrendo, murmurei seu nome.
Disse. A' noite, afastando-vós das praias,
Sem ella regressais, virgens de Lesbos.

Cardoso de Menezes.

REGRESSO.

Valle que ouviste meus cantos,
Fonte que prantos turvaram,
Prado, collinas e bosques,
Avesinhas que cantaram !

Brisas então perfumadas,
Veredas por onde eu ia,
Com ella ao sombrio bosque,
Onde o habito me guia !

Ah! como tudo mudara!
Hoje em pranto suffocado,
Procuro em vão taes encantos,
Em vão procuro o passado!

Como hoje, o céo era puro!
A terra tambem tão bella!
Ah! já sei! O que eu amava
Não ereis vós, era ella!

Vicira da Silva.

A EL. ***

Quando contigo á sós, as mãos unidas,
Tú pensativa e muda; e eu, namorado,
Ás voluptias do amor a alma entregando,
Deixo correr as horas fugidias;
Ou quando ás solidões de umbrosa selva
Commigo te arrebató; ou quando escuto,
— Tão só eu, — teus ternissimos suspiros;
 E de meus labios solto
Eternas juras de constancia eterna;
Ou quando, emfim, tua adorada fronte
Nos meus joelhos tremulos descança,

E eu suspendo meus olhos em teus olhos,
Como ás folhas da rosa àvida abêlha ;
Ai, quanta vez então d'entro em meu peito
Vago terrôr penetra como um raio !

Empallideço, tremo ;

E no seio da gloria em que me occulto
Lagrimas verto que a minh'alma assombram !

Tu carinhosa e tremula

Nos teus braços me cinges, — e assustada
Interrogando em vão, — commigo choras !

« Que dôr secreta o coração te opprime ?

« Dizes tu, — vêm ! confia os teus pezares...

« Falla ! eu abrandarei as magoas tuas !

« Falla ! eu consolarei tua alma afflicta ! »

Vida do meu vivêr, não me interrogues !

Quando, enlaçado nos teus niveos braços,

A confissão do amor te ouço, — e levanto

Languidos olhos para vêr teu rosto,

Mais ditoso mortal o céo não cobre !

Si eu tremo é porque n'essas esquecidas,

Afortunadas horas,

Não sei que vóz do enleio me desperta,

E me persegue e lembra

Que a ventura co'o tempo se esvaece,

E o nosso amor é facho que se extingue !

De um lance, espavorida,

Minha alma vôa ás sombras do futuro,

E eu penso então : « Ventura que se acaba

Um sonho vale apenas ! »

A UMA JOVEN ARABE.

Porque pedir-me o insenso da poesia,
Brilhante flôr do oriental deserto ?
Rosa, — tu que o bulbul escolheria
Para cantar sobre o teu seio aberto !

Dá-se perfume ao balsamo, que o exhala ?
Aos laranjaes em flôr prendem-se flôres ?
A' aurora dá-se acaso a luz da opala ?
A's estrellas emprestam-se fulgores ?

Não me peças cantar ! — si por ventura
Amas o brilho, que a poesia encerra,
Vem contemplar-te n'esta fonte pura,
Tu que não tens rival aqui na terra !

Quando á tardinha, do kiosque á sombra,
Onde ao luar a viração suspira,
Tu te assentas da relva sobre a alfombra
N'um tapête brilhante de Palmyra ;

Quando chegas aos labios côr de rosa
O narguilê de per'las cravejado,
E respiras a essencia melindrosa
Que se exhala do tubo perfumado ;

Quando a nuvem alada, que te beija,
Com seus flocos azues já te inebria ;
E que um sonho de amor além adeja
Nos ares, que tu enches de poesia ;

Quando o corsel da Arabia impaciente
Corre nitrindo sob o leve pêso
De teu corpo ligeiro, e brilha ardente
Seu olhar de relampagos accêso ;

Quando nos braços teus curvos qual urna,
Repousas teu angelico semblante ;
E brilha á luz da alampada nocturna
Do teu punhal a folha lampejante ;

Nada ha mais meigo no que a vóz murmura,
Nem mais dôce dos hymnos na harmonia,
Do que o triste gemer de uma alma pura,
Do que o teu riso, ó filha da poesia !

Eu já transpuz essa estação da vida,
Em que no coração rebentam flôres ;
Hoje apenas minha alma enlanguecida
Sagra á belleza pallidos fulgores.

Hoje um thesoiro tenho : — o alaúde.
Mas que poemas, que encantadas fallas
Não te eu déra na minha juventude
Só pelo fumo que do labio exhalas ;

Ou só para gravar a sombra errante
Que uma invisivel mão nos muros traça,
Quando ao reflexo do luar brilhante
Tua fórma indecisa ao longe passa !

Julio dos Santos.

ELEGIA.

Vamos colhêr a rosa ao despontar da vida ;
Da primavera em flôr bebamos o perfume.
Casta volupia inteira a vida em si resume ;
Amemos sem medida, amemos, ó querida !

Quando ao rugir do mar o nauta desvairado
Vê seu batel que vái a sossobrar na vaga,
Volta o olhar em pranto ao lar abandonado,
Tarde lamenta a paz que além ficou na plaga.

Ai ! como elle quizera então no lar dos seus,
Junto de tudo quanto occupa-lhe a memoria,
Esquecido viver sem p'rigo e já sem gloria,
Sem nunca ter deixado a casa, os patrios céus !

Assim curvado o homem ao peso dos estios
Lembra o tempo feliz que não póde voltar.
Ai ! Dai-me, o triste diz, meus dias fugidios ;
Quando era tempo, ó Deus ! perdi-os sem gozar.
Diz ! e a morte responde ! e os genios qu'elle implora
O impellem para o chão, que é tempo de morrer !
Nem lhe permittem mais que abaixe-se nessa hora
Para apanhar a flôr que não soube colhêr.

Amemos, dôce amada !
Zombemos da ambição que adormenta os mortaes ;
Da fumaça sutil pela espiral doirada,
Metade de seus dias lá foi arrebatada
Longe dos bens reaes.

Deste esteril orgulho inveja não tenhamos,
Aos filhos da vaidade deixemos a ambição !
Quanto a nós, sempre incertos da hora da partida,
Tratemos de esgotar as amphoras da vida
Em quanto as temos na mão.

Quer nos corôe o loiro,
Quer nos fastos crueis da impavida Bellona
Bronze ou marmore guarde o nome nelle inscripto ;

Quer da flôr que a belleza apanhe na campina
O amor nos entrelace a corôa divina,
Vamos todos rolar d'encontro nos rochedos :
Qu'importa quando o naufrago embate-se aos penedos,
Ter no barco veloz fendido altivo os ares,
 Ou no batel ligeiro
 Mesquinho passageiro,
Ter apenas costeadado o litoral dos mares ?

Castro Alves.

O TUMULO MATERNO.

Um dia, co'os meus olhos fatigados
De insomnias e de prantos,
Como vencido luctador já prestes
A remessar as armas,
Eu disse á aurora ; « Vais brilhar debalde ;
Com suas maravilhas
A natureza nos illude a vista,
E, tincto em rubras côres,
O céu sorri-se por zombar connosco.

Nada é real ou falso :
Tudo é sonho e mentira, engano d'alma
Que esp'rança vã prolonga.
As unicas verdades que sabemos,
Homens, são nossas dôres :
Esse breve relampago nos olhos,
A que chamamos vida,
Centêlha que deslumbra o pensamento,
Vai se atear bem longe !

Tanto mais nossos olhos descerramos,
Quanto é mais negra a noite.
Deus não passa de um nome excogitado
Para explicar o mundo,
Essa voragem mais escura ainda
Onde afundiou-se a mente ;
E tudo hesita e cái, como a poeira
Que n'arida corrida
O pé de um louco em turbilhões levanta ! »

Assim eu murmurava ;
E meus olhos fitavam, de invejosos,
Os seres insensíveis,
Cujo somno sequer não turbam sonhos ;
Já conchegava as palpebras
Ao sulco, á rocha, e meu olhar dizia :
« A' pedra e alimária
Porque razão não me assemelho ao menos ?

E este olhar errante
Como o do nauta que demanda o rumo
Ao fluctuoso abysmo,

N'um tumulto cravado, agora pára ;
Um tumulto modesto,
Caro sustento de uma dôr amarga,
Onde a sagrada relva
Que abriga minha mãe, cresce orvalhada
Das lagrimas d'aldeia !

Alli, depois que o anjo, transformado
De uma mulher nos traços,
Alma exhalou em Deus, sua luz pura,
Como se apaga a lampada
Quando começa a despontar o dia,
A' sombra dos altares,
Que foram sempre tão queridos della,
Eu mesmo, sim, eu mesmo
Na terra lhe cavei jazigo estreito,
Porta de outra morada !

Alli com sua esp'ranca dorme aquella,
Cujo sorriso ainda
Meus olhos procurava no momento
Em que se acaba tudo ;
Aquelle coração do meu origem ;
Aquelle seio, ai ! seio
Que, depois de gerar-me, alimentou-me
De leite e de ternuras ;
Aquelles braços a prestar-me affeitos
Um berço de caricias,
E aquelles labios que me deram tudo !

Alli em paz descansam
Sessenta annos de um fervido cuidado,
De uma existencia inteira
Passada a fazer bem,—de amor, de esp'rança,
De innocencia e pureza ;
Tantas aspirações a Deus frequentes,
Tanto fiar da morte,
Tantas virtudes em penhor á posse
Dos immortaes thesouros !

Tantas vigalias para alheias dôres,
Tanto pão dispensado
Para matar a fome aos indigentes,
Tanto pranto disposto
Sempre a mesclar-se com sentido pranto,
Tanto suspiro acceso
Para diversa patria, e tanta calma
No affan de uma vida,
Cuja corôa muito àlém pendia !

E alfim para que tudo ?
Para que um fosso de uma vez sorvesse
Esse ente inexaurivel !
Para ser elle fecundante adubo
De tão grosseiros sulcos !
Para que a herva funeral, que cobre
A sua sepultura,
Alli vingasse mais espessa e verde
Debaixo de meus rastros !
— Um punhado de cinza bastaria !

Não, não ! para tres passos
No chão esclarecer, Deus não creára
 Aquella luz immensa,
Alma de longo olhar, de heroico esforço !
 Virtude ! inutilmente
Sobre esta fria pedra o olhar se abate ;
 A tua perspectiva
E' mais forte que o tumulo, que a morte
 Muito mais evidente.

E, convencidos de tamanha prova,
 D'esta mansão meus olhos
Alçaram-se, e das nuvens emergiram ;
 E tenebroso ha pouco,
Meu coração recuperou seu facho.
 Feliz a creatura
A quem Deus outorgou mãe santa e boa !
 Custe o viver embora,
Embora amargue a morte, quem duvida
 Ante o materno tumulo ?

Franklin Doria.

A ANDORINHA.

Passageira andorinha, tu me foges?
Oh! pousar junto á mim depressa vem!
Ai! tu não vês que o coração te chama?
— Viajante, qual tu, não sou tambem?

N'este deserto a sorte nos reune;
Aninhar-te a meu lado agora vem!
Si tu gemeres, gemeremos juntos,
— Isolado, qual tu, não sou tambem?

Do tecto paternal, que me abrigava,
O mesmo fado separar-te vem ;
Acolhe-te ao umbral desta janella,
— Exilado, qual tu, não sou tambem ?

Já não tens lã para forrar teu ninho ?
Os teus filhinhos a tremer lá vem ?
Quero áquecel-os aos meus labios quentes :
— Como tu, minha mãe, não vi tambem ?

Não vês da França nas saudosas plagas
O lar querido, que esperar-nôs vem ?
Vai, e leva-lhe o ramo da esperança,
— Avesinha, qual tu, não sou tambem ?

Não me lastimes, não ! Si a tyrannia
O lar de meu paiz fechar-nos vem,
Para encontrar a liberdade antiga
— Não tenho o mesmo céo, qual tu tambem ?

Mello Moraes Filho.

O POETA MORIBUNDO.

Quebrou-se cheia a taça de meus dias ;
No halito, á suspirar foge-me a vida,
Nem pára aos brados da saudade em prantos ;
E no bronze, que á espaços me pranteia,
Minha hora final já bate a morte.
Gemer, ou cantar devo?

Cantemos, já que a mão pousa na lyra,
E a morte, como ao cysne, ais maviosos
Nas margens de além tumulo m'inspira.
Feliz agoiro, que me dá o genio !
Si harmonia, si amor é só noss'alma,
Seja-lhe adeus um canto.

Estalando, mais alto sôa a lyra ;
Ao apagar-se, inopinada a lampada
Se reaccende, e mais vivaz lampeja ;
Fita os olhos no céo morrendo o cysne ;
Só o homem volve ao seu passado, e os dias
Conta para choral-os.

Porém dias que são, que a pena valham
De choral-os alguém ! Um sol, que passa,
Repassa, breves horas tão fugaces,
Tão gemeas ! Si uma dá, outra nos tira.
Lida, discanso, dôr, um sonho ás vezes
E' o dia, e eis chega a noite.

Chore, sim, quem dos annos ás ruinas
Tendo com ancia as mãos, qual hera, presas
Futuro, esp'ranças, tudo vê perdido !
Eu que no mundo não criei raizes,
Ir-me-hei de manso, como a herva escassa,
Qu'á tarde o vento leva.

O vate é como as aves perigrinas,
Que nem os ninhos seus na praia os fazem,
Nem pousam sobre os ramos do arvoredos :

Na corrente embalando-se indolentes
Longe das margens vão cantando, e o mundo
Só a vóz lhes conhece.

Jámais extranha mão meus noveis dedos
D'harpa sonora dirigiu no ensaio :
Leccões não dão-nós, o que o céo inspira.
Sem que aprendesse, o arroio se deriva,
Co'as livres azas rasga os ares a aguia,
E a abélha o mel fabrica.

Do alto da torre o sino reboando
Alternado celebra, e canta, ou chora
O hymenêo, o nascimento e a morte.
Como elle ao fôgo depurado, eu era ;
Percutindo em minh'alma as paixões todas
Sublimes sons tiravam-lhe.

Tal por noite harpa eolia combinando
Das agoas co'o ruído a queixa etherea
Soa espontanea ao bafejar das auras ;
Ouve-a surprêzo o viajor, e pára ;
Attende, pasma, e não atina, d'onde
Partem os ais divinos.

Muito banhou-se em lagrymas minh'harpa ;
Mas orvalho celeste é-nos o pranto ;
Não faz-se a alma viril sempre em venturas :
E' esmagado no lagár, que mana
Da uva o succo ; o balsamo perfuma,
A' quem-no pisa, os passos.

Deus minh'alma formou co'um sopro ardente ;
E ella ao contacto seu tudo inflammava.
Funesto dom! Por muito amar eu morro!
E tudo, em que toquei, desfez-se em poeira :
Tal o fogo do céo, que cáe na sarça,
A devora e se apaga.

Mas o tempo? Lá foi-se. Mas a gloria?
Que val esse éco vão, que um seclo a outro,
Como ouropel dos posteros, atira?
Vós, que lhe dais o imperio do futuro,
Ouvi de minha lyra esta harmonia...
Mas já levou-a o vento!

Tende ah! na morte menos van esp'rança.
Que! a memoria deste som, que passa,
Vai lá n'um tumulo vão soar eterna?
Gloria, gloria este arfar de um moribundo!
Mas vós, que prometteis-lhe a eternidade,
Mortaes, tereis dois dias?

Deus o sabe! Jámais em minha vida
Meus labios sem sorrir pronunciaram
Tal nome, invento da loucura humana :
Quanto mais o sondei, mais vão achei-o,
E o repelli, como árida cortiça,
Que o labio embalde aperta.

No sonho esteril d'uma gloria incerta
Lançamos, ao passar, ao rio um nome,
Que na corrida mais, e mais fraqueia :

Brinco ás ondas do tempo, a ruina bella,
Fluctuando entre os seculos, naufraga
Nos abysmos do olvido.

Mais um nome á esses mares infinitos
Arrójo, e ao céo, e aos ventos ! Que se affunde...
Que bóie... eu nada ganho: é um nome apenas.
Quando se altêa ás regiões do ether,
Indaga o cysne, si na relva humilde
Fluctua a sombra sua ?

Porque cantaste ? E o rouxinol á noite
Porque mistura a dôce voz co'o murmur
Dôce do arroio, que entre sombras mana ?
Cantei, amigos, qual respira o homem,
Suspira a brisa, o passarinho geme,
E rumoreja a fonte.

Amor, preces e canto, eis minha vida
Dos bens que n'este mundo almeja o homem,
No extremo adeus saudades eu não tenho ;
Tenho dos ais, que para o céo se lançam,
Do extasi d'harpa, do silencio amante
De um peito ao meu unido.

Sentir da bella aos pés fremer a lyra ;
Vêr passar o delirio da harmonia
Na corrente dos sons ao seio d'ella ;
Fazer, que orvalhem pranto os caros olhos,
Como as per'las do orvalho ao sopro d'aura
Chovem d'um calix cheio ;

Vêr o queixoso olhar da virgem casta
Triste elevar-se á abobada celeste,
Como a voar co'a fugidia nota,
E á ti volvendo em pura chamma accêso
Sob os cilios deixar que a alma lh'esplenda,
Nocturno fogo tremulo ;

Vêr-lhe na frente perpassar a sombra
Da ideia; emmudecer-lhe a voz oppressa,
E da longa mudez alfim romper-lhe
Esse verbo, que até nos céos estronda,
Verbo divino e humano : Eu te amo, eu te amo !
Vale bem um suspiro.

Um suspiro ! Saudade ! Vans palavras !
Voando a morte ao céo minh'alma leve,
P'ra onde tendem naturaes anhelos,
Onde a esperança vêem fulgir os olhos,
P'ra onde os sons da minha lyra vôam,
Onde estão meus suspiros !

Qual passaro que vê no escuro funebre,
Vidente d'alma, a fé rasgou-me as trévas,
E meus destinos revelou prophetica.
Minh'alma quanta vez co'as igneas azas
Pelo futuro até o céo rompendo
Antecipou-se á morte ?

Em minha campa não inscrevam nomes;
Nem meu cadaver mausoléos esmaguem ;
Um punhado de terra ah! não cubiço.

Deixai-me só espaço, quanto possa
O misero ao passar por minha lousa
Pousar n'ella os joelhos.

Na sombra, e no silencio quantas vezes
Da relva d'um sepulchro se alevanta
A prece, e junto a morte acha a esperança !
Sobre uma campa, não nos prende tanto
A terra, os horisontes são mais vastos,
Mais leve ao céo sóbe a alma.

Lançai quebrada ao vento, ao mar, ás chammas
A harpa que só um som tem p'ra minh'alma :
Vou a dos Seraphins pulsar fremente.
Como elles, breve em immortal arroubo
Da lyra aos sons guiarei os céos acaso
Ao meu canto suspensos.

Breve... Eis da morte a mão pesada e fria
Me attinge a corda, que se quebra e exhala
Surdo queixume á divagar nos ares.
Minh'harpa é muda e gélida... Oh ! amigo,
Trava da lyra ; vôe aos céos minh'alma
Ao rumôr dos teus hymnos.

Ayres de Almeiad.

TREPADEIRAS.

Por entre a seara, ao sol pôsto,
A donzella me colheu,
E minha candida estrella
Em seus cabellos prendeu ;
Florinha que o prado gera,
Alli medrei, como a hera
Que na dahlia se enlaçou.
Em sua frente sorria !
Depois cahi murcha e fria. . .
E ella me abandonou !

Mas de manhã por acaso
Um caminhante me vio ;
Olhou-me n'um dôce enlevo,
Tristemente me sorrio.
Vém, me diz, flôr do deserto !
Em minh'alma um templo aberto
Encontras ; achas emfim,
Junto ao meu affecto santo,
O teu orvalho em meu pranto,
Em meu peito o teu jardim.

Desde então na messe occulta
Enrolo-me ás outras flôres ;
Abrigo-lhe as hastes bellas,
Animo-lhe as vivas côres :
Cortam-me alegres ceifeiras
Por entre as grammas rasteiras
Para as fronteas á dornar ;
Nasço pallida e abatida...
Uma manhã me dá vida,
Um pé me póde esmagar!

Emilio Zaluar.

INVOCAÇÃO.

Oh, tu que no deserto deste mundo
Me appareceste um dia! tu, celicola,
Que fizeste brilhar ante meus olhos
Do amor mais puro um scintillante raio,
Quando em noite profunda eu era immerso!
Tal como és aos meus olhos te apresenta;
Dize-me o nome teu, o teu destino,
Qual seja o teu paiz. Teu berço acaso
Teve origem na terra? ou, anjo bello,
Não és senão um halito divino?

Voltarás amanhã tranquilla e bella
A vêr do céu a luz serena e pura?
Ou neste exilio onde a miseria abraça
O negro luto e adôr, acaso, deves
Seguir ainda o teu penoso trilho?
Seja, porém, qual fôr teu nome e patria
E o destino que tens, ou do céu filha,
Ou feitura da terra, deixa ao menos
Render-te o culto meu, e os meus amores
T'os offerecer inteiros nesta vida.

Si deves como nós passar na terra,
Sê meu arrimo e guia, e dá qu'eu possa
Beijar por toda a parte o leve traço
Impresso por teus pés, que tanto adoro.
Mas si acaso deixares este mundo,
Batendo as niveas azas; si fugindo
De meus olhos, quem em te vêr se alegram,
Voares á te unir ao gremio angelico,
Recorda-te no céu de quem na terra
Tanto te amou, oh, suspiroso archanjo!

Almeida Braga.

O VALLE:

De tudo, até da esp'rança o peito meu cançado
Com votos não quer mais a sorte importunar.
Tú por um dia só, meu val da infancia amado,
Me asyla para a morte aqui eu esperar.

Eis da descida escura o ingreme carreiro :
Da encosta aos flancos seus lhe pendem matagaes,
Que, seu docel umbroso arqueando, todo inteiro
M'encerram na mudez, na solidão, e paz.

Por pontes de verdura occultos regatinhos
Nas curvas alli vão do valle á serpear;
Unindo instantes só crystaes, e murmurinhos
Não longe da nascente ai! vão se despenhar.

Como elles, minha vida assim mesmo escoada
Passou, ingloria e muda, e mais não volta, não.
D'elles tão clara a lympha! E minh'alma turvada
Jámais não reflectio de um sol bello o clarão.

Ás margens d'elles dous me prendem todo o dia
A sombra do arredor, dos leitos o frescor.
Infante, que embalou canto em monotonia,
Minh'alma dorme ouvindo o aquatico rumor.

Lá, vendo em torno á mim trincheiras de verdura,
Curto horisonte, mas que basta aos olhos meus,
Lá folgo de ficar, sósinho na espessura,
A' escutar a onda, á contemplar os céos.

Muito hei visto, e sentido, e amado em minha vida;
Vivo, do Lethe a calma eu venho aqui buscar:
O' sitio, sê-me a riba, em que tudo se olvida,
Que agora minha dita está em olvidar.

Jaz minh'alma em silencio, e o peito em quietitude,
Longe rumor do mundo expira, assim chegou,
Qual som, que de remoto o mingua a longitude,
E dubio d'escutar-se a brisa o transportou.

De nuvens atravez eu já diviso a vida
Nas sombras do passado á mim se evaporar ;
Só me ficou o amor, qual fica-nós querida
Formosa imagem só de um sonho à despertar.

Minh'alma, neste asylo extremo aqui repousa,
Qual cheio d'esperança, alegre viajor
Nas portas da cidade, antes d'entral-as, pausa,
E breve instante aspira á tarde auras, e odor.

Como elle, aos nossos pés tambem o pó tiremos ;
O homem caminho tal não torna á passar, não :
E da carreira ao fim, como elle, respiremos
A calma, que precede a eterna quietação.

Declinam, como a sombra aos montes debruçada.
Teus dias breves, máos, quaes dias hibernaes.
Amigos... já não tens ; sem dó abandonada
Sosinha do sepulchro andando a estrada vais.

Porém d'alli te chama natura, que te presa,
Te abre o seio seu... vai nelle te occultar :
Si tudo o mais mudou, não muda a natureza,
Não muda o sol, que sempre altêa-se á brilhar.

Ella de sombra e luz te cerca ainda agora ;
Não ames mais os bens, que falsos perdes, não :
O éco, que adorou Pithagoras, adora,
Ouve, como elle ouviu, celestial canção.

Nos céos contempla o dia, e as sombras cá na terra :
Dos ares n'amplidão vôa com o vendaval ;
Do astro, que pelo céu entre mysterios erra,
N'um raio pelo bosque a sombra entra do val.

Para o comprehender Deus a razão formara.
Alfim o Creador vai vêr na criação !
A's almas uma vóz falla em silencio clara...
Quem é, que a não ouviu dentro do coração ?

Ayres de Almeida.

A UM POETA.

Esta suave harmonia
Que teus sentidos deleita,
E' puro incenso que dás-me,
Meu genio não as enfeita!

Eu sou a brisa travessa
Que velóz além voeja,
Branda aragem, que nas folhas
De estranha vóz murmureja.

Que se escôa pelas fendas
De templo antigo em ruinas,
E desprende da harpa santa,
Preso ao altar, notas divinas.

Eu sou o sopro que tira
Da lyra o saudoso accento.
E', pois, a lyra a quem louvam,
Ou ao sonoro instrumento ?

Tú és o livro, eu o dedo ;
O meu reflecte o teu canto :
Não são meus, mais te pertencem,
Os sons que te agradam tanto.

Teu coração de poeta,
E' como um cofre de ouro,
Onde cai mesquinha esmola
Tenindo como um thesouro.

Das flôres que tú me offertas
Só guardarei a metade ;
Mas essas vêm olorosas
Co'os perfumes da amizade !

Joaquim Serra.

Á M.^{LLE} MICHATOWSKA.

Vê o cysne no lago a imagem sua,
Na propria luz debucha-se o relampago ;
No oceano o céu se vê, Deus no universo
E no porvir o homem.

No porvir desmaiado e frio interprete !
Espêlho baço, qual do Norte a lympha!
E seu prisma e fulgôr que importa ao vate,
Si a sorte é sem reflexo ?

Mas n'um peito sensível contemplar-te,
N'uns castos olhos que a afeição accende ;
Á furto descobrir o olhar amante,
 Como a noite uma estrella !

Dizer : no meio das humanas lides
Há um ponto de luz no immenso espaço,
Onde contra a calúnia, a inveja, a sanha,
 Tem meu nome um abrigo !

Minha lyra n'um peito vibra ao menos,
Que os meus ais, como o céo, mudos entende ;
Onde a minha voz sôa, a alma se esparge...
 Ah ! do Bardo eis o premio !

Embora o canto meu no olvido expire ;
Tu és o asylo meu, a gloria minha !
Vivêr mesmo ignorado nos teus sonhos,
 Ter um éco em tua alma...

Discreta testemunha do teu pranto,
Sentir-te os ais no peito encarcerados,
Nas tuas emoções fiel ter parte,
 Ser chamado em teus labios...

De dia na soidão seguir-te os passos ;
De noite vigiar-te á luz da alampada ;
Ser quem amas, e a sombra com que sonhas...
 Eis minha eternidade !

Maciel Monteiro.

O TEMPLO.

Como é dôce da tarde vêr-se a estrella
Solitaria, da noite precedendo
O carro silencioso, aos céos alçar-se,
E a sombra e o dia disputar-se á terra!
Como é dôce seus passos religiosos
Ao valle dirigir, e ao tosco templo,
Cujo modesto portico coberto
Vê-se de verde musgo, e onde fallam
Aos pios corações os céos benignos!

Oh bosque sacrosanto ! oh cantos funebres
Dos sepulchros d'aldêa !—eu vos saúdo !
Bemdigo, passageiro os teus moimentos.
Opprobrio áquelle que profana as cinzas
Dos mortos; sobre a lagem de seus tumulos
Curvo o joelho ; e a nave repercute
Meus passos sonorosos. Oh que noite !
Que silencio !—além no sanctuario
Apenas a luz tremula se avista
Da lampada que arde ao pé das aras.
Véla sósinha quando o mundo dorme,
Emblema da bondade, que vigia
Para os suspiros acolher do homem.

Avancemos. Ruido algum se escuta ;
O pavimento só geme a meus passos ;
Dos degráos passo além do sanctuario.
Sagrados muros !—sanctas aras !—triste
Póde minh'alma aqui verter seu pranto,
E confiar ao céo os sons estranhos,
Que só elle compr'ende, e a vós sómente
E' licito escutar. Mas que ! sem susto
Ouso chegar-me aos pés destes altares !
Ouso trazer, meu Deus, neste recinto
Um peito de dôr cheio, e de ternura,
Não temendo que a sua magestade
Vingue o respeito que á seu lar se deve !
Não ; do fogo não córo em que me abraço :
E' puro o affecto que a virtude accende,
Tão puro como o objecto, a quem jurei-o.
O meu com sacro fôgo o peito inflamma ;
Honra-o a constancia, e a desdita o apura :

A' terra o disse, e á toda a natureza,
Perante teus altares o repito ;
E até perante ti, Deus poderoso,
Ousarei nomeal-a. Sim, no templo,
Apesar do terror que elle me inspira
Baixo meus labios murmurarão— Elvira ;
E de tumulo em tumulo repetido
Este nome divino, como o accento
Queixoso de uma sombra que suspira,
O silencio quebrou deste recinto.

Frias campas, adeus, sanctos jazigos !
Duas vezes as horas repetiram
Os écos esta noite, que meu pranto
Corre perante vós ; tem-n'ó o céo visto,
E eu saio consolado. Da outra margem
Talvez Elvira neste instante vele,
E, bem como eu, tambem n'um templo escuro,
Olhos banhados em copioso pranto
Suas dôres confie ás êrmas áras.

A. F. Colin.

CANTO DE AMOR.

Napoles, 1822.

Si o brando ciciár podesse a lyra
Do zephiro imitar, que além suspira
 Através dos ramaes;
Ou da onda o murmúrio n'alva praia,
Ou da pomba o rulár, que amor desmaia
 A' beira dos crystaes;

Si suas cordas, qual a canna ao vento,
Vibrassem hymnos n'esse puro accento
De mystico cantar,
Que lá somente, na celeste altura,
Como os olhos aos olhos, com ternura
Sabem anjos fallar ;

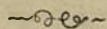
Si de taes hymnos a harmonia vaga,
Prendendo um'alma que a ternura afaga
De amor sómente em pról,
Sobre aereas imagens a embalasse,
Como a nuvem que manso lhe assoprasse
Um vento no arreból ;

Em quanto repousasse a minha amante,
Buscára os meus suspiros n'um descante
Murmurar-lhe e gemer,
Tão puros, como os extasis que inspira,
Tão dôces, como os sons que um sonho tira
Das margens do prazer !

Abre os olhos—diria—ó luz d'esta alma !
Deixa, deixa-me lêr do azul na calma
Minha sina de amor :
O teu languido olhar me é dôce e caro,
Mais que ao cego ao sentir de um sol avaro
Seu primeiro fulgor.

Vêde! um dos braços o seu collo enlaça,
Na frente o outro lhe cahio com graça,
Sem de todo a encobrir:
Assim pousando a rôla innocentinha
Curva o collo de neve, e estende a azinha
Sobre o ôlho— à dormir.

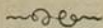
O brando arfar do seio que respira
Dissereis ser da onda que suspira
Co'as ondas á cantar;
E o véo dos cilios, que em redór lhe adeja
Dos seus olhos, talvez que a sombra seja
De um sonho á lhe afagar.



Como teu somno é dôce, ó virgem santa!
Como teu seio á suspirar me encanta
Tão suave á bater!
Duas vagas, assim, da lua aos raios
Mais de manso não veem com seus desmaios
Murmurar e morrer!

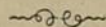


Deixa-me respirar todo o perfume
Destes labios de flôr... Accordas, nume?
O puro azul dos céus
Lá vêm beijar-te os olhos com ternura;
Mas tu, fugindo á luz que te procura,
Só vês os olhos meus.



Ah! que os nossos olhares sempre unidos
Derramem, quaes dous raios confundidos
Em seu longo fulgôr,
Nos seios um do outro a chamma ardente,
Luz de um'alma que brilha tão sómente
A' um meigo olhar de amor!

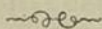
Até que um rócio as palpebras beijando,
Te venha, com seu véo a luz roubando,
Os teus olhos banhar ;
Bem como ao despertar de linda aurora
As perlas da manhã, quando ella chora
Nos céos á se occultar.



Falla! tua vóz me encanta!
Como um éco é dôce e santa,
Cada phrase em labios teus!
Quando ao ouvido ella me expira,
Minh'alma accorda e suspira,
Como um templo á vóz de Deus.

Um sopro, um som, é bastante!
Que minh'alma indo adiante
Teu pensamento á afagar,
Entende a vóz que desmaia,
Como entende a relva á praia
Das ondas o murmurar.

Som que em teus labios expira,
Pranto, ou riso que fugira,
Logo o entende o coração;
Tal a brisa sussurrando,
Por uma lyra passando,
Lhe adivinha uma canção?

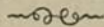


Porque cobre a madeixa o teu semblante?
Deixa esta nuvem te afastar um instante...
De formosa coraste?.. Assim tambem
Córa nos céos a aurora peregrina.
Pudor, celeste pêjo, instincto d'alma!
O que mais brilha mais te leva a palma,
Como, ó Deus, si a belleza, luz divina,
Pr'a os céos só fosse um bem!

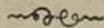
Teus olhos são duas fontes
Onde vêm pintar-se o céo,
Quando as ramas baixam frontes
A' mostrar-lhe o azul sem véo.
N'este espelho retractados,
Teus pensamentos doirados
Um á um se vêem brilhar;
Como n'agua clara e núa,
Rapida a imagem fluctua
De cysnes fendendo o ar.

A fronte, que o véo beijando
Te sombrêa assim louçan,
E' como a noite lá quando
No céo desponta a manhan.
Teus labios quando sorrindo
São ondas que vão fugindo
Da brisa errante ao cahir;
Que em suas margens queridas
Deixam á vista—luzidas—
Contar as per'las de Ophir.

Duas cestinhas mimosas
Em que a luz vê-se escoar
São tuas mãos; e de rosas
Véem teus dedos as c'roar.
Sobre a relva, que o abraça,
Teu pé se assenta; e a graça,
Como instrumento dos céus,
Aos sons iguaes de uma lyra,
Parece ser quem te inspira
Nos ligeiros passos teus.



Como minh'alma ao teu olhar se inflamma!
Baixa estes olhos, que tão casta chamma
Bem me póde matar!
Oh! vem antes a mim! Quero abraçado,
Assim... as mãos unidas, pelo prado
Ir contigo á vagar.



Existe ao pé de um lago uma collina,
Que a verde fronte levemente inclina
Sobre o azul dos crystaes;
Beija-lhe o sol ardente o dia inteiro,
E o halito da onda alli fagueiro
Move a sombra aos ramaes.

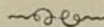
Cingindo dois carvalhos, que ella abraça,
Selvagem vinha á seus ramaes se enlaça,
C'roando-lhes então
Co' a sua verde folha a escura fronte;
E d'entre sombra e luz depois no monte
Corre alegre em festão.

N'um rochedo que além se precipita
Uma gruta se vê, ninho que habita
Philomela á cantar;
Tecto e chão a figueira e a vinha adornam;
E os frouxos raios que do sol se entornam
Véem o dia marcar.

Ao frescôr de taes sombras tão discretas
As pallidas, e timidas violetas
Téem mais longo viver;
E o regato que manso cáe da grotta
Parece, distillando gotta á gotta,
Vir cantar e gemer.

Atravéz d'esse quadro de verdura
Vê-se o céo que na onda azul se apura ;
 Mais ao longe, tambem,
Do pescador as velas na barquinha,
Como as azas de uma ave branca e azinha,
 Cortando o lago—além.

Alli murmura a vaga que desmaia,
Como de um longo beijo os sons, na praia,
 E do zephiro a vóz :
Tambem do rouxinol brandas endeixas,
E o éco do rochedo n'essas queixas
 Suspiradas por nós.



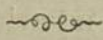
Vem ! á sombra tão propicia
Busquemos nós descansar,
Té que a flôr que vive um dia
Se veja então á murchar.
Eis o teu céo, minha estrella !
Levanta o véo que te vela,
Desprende aqui teu clarão ;
Falla, geme sonha, e canta,
E consente, ó virgem santa,
Um olhar por compaixão.

Quero-te o musgo de rosas
Com minhas mãos semear ;
Junto ao leito onde repousas
Quero á teus pés me assentar.

Feliz a relva que pisas,
E o botão que as folhas lisas
Lhe desenrolas de amor !
Felizes taças vermêlhas
Que bejas, como as abêlhas
Voando de flôr em flôr !

Si o mel que dá-lhe a açucena
Do calix rolando está ;
Si a brisa voando amena
Traz-me uma gotta de lá ;
Si a madeixa se soltando,
Pelo meu rôsto ondolando,
Os labios meus vem roçar ;
Si depois suspira e geme . . .
Sinto na frente que treme
Da morte as azas passar.

Não te esqueças, doce amada,
De que Deus com terna mão
Té lançou na minha estrada,
Como a sombra ao corpo ; então,
Desde essa hora querida,
Minha vida á tua unida,
Como um só raio, uma flôr,
E' uma taça bem cheia,
Onde minh'alma que ancia
Bebe innocencia e amor.



Ha de o tempo fanar-te um dia as côres
Com seu gélido sôpro, como as flôres
Arrancadas do hastil ;
E, sobre os lindos labios perpassando,
Hade os bejos murchar-te m'os roubando
Desta boca infantil.

Mas quando os olhos teus nadando em pranto
Comecem de chorar perdido o encanto
Co'os dias que se vão ;
E — saudosa — das ondas na miragem,
Queiras vêr si ainda é bella a tua imagem,
Busca-a em meu coração.

Por seculos sem fim vê-la-has formosa,
E á sombra da constancia aqui saudosa
Sempre, sempre á velar ;
Tal como a luz da alampada tremente
Que uma virgem protege, mão na frente,
Por um templo á passar.

E quando a morte de outro amor seguida,
Sorrindo, de um só golpe a nossa vida
Apague de uma vêz,
Que ella junto do teu meu leito estenda,
E a tua á minha mão inda se prenda
Desse chão na aridêz.

Ou juntos sobre a terra, antes, passemos,
Como dois cysnes que amorosos vemos
Solitarios partir
Do seu ninho, no outono, sempre unidos,
Em busca de outros climas mais queridos
Onde vão-se á sumir!...

Bittencout Sampaio.

HYMNO DA NOITE.

Sobre os pincaros teus eis morre o dia,
O' Terra, onde tão froxos vão meus passos !
Quando podereis, quando,
Olhos cansados meus, saudar contentes
Do dia, que não morre, os suspirados,
Divinos esplendores ?

Serão acaso ás trévas destinados
Estes olhares tão de luz sequiosos ?

Por que razão, ó Noite. alternam elles
Entre o brilho do dia scintillante
E as tuas sombras funebres?

De admirar do Senhor as maravilhas
Farta não é ainda esta minh'alma ;
Nem em subidos inflammados vôos
Este meu coração, que tanto o adora,
Ha-se ainda esgotado!

O' Deus, ó Deus do dia, Deus das noites,
Deus de todas as horas!
Sobre os fogos do sol dá que eu remonte!..

Aonde vai pela parte do occidente
Esta nuvem vermelha?
Vai cobrir com o seu longo véo de chammas
Os umbraes dos teus sanctos tabernaculos,
Onde a noite, onde o somno não penetram!
Quão bellos são aos olhos da esperança
Estes do firmamento infindos campos
Pelos lençóes da noite sombreados!
Minha vista, ó meu Deus, n'estes desertos
Um sobre outro descobre os teus prodigios
Tantos, tantos, que entre elles erra e perde-se!

Esses córos fulgentes, que pel'aura
Do teu dêdo guiados, se arremessam
N'esses d'azul purissimos oceanos;
Esses phanaes d'espaco a espaco accêsos,

Esse astro que fulgura, astro que apaga-se,
Compr'hendo-os eu, Senhor! tudo te canta,
Tudo diz-me que cheio está o abysmo
Da omnipotencia tua; que são vivos
Estes ceos, e que a tua Providencia,
A quanto ha feito, com seu sopro anima!
Estas ondas d'azul, d'ouro, de luzes,
Estes sem conta nebulosos mundos
Mais não são, ó meu Deus, do que a poeira
Que o mover dos teus passos alevanta!

Désenrolai, ó Noites silenciosas,
As do livro dos céos immensas paginas!
Astros brilhantes, gravitai cadentes
Na vossa etherea, harmoniosa estrada!
N'estas horas solemnes, vossas azas
Dobrai, ó aquilões; e tu, ó terra,
Adormece os teus écos encantados!
Sobre as praias estende as tuas vagas,
O' mar, e d'Esse que essas vagas dêu-te,
Os transumptos balança!

O seu Nome! sabeil-o? A natureza
Em vão reúne seu milhar de vozes.
Qual o Deus que estas leis nós ha traçado?
Uma estrella á outra estrella em vão murmura,
E uma vaga á outra vaga: « Quem é Esse,
Que austero ao nosso impeto põe côbro? »
E ao aquilão o raio: « Sabes como
Se nomeia o teu Deus? » Mas nem a terra,
Nem astros, e nem homens, nada pode
Acabar o seu nome.

Quão estreitos, Senhor, para minh'alma
São teus Templos! Cahí, muros inválidos!
Cahí! Deixai-me além vêr esse empyreo,
Que m'escondeis! De chamma são tuas cúpolas,
O' Divino Architecto!

Quão estreitos, Senhor, para minh'alma
São teus Templos! Cahí, muros invalidos!

Eis, eis o Templo augusto, onde resides!
Do firmamento sob a vasta abóbada
Estes rapidos fogos reanimas
Por seu constante, eterno movimento!
Todas estas feituradas do teu Verbo,
Em seu duplice pólo balançadas,
Nadam no seio dos teus raios fulgidos,
E dos céos, onde a luz se lhes desmaia,
Sobre este globo só clarões reflectem
A ti mesmo pedidos!

Aos pés do seu Rei brincando,
Sobre o abysmo dança o mar;
Co'as rijas, tremendas azas
Açouta o bulcão o ar;
Por ti, em igneo combate,
Teu Nome decanta o raio;
Dos montes as bases tremem
Da procella ao duro embate;
Com triple, luzente aureola
Tua fronte excelsa c'rôam
Raio, bulcão e procella:
D'aurora o ôlho te admira,

Do dia a luz te respira,
A noite por ti suspira,
E a terra d'amor expira
Teu Nome ouvindo, Senhor!

E eu, ó Deus dos sóes, para louvar-te,
O que sou eu! Na immensidade um átomo,
Um minuto, e não mais, na eternidade,
Sombra que passa sem deixar vestígios.
Podes acaso sem prodigio ouvir-me?
Ah! que prodigio é a bondade tua!

Eu nada sou, Senhor; porém devora-me
Por ti ardente sêde! E' nada o homem,
Mas assim mesmo pelo amor se eleva,
Assim mesmo te adora! E tu não podes
O insecto desprezar, que honras te rende,
Nem surdo ser á vóz que á ti se exalça
Humilde, supplicante,—á voz do vate
Que ao teu divino assento, quando as sombras
Da noite se evaporam, vai nas azas
Esplendidas d'aurora os pés beijar-te,
Sobre os fogos do dia lá se embala,
E á tarde inda lá geme, e á noite, e sempre!

Nos páramos de azul, oh! sim! que alaga
Dos esplendores teus a immensidade,
Onde rebôa teu trovão tremendo,
D'onde vélas por mim, estes accentos,

Estes suspiros meus, que a fé anima,
Vão buscar de astro em astro
Um Deus que me responda,
E de éco em éco, como a voz dos mares,
Rolando, sem parar, de mundo em mundo,
Soar humildemente ás plantas tuas.

M. B. Fontenelle.

O ISOLAMENTO.

A's vezes sobre o monte
A' sombra do carvalho
Assento-me sosinho
Ao triste pôr do sol;
A vista errante e varia
Percorre o verde plaino,
Que sob as plantas minhas
Desrola o seu lençol.

Aqui murmura o rio
Volvendo a branca espuma,
Recurva a argentea veia
E vai-se além sumir.
Alli o lago immovel
Dormente se espreguiça,
E n'elle vê-se a estrella
No céo posta a luzir.

No cimo destes montes
De bosques sombreados
Lança o crepusculo ainda
Seu ultimo clarão ;
E o carro vaporoso
Da lua que desponta
Aclára frouxamente
Ao longe a solidão.

Agora reboando
No agudo campanario
Um som religioso
O espaço percorreu :
Susta o viajor o passo,
E o sino rude e santo
Aos ultimos ruidos
Mistura o canto seu.

Mas a tão bellos quadros
Minh'alma indifferente,
Não sente ao contemplal-os
A minima impressão ;

O'lho e contemplo a terra
Tal qual uma alma errante;
O sol sómente aquece
Aos que com vida estão.

Em vão o olhar volvendo
De um monte á algum outeiro,
Do norte ao sul, de um lado
A' um outro além no céu;
Corro, e percorro os pontos,
Que a vista alcança e busca,
E digo: a felicidade
De mim fugio, correu!

De que me serve o valle,
Palacios e choupanas,
Si em nada não encontro
Prazer, encanto algum?
Rios, penhascos, selvas,
Soidão querida out'ora,
A' vós vós falta um anjo,
Não tendes ser nenhum!

Quando do sol o curso
Começa ou se termina,
Contemplo indifferente
E sigo o gyro seu.
N'um céu sombrio ou claro,
Que importa que elle surja?
Que em nuvens se recline?
P'ra mim o sol morreu.

Quando eu seguir pudesse
Do sol o vasto gyro,
Veria em toda a parte
O vacuo e a solidão.
Já nada mais desejo
De tudo o que elle aclára:
Pedir consóllo ao mundo
Seria a prece em vão.

Porém, talvez, quem sabe?
Além da sua esphera,
Lá onde um sol diverso
Aclára os outros céus,
Si eu desse á terra o involucro
De argilla fabricado,
O anjo por quem soffro
Veriam os olhos meus.

Lá, eu seria ebrio
Bebendo a lympha pura,
Lá, eu encontraria
Esp'rança e amor tambem;
E esse bem sonhado
Por que toda alma anhella,
Mas que no mundo ingrato
Um só nome não tem.

Ai! que eu não possa misero,
Levado pela Aurora,
Anjo querido e bello,
Prostrar-me ante os pés teus!

N'este penoso exilio
Porque vegeto ainda?
Elo nenhum me prende
Aos duros males seus.

Quando do bosque a folha
Cae sobre o verde plaino,
Da noite o vento a leva
De rojo pelo chão.
Eu sou bem semilhante
A' folha murcha e secca;
Oh! leva-me contigo,
Terrivel furacão.

Almeida Braga.

O LAGO.

Sempre impellidos, sempre á ignoradas plagas,
Para a noite sem fim de que não ha voltar,
Não nós é dado pois, dos seculos nas vagas,
Ao menos um só dia a ancora deitar?

Devias reflectir de nôvo a sua imagem,
O' lago: não ha muito o anno terminou!
Olha! eu venho assentar-me agora á tua margem,
Solitario na pedra em que ella se assentou!

No concavo rochedo assim tu soluçavas ;
Tuas ondas alli partiam-se uma á uma ;
E era assim tambem que ao vento te encrespavas,
Borrifando os seus pés de aljofares de espuma.

Vogavamos uma vêz—te lembras?—Pelo espaço,
A' noite, n'estes céos, das aguas pela flôr,
Só dos remos se ouvia o placido compasso,
Da onda harmoniosa o magico rumor.

Foi então que uma vóz na terra peregrina
Da riba enamorada os échos accordou ·
Ficou sereno o lago, e aquella vóz divina,
Que eu amo estremecido, ao vento murmurou :

Tempo ! suspende o vôo ; em tantas alegrias,
Parai, horas propicias !
E deixai-nôs gosar de nossos bellos dias
As rapidas delicias !

Para o misero, sim, que vós implora tanto,
Perpassai como o raio ;
Seus dias encurtai para enxugar-lhe o pranto ;
O que é feliz... deixai-o.

Baldado intento meu ! Por mais e mais que eu peça
Se vai o tempo embora ;
Posso á noite dizer « Não corras tão depressa »
Foge, esvaece á aurora.

Vamos! Amemos pois! que o dia além desmaia...
Sem descuidar, gozemos!
O homem não tem porto, o tempo não tem praia!
Lá vò. . . nós morremos!

De amor a embriaguez libada em plena taça,
Póde, ó tempo cruel! tambem morrer assim?
O dia do prazer e o dia da desgraça
Fogem no mesmo vôo, e tem o mesmo fim?

De uma vêz! para sempre! então tudo se apaga?!
Do momento feliz não ficam sem signaes!
O tempo é quem o dá, o tempo é quem o traga!
A hora em que se amou não volta nunca mais. .

Passado! eternidade! os dias que tombaram
Em vosso abysmo negro—aonde, aonde vão?
Tantos sonhos de amor que rapidos passaram,
Que tragastes, sem dó—dizei; não volvem, não?

Grutas, florestas, lago — em vós minha esperança!
Vós que o tempo respeita enquanto o homem cái,
Guardai d'aquella noite ao menos a lembrança!
Formosa natureca, eu peço-vós! guardai.

Fique ahi, lindo lago, a imagem adorada,
Quer o zephiro cante, ou ruja o vendaval,
Na bronca penedia ás aguas debruçada,
Na verde encosta, e alli no escuro pinheiral!

Fique n'este rumôr que vai de praia em praia;
Freme a palpitar na vóz da viração,
E no astro do amor que languido desmaia
E quebra em teu espêlho o pallido clarão!

O vento que murmura, a canna que suspira,
Os perfumes que o ar exhala em torno á ti,
Tudo quanto se vê, se ouve ou se respira
Possa sempre dizer: Amaram! Foi aqui!

Pedro Luiz.

O RAMO DA AMENDOEIRA.

Tú és, ó haste florida,
O emblema da formosura!
Como tú, a flôr da vida
Florece e cáe prematura.

Quer collida em nossa fronte
Ou nas mãos de amor, quer fóra,
Ella escapa folha á folha,
Como o prazer d'hora em hora.

Gosai seus dons transitorios,
Que as auras tentam roubar;
Esgotai no calix ledo
O aroma que vai findar.

A belleza fugitiva
É qual flôr d'alva, que alfim
Em a fronte do conviva
S'esfolha antes do festim.

Um dia cáe, outro se ergue,
A primavera já cessa:
Cada flôr que o vento leva
Nos diz: gosai-a depressa!

E já que tambem as rosas
Soffrem da morte o rigor;
Ao menos não emmureheçam
Se não nos labios d'amor.

Maciel Monteiro.

O CRUCIFIXO.

O' tu, que de seus labios expirantes,
Recolhi com o alento e extremo adeus,
Simb'lo santo duas vezes ; dom de um anjo,
Imagem de meu Deus!

Em teus pés quantas lagrimas eu verto,
Desde que, de seu seio em afflicção,
Inda mórno do ultimo suspiro
Passaste á minha mão!

O padre murmurava um triste canto,
Espalhavam os brandões funereo brilho,
E do levita o canto semelhava
Da mãe que emballa o filho!

A esperança do céu, que cabe ao justo,
Brilhava de seu rosto na beldade;
Nelle a dor imprimira as graças suas,
A morte a magestade!

Co'os cabellos esparsos, vinha o vento
Por momentos velar o rosto seu;
Assim sombreia a coma do cypreste
O branco mausoleu!

Fóra da cama um braço pendurado,
Langue o outro no peito sem calôr,
Parecia buscar, e dar aos labios
A cruz do Redemptor!

A boca se entreabrio para beijal-a,
Mas fugira-lhe a alma n'esse instante;
Qual perfume subtil, que, entregue ás chammas,
Extingue-se fragrante!

Tudo agora é silencio n'esses labios!
Calou-se o respirar d'aquelle seio!
E dos olhos sem luz a frouxa palpebra
Descáe, feixa-se á meio!

Eu, tranzido de dor, não me atrevia
De perto a contemplar o corpo amado;
Dir-se-hia que da morte a magestade
O havia consagrado!

Mas o padre. entendendo o meu silencio,
Tirou-lhe o crucifixo d'entre a mão,
E disse: eis o confôrto e a lembrança,
Guardai, guardai, irmão!

Ai, sim, te guardarei funebre herança!
A arvore plantada em seu jazigo
Sete vezes mudou já de folhagem,
E tu inda és comigo!

Bem unido a meu peito tu prohibes
Que o tempo á sua memoria ponha fim!
Gotta a gotta meu pranto amolleceu-te,
Gravou-se no marfim!

O' confidente extremo d'esta vida,
Fica sobre o meu peito, e diz clemente
Quanto disse sua vóz, quando já debil
Chegava á ti sómente!

N'essa hora em que os sentidos são gelados,
Nem busca o olhar as scenas mais queridas;
E pouco a pouco a alma vai fugindo,
Já tarde ás despedidas!

Quando incerta entre a vida e entre a morte,
Qual fructo que do galho se desprende,
Para a tetrica noite do sepulchro
A alma o vôo estende!

A fim de que o caminho se illumine,
Por onde as almas sobem dos felizes,
Consolador divino, ao moribundo
Ai! diz o que tu dizes!

Sabes morrer; tuas lagrimas divinas
Correram n'essa noite de anciedade
Em que oraste no hórto de Oliveiras,
De manhã até a tarde!

Da Cruz viste soffrêr a Mãi Santissima,
E a natura subir da dor ao cumulo;
Deixaste, como nós, na terra amigos,
E o teu corpo no tumulo!

Por graça de tua morte, que eu consiga
Sobre o teu seio a vista desprender!
Quando chegar minh'hora, lembra a tua,
Ensina-me a morrer!

Buscarei o lugar onde os seus labios
Callados murmuraram o ultimo adeus;
E sua alma ha de vir guiar a minha
Para o seio de Deus!

Ai! possa, possa então junto a meu leito
Vir alguém muito triste e consternado,
Recolher de meus labios resequidos
O funebre legado!

De tanto amor emblema, ó crucifixo!
Na dor nos refrigera e fortifica;
Sê penhôr de esperança e de saudade
Do que vai ao que fica!

Até o dia em que a vóz ativa e forte
Soar, vinda do céo, envôlta em luz,
Despertando os que dormem junto á sombra
Da sempiterna Cruz!

Joaquim Serra

GETHSEMANI.

Homem de dôr hei sido desde o berço :
Giram no coração, não sangue, lagrimas !
Ou antes este choro, — cujo encanto
Roubou-me Deus, — se ha n'elle empedernido.
A amargura é meu mel, a dôr meu jubilo ;
Fraterno instincto aos tumulos me prende ;
E só em meu caminho me detenho,
Si ruina, ou luto vejo !

Si encontro puros céos, virentes veigas,
Doces valles, que o mar no seio abraçam,
Passo, e, sorrindo amargamente, digo :
Aqui mora a ventura, ai! não a minha!
Só tem éco minh'alma, onde se geme,
E patria em qualquer parte, onde se chora ;
Terra, de cinza e lagrimas formada,
É onde dormir quero!

Perguntas-me porque? Ai! si o dicesse,
Do amargo abysmo as ondas revolvêra,
Minha boca soluços só fallára!
Rasga meu coração, si queres lêl-o :
Cravou-lhe o ferro em cada fibra a morte ;
Suas pulsações são lentas agonias ;
Qual Gemonia, somente o enchem mortos ;
Minh'alma inteira é um tumulo!

Quando, onde Christo quiz nascer, estive,
Não perguntei pelos lugares sacros,
Onde o pobre a seus pés lançava palmas,
Onde o Verbo em sua vóz se revelava,
Onde o Hosanna o seguia em seus triumphos,
E a mão, no pranto de mulheres santas
Rociada, enxugando a flamea fronte,
Infantes afagava.

Conduzi-me, ó meu pae, onde se chora!
Ao funebre jardim, onde olvidado
Pelo Pai, pelos homens, sangue e agua,
— Suor de morte — quiz sual-os Christo.

Deixai-me só!... Sentir tambem desejo
A dôr que encerrar póde uma hora infinda!
Homem de desespero, esta é minha ara ;
A agonia é meu culto!

Ha junto dos jardins das Oliveiras,
Dos muros de Sião desmoronados,
Um lugar, d'onde o sol avérte os raios,
Onde entre as margens filtra exausto o Cédron :
É lá de Josaphat o escuro valle ;—
Em vêz d'hervas germinam só ruinas ;
Dos solapados troncos as raizes
Fendem pedras de túmulos!

Lá jáz na rocha a tenebrosa gruta!
O Christo alli saboreára a morte,
Quando, accordando amigos que dormiam,
Lhes disse vêzes tres :— A hora é medonha!
Vellai!— Parece qu'inda os labios tocam
Gottas do calix na sangrenta lage,
E que reçuma a penha inda os suores
Do fatal sacrificio!

Nas mãos a frente, lá me hei sentado,
Meditando em que o Homem Deus pensára ;
Uma por uma computando as lagrimas,
Que alveo, correndo, á vida me cavaram.
Meus trabalhos pesei, vida por vida ;
Minhas dores contei, morte por morte ;
E alfim n'um sonho se arrobou minh'alma...
Deus! que sonho hei sonhado!

Sob as maternas azas eu deixára
Minha filha adorada, o meu thesouro!
Cada estio seu rôsto aprimorava:
Tinha a idade em que o céo as almas chama!
Dos olhos sua imagem não delia-se;
Rastros de luz deixava em seu caminho;
E os pais, para invejar-m'a, sem voltarem-se,
Jamais passal-a viam!

Da procella da vida unica ruina!
De amor um só vestigio, unico fructo
De tantas flores! Na partida—um choro!
Na volta—um beijo! De meu lar errante
Eterna festa! Sol que illuminava-me!
Passaro que bebia em minha boca!
Á noite junto ao leito um som melodico!
Carícia ao levantar-me!

Era inda mais:—de minha mãe transumpto!
Em seus olhos o olhar d'ella voltava-me;
Meu passado em futuro renascia,
E de face a ventura só mudava.
Sua voz era o éco de dois lustros;
Seu passo enchia em casa o ar de encantos;
Seu olhar me atrahia aos olhos lagrimas;
Sorrindo, a alma aclarava-me!

Sua frente era o espelho de minh'alma;
Em seus olhos azues os meus pintavam-se,
E, ao vêr-me cuidadoso, humedeciam-se,
Qual clara lympha sombras desenhando.

Doçuras lhe sobiam só do peito;
Ar severo nos labios só pairava
Quando, nas de sua mãe as mãos unindo,
Orava á Deus de joelhos!

Sonhava, que a trouxera á estes logares;
Co'um braço erguia os pés, co'outro a cabeça,
E, com ternura, a fronte reclinava
Na sua, que pendente de meus braços,
O ouro brunido das sedosas tranças
Fazia tremular; seus alvos dentes
Brilhavam sob os labios, que entre-abria
Um eterno sorriso!

P'ra haurir minh'alma, e dardejar-me a sua,
Seus olhos para mim continuo erguiam-se;
No doce olhar, que os olhos meus fitavam-lhe,
Só Deus pôde medir que chamma ardia!
Meus labios em amôr não se fartavam;
Qual infante, que brinca, ella os chamava,
E os fazia voar da boca á face,
Que ao beijo ella esquivava!

Dizia á Deus:—N'esta alma, que inebria-se,
Em quanto os olhos seus me illuminarem,
Só terei para ti graças e canticos!
Já muito é revivêr em flôr tão bella:
De teus mais doces dons a minha parte
Dá-lhe, e á meus pés seus dias em esp'rança
Esfolha, orna-lhe o leito, e de um esposo
De ante-mão lhe abre os braços!

Emquanto me arrobava em prece, e em julgo!
Meu coração não via, que sua fronte
Mais pesada em meus braços se tornava,
Que o frio dos seus pés as mãos gelava-me...
Julia! Julia! porque tu empallideces?
Porque humido esse rosto, e a côr mudada?
Falla! sorri! meu anjo, assim não brinques!...
Torna a abrir-me teus olhos!

Mas... da morte o livôr lhe cinge os labios!
Onde um sorriso, ao desbrochar, morria;
Seu respirar se encurta, e se accelera,
Como o adejar do passaro pousando.
Junto a seu peito, pondo o ouvido, o extremo
Anhelito esperei; e em mim qual fructo,
Môrto e frio, que tráz mulher no ventre,
Morreu meu coração!...

Levando mais que a vida nos meus braços,
Qual quem anda depois de mortal golpe,
Ergui-me, caminhei para os altares,
E a menina estendi na morna pedra!
E á seus olhos meus labios se ligaram;
E sua fronte, já marmor, inda tépida,
Era qual ninho, que deixou ha pouco
Avesinha de um dia!

E assim senti passar n'essa hora eterna
Mar de agonias, seculos de horrores!
E, onde era o coração, a dôr sentou-se.
Disse á meu Deus: Senhor! só ella eu tinha,

Ella absorvia os meus amores todos,
E substituiu aos que ceifára a morte!
Unico fructo, que deixaram na arvore
Os ventos de um máo dia!

Da quebrada cadêa — unico élo!
Do céo — unico ponto azul e puro!
Para em casa sôar mais melodioso,
Doce nome lhe demos no baptismo;
Era meu mundo, ruído, e movimento,
Vóz, que por toda a parte me encantava;
Era o enlevo e cuidado de meus olhos,
Das manhãs, tardes, noites!

Espêlho, em que meu coração revia-se,
Meu dia mais formoso em sua fronte,
Um raio permanente de ventura,
Teus dons todos, Senhor, sobre um semblante!
Doce pêsso que ao collo a mãe lançava-me,
Alma arrancada de meu seio,— vozes,
Que a minha ecoavam,— vida, em qu'eu vivia,
Céu vivo, que me olhava!

Implacavel justiça! eil-a!... Sacía
De agonia e de morte a eterna fome!
Eu mesmo a estendo em teu altar funereo.
Si já exhauri-o, quebra emfim meu calix!
Oh! minha filha, meu alento! — eil-a!
Somente eu lhe cortei as duas tranças
Com que hontem brincando me prendia;
D'ella só guardei isto!

Suffocou-me um soluço, eis-me acordado!
Suor de sangue humedecera a pedra
Sob mim; senti as mãos frias de neve;
Nas palpebras o horrôr gelára as lagrimas!
Fugi velóz, qual aguia vóa ao ninho;
Soluços prorompiam dos meus lares;
Sua hora extrema o amor só suspendia,
P'ra morrêr esperava-me!...

Na árida casa agora é tudo môrto!
Vejo dous olhos sempre lacrimosos;
Espero não sei que, vou não sei onde;
Meus braços se abrem, mas vasios fecham-se.
Dias, noites em côr me são os mesmos;
No seio a prece co'a esperança é morta...
Mas, sê forte, ó minh'alma! é Deus que esmaga-te;
Sua mão sob a dôr beija!

A. J. Ribas.

TRISTEZA.

Conduze-me, eu dizia, á plaga afortunada,
Onde Nap'les do mar espêlha no regaço
Azul os paços seus, que tem na arvorejada
Encosta tão gentil, e os astros lá no espaço
Tão vivos á brilhar, na fóрма, gyro e côr;
Onde verdeja ameno o laranjal em flôr.

Partamos : não tardeis ! Revêr eu quero ainda
Do rubido Vesuvio o vertice inflammado,
Das aguas á surgir, que em balde o tem banhado ;

Vêr do cimo formoso erguêr-se sempre linda
A aurora fresca e pura, e, em mago scismar pôsto,
Revendo na que adoro a graça do seu rôsto ;
Descêr com ella a encosta, os passos seus guiando,
Á luz do céo sereno, ao som do vento brando.

Oh! vamos percorrer o golfo azul, tranquillo,
E os sitios visitar de nós tão conhecidos,
De Cynthia aureos jardins, ameno e fresco asylo,
O tumulo de Virgilio, os restos destruidos
Do templo que se ergueo outr'ora á mãi do amôr.
Alli dos laranjaes ao languido frescôr
Sob a vide vivaz, que ao myrto une o sarmento,
Tecendo á tua frente a mais linda corôa,
Da vaga á doce vóz, ao murmurar do vento,
Nós ambos, sós, eu crente, e tu, ah, tu tão bôa,
Bem sós co' o nosso amôr, co' a natureza á sós,
Será mais doce a vida, e o tempo mais velóz.

A luz dos dias meus vai gasta e bruxoleia,
E gráo por gráo se extingue ao sôpro calmo e quente
Do infortunio atróz. Si lança de repente
E ás vezes clarão fraco, é quando a tua idéa,
A tua sempre viva, e candida lembrança
No peito meu accende a luz de uma esperanza.

Não sei, não sei si Deus permittirá qu'eu veja
Finar-se emfim no mundo esta penosa lida:
Encurta-se o horisonte, e o meu olhar deseja
Talvêz... não passe do anno o fim da minha vida.

Mas si é preciso qu'eu morra
No alvorecêr da existencia,
Si é preciso qu'eu na terra,
Destinada a f'licidade,
De minhas mãos na dormencia
Deixe cair docemente
A taça que o meu destino
Parecia haver c'roado
Para mim de ethereas rosas ;

Ai! só peço á Deus que os passos me conduza
Ás margens do azul golfo, em que memoria tua,
Que as embelleza e anima, está, vive e fluctua,
Por ti moça gentil, por mim. . . aos sons da Musa,
Deixando-me saudar de longe o feliz clima,
Que aos bons dá sonhos, vida, e á morbidêz anima ;
E dê qu'eu morra aqui, no exilio d'este amor,
Sonhando o que gosei, nos laranjães em flôr.

Almeida Braga.

A EL. ***

Quando contigo a sós, eu pensativo,
Minhas mãos entre as tuas, e a teu lado,
Abandono minh'alma voluptuosa
A' meigas sensações, e correr deixo
Horas tão dôces, que esquecidas passam ;
Quando ao fundo do bosque te conduzo ;
Quando vibram-me ao ouvido os teus suspiros ;
Ou quando, repetindo os meus protestos,
Prometto que a ti só hei de amar sempre ;

Quando, emfim, mais feliz, a tua fronte
Sustentando divina em meus joelhos,
E meus olhares tristes com ternura
Em ti se fixam, qual nas tenues pétalas
Da rosa se suspende ávida abelha ;
Muitas vezes então vagos receios
Do coração no fundo me penetram ;
Eu me sinto tremêr, pallido, e triste,
Turbado de improviso na ventura,
Sinto o pranto correr, de que minh'alma
A razão desconhece. Derepente
Em teus braços me estreitas carinhosa
E em sustos me interrogas,
E de teus castos olhos eu diviso
Resaltar terno pranto, que se envolve
Co'as lagrimas acerbadas que derramo.
« Que secreto pezar a alma te opprime ?
« Me dizes, caro amor, bane essas magoas !
« Tuas penas, ouvindo, hei de ameigal-as,
« Minh'alma sobre a tua grato balsamo
« Salutar verterá ! » Não me interrogues,
Minha cara metade de mim mesmo !
Enlaçada em teus braços quando — eu te amo —
Escuto, embevecido, de teus labios ;
Quando meus olhos ebrios te contemplam,
Nenhum mortal á mim igual reputo.
Porem não sei que vóz, mesmo no seio
Dos ditosos momentos, vem soar-me
Dentro do coração, me revelando
Que a ventura nas azas se evapora
Do tempo voador, e que o incendio
Do nosso puro amor ha de extinguir-se.
Ao futuro sombrio remontando,

Assustada minh'alma alli se engolpha
E commigo repito :
Não é mais do que um sonho
A ventura precaria.

A. F. Colin.

O SINO DA ALDEIA.

I.

Oh ! quando o sino humilde em musica plangente
Tremendo, suspirando exhala docemente
Aquelle som que vae morrendo pelo val ;
Quando á brisa da noite agita-se e balança
Essa urna de Deus á mão de uma creança
Contando o que do mundo é puro e divinal ;

O campanario vibra: em sustos a andorinha
Deixa ao vento de bronze a fresta em que se aninha,
Da enrugada lagôa as bordas vae sulcar;
E a viuva da aldêa, ao som choroso e pio
De joelhos, deixando a róca já sem fio
Dos mortos a oração vae tremula resar.

O que desperta em mim o sino que estremece
O jubilo não é do dia que amanhece,
Do dia que passou — saudade? não é, não;
E tão pouco da infancia o quadro de mil côres,
Nos montes a brincar, no meio dessas flôres
Que murchas eu guardei aqui no coração.

Nem do plátano á sombra as séstas da innocencia,
Nem os jogos viris de minha adolescencia
E o louco vaguear pelas montanhas—lá!
Nem gritos de prazer, meus gritos de menino
Nas brisas á beber perfume matutino
Que sorrindo se crê jámais acabará.

Não me lembra o corcel feroso das campinas:
Aos meus louros anneis trançava as bastas clinas,
Como o ferro na tenda ouvia-se tenir
O chão sob seus pés... seu dorso me levava...
E quaes flócos de prata a espuma que o franjava
Pela grama do val corria á sacudir.

Não é também, amor, o teu sonhar primeiro!
Então da primavera o riso feiticeiro
Veste de verde o arbusto e abre o peito em flôr!
Voltavam á tardinha as virgens lá do rio
E ouvindo-as conversar de longe—um calafrio
Passava-me na frente em subito tremor.

O borbulho febril do peito que offegava,
Hymnos de um coração que assim balbuciava,
Poesia do céo que perfumada vem
Minha alma embevecer em murmurar divino....
Si me lembra á chorar— não é á voz do sino!
Ah! gloria! tu então.... Não és, não és também!

Podeis, podeis fugir do inverno á ventania!
A folha róla murcha, a casa está vasia
A fama — nome vão — sarcasmo apenas diz:
Não me deixam saudade as flôres que me destes,
Perfumarão-me os pés, são lindas e celestes
Mas no meu coração nenhuma tem raiz.

São rosas da manhã para o festim! Sem pena
A inveja as enxovalha, o odio as envenena;
Desmancham a grinalda amarrotando a flôr....
E a vertigem da vida acaba sem tardança,
E a rosa peregrina ao despegar da trança
Da frente cae aos pés mirrada, já sem côr.

II.

Um dia aquelle sino estavam a dobrar!
Passavam por ali mulheres soluçando,
Pelo valle de luto ouvia-se chorar....
Ai! no duplo ataúde a encosta perpassando
lão tres almas, tres.... Si ainda eu fiquei só,
No mundo, foi porque deixaram-me sem dó....

Sino, sino, eu te ouvi de uma aurora á outra aurora,
De noite, sem cessar, chorando como nós,
Como eu nesta afflicção chorando até agora!
E o céo te respondia á lamentosa voz,
Como se cada estrella esmorecida em brilho
A sua mãe perdêra e cada brisa o filho.

Não te esqueci jámais: a noite de agonia
Em funebre memoria á magua te enlaçou;
Teu timbre e o peito meu só tem uma harmonia,
Prantos que eu derramei teu dobre acompanhou:
O bronze e o coração — ligou-os uma hora;
Si lagrimas tem este, aquelle tambem chóra.

Desperto ao teu vibrar; si dormes, adormeço;
Tua falla me vem qual de um amigo bom,
Entre muitas, de longe, a tua bem conheço
E sinto dentro em mim repercutir teu som
Quando já de um bisouro é menos que o zumbido
E na floresta vae já tremulo e sumido.

Eu fallo então comigo : O murmurar plangente
Que desse campanario estremecendo sãe,
Bem sei o que revela... E' para mim sómente !
Elle conhece a dôr que no meu peito vai :
Meigo effluvio do céo de pura sympathia
Que passa a sussurrar da noite á ventania.

Eu fallo então comigo : O bronze que ora vibra
Foi de um passado morto a lousa bafejar,
Meu peito traspassado assim de fibra em fibra
Lá do velho zimborio está me á recordar...
E sinto estremecendo em notas de ternura
De meu finado amor a fria sepultara.

III.

Não admires pois que eu ame assim, creança,
Do bronze que suspira o lugubre tanger,
E' dos mortos que eu amo a pallida lembrança :
Quando na escura neve o som passa á gemer
Detem-se-me o andar e páro no caminho
Escutando o que a morte ali me diz baixinho.

Chora, meu sino, assim terrestres agonias,
Para melhor carpir a terra te inventou,
Chora, que o coração tem gratas harmonias
Mesmo quando da morte aos dedos estalou,
E dae uma alma á pedra — á sepultura um canto,
Dos olhos seccos faz arrebentar o pranto.

IV.

Quando, em caixão mesquinho humildes lavradores
Me tirarem do mundo o miseravel pó,
E após tamanha dôr comprados carpidores
Deixarem o meu corpo ali dormindo só
Junto daquella porta em que se vê sorrindo
Um mundo mais feliz e outro sol mais lindo....

Si caridosa mão tanger-te nessa hora,
Que ninguem se entristeça ao teu pio vibrar :
Lagrimas? Para que? Sauda á minha aurora!
E um hymno de prazer começa á repicar,
Imitando o tinir alegre da corrente
Que abrindo uma prisão se escuta docemente.

Ou então da calhandra imita a vóz louçã ,
Quando no cólmo frio acorda-se e levanta
Seu vô sussurrante ás brisas da manhã...
No dia em que eu morrer canta, meu sino, canta!
Tudo se cala ouvindo aquelles hymnos teus
Foge-te a vóz do mundo e morre aos pés de Deus !...

Pedro Luiz.

ISCHIA.

O sol á outros mundos
Eis vai levar o dia ;
No êrmo horisonte Phebe
Assoma sem rumôr ;
E lança, prorompendo
Na ténebra sombria,
Um véo da noite ás faces
Diafano de alvôr.

Do alto olha dos montes
Seus lípidos fulgôres,
Como de luz um rio,
Outeiros á inundar;
No chão dormir dos valles,
Jorrar-se dos pendôres,
Na lâmina polida
Das aguas se espêlhar.

O dubio clarão, frôxo
Na sombra derramado,
D'azul tinge brilhante
Do céu a escuridão;
E ao longe dessas vagas
No collo prateado
Balança os horisontes,
Qu'em luz nadando estão.

O mar enamorado
De praias tão tranquillias
Banhando-lhes as plantas
Serena-se ao redor,
Ameiga-se, — e nos braços
Cingindo golfos, ilhas
Bafeja-lhes as orlas
Dos beijos co'o frescor.

Da onda que ora avança
E que ora se retira,
A vista ao longe as formas
Compraz-se em acompanhar...

Dissera-se aos anhelos
Do amante que suspira,
Donzella indo e fugindo
De amor e pejo á arfar!

Doce, como o suspiro
D'infante adormecido,
Um som vago, e queixoso
Derrama-se no ar:
Do céo será um éco
Que encanta nosso ouvido?
D'amor suave nota,
Que exhala a terra, e o mar?

Eil-o que sobe, e desce,
Eil-o renasce, e expira,
Qual, de volupia, um seio
Sob o pêso à offegar:
Parece, que a natura
Em taes noites respira,
E, como nós, se queixa
De gôso á transbordar.

Mortal! n'estas torrentes
Engolfa-te de vida!
Da noite, eia, ás delicias
Em cheio abre o teu ser:
De amor a ti fartares
A sombra te convida;
Para teu guia assoma
O astro á resplender.

Ao longe aquelle lume
Tremem vês na collina ?
Fanal meigo, accendido
E' lá por mão d'Amor :
Lá, qual pendido lyrio,
A amante que se inclina,
Ouvido ávido aos passos
Applica do amator.

No sonho que a embriaga,
Impaciente a bella
Ao céo olhos levanta
Que o azul roubam do céo ;
E, na guitarra ao acaso
Errando os dedos d'ella,
Taes sons da noite ás auras
Derrama o labio seu :

« Vem : o silencio amigo
« Occupa inteiro o espaço ;
« Vem respirar da noite
« Commigo almo frescôr :
« E' hora. . . ao longe apenas
« Alveja o vulto escasso
« Da vela, que pacifica
« Conduz o pescador.

« Desde que foi tua barca
« Da margem se affastando,
« Meus olhos tua vela
« Seguiram n'esse mar,

« Qual si do ninho a rôla
« Vê o trocaz voando,
« Timida, a aza lhe segue
« Que além alveja no ar.

« Da costa emquanto á sombra
« Ella se deslisava,
« Na vóz pude dos écos
« A vóz tua escutar ;
« E, pela tarde, a brisa
« Que na praia expirava,
« Trazia-me teus cantos
« Ainda sobre o mar !

« Quando na espumea rocha
« Bramio a onda raivosa,
« Do Mar gemi á Estrella
« Teu nome na oração;
« A lampada avivei-lhe,
« E, á supplica amorosa
« De tua amante, logo
« Fugio negro aquilão.

« Sob o céo tudo agora
« Se queda ou tudo ama ;
« A vaga vem na praia
« Languida adormecer ;
« Dorme no hastil a rosa,
« A ave na aérea cama ;
« Da noite sob o pallio
« Repousa todo o ser.

« Vê: para nós de musgo
« O val todo s'esteira,
« A vide graciosa
« S'enrosca em espiraes;
« E aos meus cabellos soltos
« Do mar brisa fagueira
« Perfuma-me co'as flôres
« Que esfolha aos laranjaes.

« Da concava saphira
« Ao esplendôr sereno
« Nós, sob os jasmineiros
« Cantáramos de amôr,
« Té a hora em que a lua
« Pendendo p'ra Miseno,
« Vai pallida apagar-se
« No matutino albôr.»

Canta ; mas a vóz maga
A pouco e pouco morre,
E do alaúde as notas
Mais debeis sôam já:
Os écos dormitando
No ar que manso corre,
A' espaços mal repetem
Ai tenue aqui, ou lá !

Quem, inflammado o seio,
N'um delirar sem calma
N'est'hora, e d'este astro
Sob a encantada luz

Sentisse de repente
O sonho de sua alma
Vestir de diva a forma,
Que aos olhos se produz ;

Quem, sobre o musgo, e á sombra
D'um sycômoro agora,
Das aguas ao murmurio,
Sob um saphireo céo,
Aos pés d'ella arroubado
Desde uma a outra aurora,
Só ais para fallar-lhe
Tivesse, e o enleio seu ;

Quem, lhe aspirando ainda
O halito adorado,
Sentisse-lhe os cabellos,
Que o vento aereos fez,
Meigos roçar-lhe os olhos
No vôo perfumado,
Ou nas faces rolarem-lhe
Os ondeados anneis ;

Quem, suspendendo o vôo
Das horas fugitivas
N'este oasis fixando
Sua alma, e anhelos seus,
Esquecesse, que o tempo
Velóz vòa nas rivas...
Oh ! esse um mortal fôra,
Ou fôra antes um Deus ?!

Mas nós, d'estes Elysios
Nas dôces, verdes faldas,
Aqui onde o seu éden
Plantára oculto amôr,
Ao sussurrar queixoso
Das vagas applacadas,
Do elyseo astro ao dormente,
E languido pallôr...

Sob este céo, em vida
E dita assim fecundo,
N'estas praias, que a vista
Folga de percorrêr,
Já esse ar, essas auras
Bebemos d'outro mundo,
Elysa!... E todavia
Se diz q'inda ha morrêr!

M. B. Fontenelle.

O OUTONO.

Salve! bosque de pallida folhagem!
Seccas fôlhas esparsas sobre a relva!
Salve! dias extremos; da natura
A tristeza me apraz, me encanta os olhos.

Camínho absôrto a senda solitaria;
Quanto me é doce vêr pela vêz ultima,
Esse pallido sol, cuja luz tenue
Do bosque a custo a escuridão penetra!

Sim, nos dias do outono a natureza
Expirando tristonha, mais me enleva ;
É de um amigo o adeus,— ultimo riso
De labios que p'ra sempre vão cerrar-se.

Assim, quasi ao deixar o céo e a vida,
A esperança chorando de meus dias,
Inda me volvo, e ávido contemplo
Seus doces bens, de que gosar não pude.

O' sol, ó serra, ó valle, ó natureza,
Já nas bordas da campa inda vós choro !
Tão perfumado é o ar, a luz tão pura !
E aos olhos de quem morre o sol tão bello !

Sorvêr ora quizêra até as fezes
Essa taça de fel e nectar cheia :
Nessa taça talvez bebendo a vida
Meliflua gotta lá no fundo achasse.

Talvêz me reservasse inda o futuro
Ditosos dias, de que a esp'rança é morta ;
Talvez no mundo um'alma, peregrina,
Sympathica á minh'alma respondesse.

Definha a flôr, e o ar d'aromas peja
Na sua despedida ao sol e á vida ;
Eu feneço, e minh'alma quando expira
Se esváe qual som de triste melodia !

A M. WAP

POETA HOLLANDEZ.

Do céo e de minh'alma á ti as benções
Que choras o que a morte arrebatou-me !
A lagrima de dó que ao longe vertes,
Inestimavel perola se torne !
Ante Deus, refulgindo á luz do empyreo
De teu bom coração o anjo a suspenda,
E em lagrimas de jubilo te vólva
Um dia a terna esmola dos teus olhos.

Quando esse nome, que m'enchia ha pouco
De luz o coração, ledice o ouvido,
Q'em meus labios de pai sellado eu tinha
De saudades e dôr como um mysterio !
Oh ! quando o li na tua flébil pagina,
Humido o coração nublou-me os olhos,
E eu disse em mim : Não ha, meu Deus, dest'arte
Paiz, onde algum anjo o não levasse ?

E eu que fiz, por merecer-te, ó bardo,
Cobrires, como eu, de cinza a fronte?!
Guarda não te fez Deus d'essa menina,
Não tinhas tu quinhão na minha dita!
Fallamos sobre o glôbo estranhas linguas,
D'umas torrentes bebo, além tu de outras ;
Mas a alma entende a alma, e irmana a todos
Que a fallam, coração, tua linguagem.

Toda a vóz, que a nomêa, entra em minh'alma ;
Sem pallido ficar nem posso ouvil-a,
E adora o olhar até as flammeas letras
Que o angelico nome lhe compunham !
De dia, á noite, os labios as soletram,
Como se n'ellas por ventura a achassem !
Parece ao meu amor que algo respira
D'ella, nos sons que outr'ora a nomeavam !

Oh ! como o affecto meu, si a conhecêras !
Dos teus sonhos d'amante o mais divino
Si um'hora a fórma angelica t'o enchêra,
Relampago fugaz passando embora !

Si o raio almo e vivaz do olhar celeste,
Que doze annos deliciou meus olhos,
Mergulhasse nos teus, relampeando
Na vista para sempre deslumbrada !

Si os cabellos, iguaes d'aurora aos raios,
Cujos flocos de seda a mão materna
Alisava, esparzindo aureos reflexos
Os tremulos anneis desenrolassem !
Si de etherea mulher quaes duas azas,
D'ella, correndo, atraz voando os viras
A fronte a descobrir, a bella fronte
Q'espontaneo buscava o beijo d'alma !

Si lhe ouviras a magica harmonia
Da vóz, na qual accordes já vibravam
Candura, amor, o coração e o genio,
N'um mesmo som á um tempo modulados !
Si o ouvido te enchendo o doce éco,
Pela fronte confusa a mão correndo,
Como eu, sentiras tépido inda o alento
Dos longos beijos seus de manhã dados !

Como eu, nos labios um só nome houveras,
No seio um'ancia, aos olhos uma imagem,
Nos passos uma sombra, um sonho ao leito,
Do tumulo no fundo uma só lampada !
Ella, sempre ella ; em cada aurora, ella !
Ella no ambiente para respiral-o !
No passado ella, para ter saudades,
Ella no empyreo, para desejal-o !

Do Éden de minha vida era a flôr unica,
Que o aroma do céo inda guardava ,
Do alto o unico espirito, que a morte
Farta não arredára de meus passos ;
Dos aureos dias meus era o mais puro
Pensamento, que Deus d'amor co'um voto
Permittio-me animar, porque minh'alma
No gentil corpo á si mesma se amasse !

Ante mim vejo-a á noite, meiga estrella
Cuja luz em caricias me procura ;
De dia, qual da tela sôlto, aéreo
Retrato, que de lá vôa a abraçar-me.
Vejo-a, acolhida ao seio meu, que a adora,
D'ahi romper em triumphante riso,
Ou do seio materno, ao meu sonoro
Osculo offerecer a infantil bôca !

Vejo-a, crescendo sob as palmas d'Asia,
A'quelles novos sóes ir madurando,
E sonhadora já de poesia
Com o canto lutar d'aquellas aves !
Percebo, ella insciente, o entr'abrir d'alma ,
No suspirar d'um seio ao presentir-se,
Preludio d'esses feminis accórdos
Em que vai d'alma dominar o accento !

Para inda reviver, vivo em sua imagem ;
Coração cheio assim, não crê na morte !
Morta para os que o rôsto seu procuram,
Para nós quasi existe, vive... dorme ;

Eu ouço-a, chamo-a, e sei que cada hora
A hora adianta fixa de revêl-a!
E cada dia, á saúde em lagrimas
Digo : amanhã ! talvez qu'inda esta tarde !

De nosso amor si a esp'rança fosse um sonho !
Si nos éeos encontrar não mais devessemos
Esses entes, que um céo cioso roaba-nos.
Pós os quaes vai nossa alma, e os olhos choram ;
Rever, tocar, ouvir si eu não devêsse
A que eu sinto em espirito, ouço, e vejo,
A' seu olhar de amôr inda prender-me,
A' sua vóz estremecer ainda !

Si os homens, si Deus proprio m'ó dissesse,
Elle, o arbitro, o Deus, eu não o crêra,
Ou respondêra-lhe a blasphemia eterna,
A só resposta, unica da morte !
Sim, eu, tudo o que vive, antes perêça,
Seus mundos e elle, em seu celeste escarneo !
Antes, do que esse olhar, esse sorriso,
Do que em meu coração a imagem d'ella !

Mas tu, cuja mortal vóz m'entendendo,
Alentar veio em mim tão doces écos !
Que me dizes seu nome e d'ella fazes
Fallar dos versos a immortal linguagem !
Do céo os anjos o teu verbo guardem
Que ajudou á correr as minhas lagrimas,
E esse canto do céo que me consola
Por tua vóz, em teu viver echôe !

Por esse dom da tua humida palpebra
Possas, da feliz vida até o acaso,
Jámais vêr no teu lar deserto assento,
Nem no teu coração cavado abysmo!
E á tua cabeceira, a ancia velando,
Possa te ouvir o adeus terna filhinha,
Enchugar-te o suor, e, meigo genio,
Desviar da morte, e á Deus guiar teus olhos!

M. B. Fontenelle.

ESTANCIAS Á LAURENCE. (*)

Oh, anjo de outras eras, mas agora
Pobre mulher! É certo, sim sou eu!
Eu que em ti acho a parte de minh'alma
E choro o fado teu!

Ai, que vida que vives! Scena estranha!...
Como ao bronze o diamante se engastou?
Deus deixou-o cahir na estrada de anjos
E um impio o ajuntou?

(*) No Jocelyn.

Te recorda do céo que vimos juntos!
Lembra o dia do encontro e o nosso adeus!
Fui cobarde assassino te immolando...
 Servir pensava á Deus!

Sacrificio tão vão que regeitaste!
— Para fazê-lo, Senhor, quanto soffri!...
Respeitei teu pudôr, profana-o um outro,
 E o inferno ri de mi!

Volta aos dias da infancia, aos dias puros,
E á minha adoração... vê meu penar!
Guardei no peito intacta a tua imagem;
 Não a queiras manchar!

Volta ao Céo, que te quer e te pranteia,
Si o não fazes por ti, por meu amor!
Si faltam novas aguas p'ra um baptismo,
 Dou-te prantos de dôr!

Dous na terra, no céo um só seremos,
Laço occulto prosegue em nós prender!
Co'a tu'alma p'ra Deus irá minh'alma,
 Que soffre o teu soffrer!

Vê qu'ô impuro deleite em que te abrazas
Pollue o branco lyrio qu'eu guardei...
Não macules tu'alma, Deus amou-a,
 E eu tanto a idolatrei!

Pondera que perturbas com taes gosos
Da pureza a celeste limpidêz!
N'ella dêve a esperança reflectir-se
Co'a saudade talvez!

Em sonhos, através de minhas lagrimas,
De outrem via-te esposa bem feliz!
Co'a fronte pensativa, e, no regaço,
Teus filhinhos gentis!...

.
.

Joaquim Serra.

A LILLA.

Fonte de azul espelho, á verde margem tua
Quando Lilla scismando aqui sentar-se vêm,
E — pendida a mirar-te — a dôce imagem sua
Reflectes, como a estrella o golfo azul tambem ;

As ondas uma á uma encrespam-se dormentes,
E as arêas, no fundo, esconde espesso véo ;
Ha mais encanto e luz, nas ondas refulgentes,
Mais puro se retracta agora o lindo céo !

Oh ! sim ! és da belleza a imagem deleitosa :
Como as flôres da encosta azúes teus olhos são,
Dentes de branco jaspe em labios côr de rosa,
E globos a tremer, no seio, á viração...

Entrançada madeixa em flôres se arrastando,
Coráes que o seu carmim dos braços vem beijar,
Perlas soltas alli, nas aguas rebrilhando,
Bem como o seu punhal de oiro á lampejar !

Da riba estendo a mão por cima da miragem,
Antes que o vento a roube, em ancia á estremecer !
Da fonte onde passou tão linda aquella imagem
Felizes, ai ! quizera as ondas lhe sorvêr !...

Mas Lilla se levanta, eis vai fugindo agora...
Desfaz-se de repente o encanto virginal !
Das ondas a doçura em breve se evapora,
Em lôdo se transforma o azul d'esse crystal !...

Pois sim ! melhor que a fonte, ó bella perigrina,
Em minh'alma jamais brilháras tu em vão !
A luz dos olhos teus é luz que me illumina ;
Si te afastas de mim, me acerca a escuridão !...

Bitteucourt Sampaio.

A PRIMEIRA SAUDADE.

Sobre a praia sonora onde murmura,
Das aguas de Sorrento,
A vaga aos pés dos laranjaes floridos,
Junto do atalho existe, entre a espessura
Da sebe recendente,
Um pobre monumento
Lapida humilde, estreita, indifferente
Do caminhante aos passos distrahidos.

Um nome alli se esconde entre a folhagem,
Um nome que jámais foi repettido
Nos écos ou na vóz da branda aragem;
Mas não raro o que passa desviando
As selvaticas plantas, commovido
Lê a data e a idade, e diz buscando
O pranto em vão conter :
« Dezeseis annos tinha, era tão cedo,
Meu Deus, para morrer ! »

Mas que fatal encanto
Me leva agora ás scenas do passado?
Gema o vento e desprenda magoado
O mar os seus lamentos.
Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos,
Eu quero o brando enleio e não o pranto!

« Dezeseis annos ! » Sim ; dezeseis annos,
E jámais essa idade refflorira
Em tão graciosa frente,
Nem dessas margens o fulgôr ardente
Em mais saudoso olhar se reflectira !
Eu só a vejo, eu só n'este momento,
Immaculada como d'entro d'alma,
Onde nada se extingue, m'a deixára
Viva, inteira, ridente o pensamento!
Tão viva como n'hora
Em que pondo nos meus seus olhos bellos
Sorria encantadora ;
Quando os negros anneis de seus cabellos
Folgavam sôltos á feição do vento,

E que os dois expandindo o pensamento
Sobre as ondas do mar adormecidas
N'uma só resumiamos as vidas !
 Quando da estreita vella
Lhe andava á fluctuar a sombra errante
 No rôsto deslumbrante ;
E que ouvindo em distancia a vóz singela
 Do pescador dizia,
Respirando a bafagem perfumada,
E mostrando-me a lua em seu crescente,
Como nocturna flôr desabroxada
Com que si ufana a aurora resplendente :

« Tudo em volta de mim porque fulgura
 Com luz tão viva agora ?
 O azul da immensa altura
 De estrellas recamado,
Estas areias d'oiro onde murmura
 A vaga gemedora ;
 O golfo coroadado
 Do bosque silencioso ;
O cimo destes montes, que parecem
Tremem no céo profundo e luminoso ;
Os clarões que nas plagas resplendemem,

« Nunca, oh ! nunca em meu espirito
Produziram tal effeito ;
Ergueu-se acaso em meu peito
O astro do amor enfim ! ?
E tu, que és filho da aurora,
Responde : Serão tão bellas

No teu paiz as estrellas,
E as noites longe de mim ! ?»

Depois mirando a mãe que lhe sorria,
Nos joelhos d'ella reclinava a fronte
E no collo materno adormecia !

Mas que fatal encanto
Me leva agora ás scenas do passado?
Gema o vento e desprenda magoado
O mar os seus lamentos.
Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos,
Eu quero o brando enleio e não o pranto.

Quanta candura no seu rôsto havia !
No olhar quanta innocencia !
De Nemi o lago crystalino e puro
Tem menos transparencia !

D'aquell'alma os singelos pensamentos,
Sem que ella os revellasse se anteviam;
Jámais, nem por momentos
As palpebras formosas encobriam
O olhar cheio de ingenuos sentimentos;
Nem sobre aquelle rôsto,
Se projectára a sombra de um desgosto.

Tudo era encanto e luz; e esse innocente
Riso da infancia que mais tarde espira
Nos labios tristemente,

Na bôca lhe brincava fluctuante
Como um puro arco iris
Sobre o chão do horizonte deslumbrante!

No seu andar indeciso . . .
A airoza ondulancia havia,
Da vaga onde folga livre
A luz de um sereno dia.
E a voz sonora era o ecco
D'alma infantil. Alegrava
D'essa alma a dôce harmonia
Tudo emfim quanto a cercava!

Mas que fatal encanto
Me leva agora ás scenas do passado?
Gema o vento e desprenda magoado
O mar os seus lamentos.
Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos,
Eu quero o brando enleio e não o pranto.

Gravou-se a imagem minha
N'aquelle coração que se entreabria,
Como se grava ao dispontar d'aurora
Nos olhos entreabertos
A luz nuncia do dia.
Não viu nada mais depois d'essa hora!
Desde o instante em que amou, todo o universo
Para ella no amor se resumía!
Do mundo encantador, que ante nós ambos
Alegre fluctuava,
Alheia caminhava.

Minh'alma era o seu mundo !
No ditoso presente concentrava
Tempo, distancia, terra e céu profundo !
Como ao votivo altar me conduzia,
E então seus olhos para mim volvendo,
Baixinho me dizia :
« Reza tambem comigo,
Que até nem mesmo o céu sem ti compr'endo.»

Mas que fatal encanto
Me leva agora ás scenas do passado ?
Gema o vento e desprenda magoado
O mar os seus lamentos.
Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos,
Eu quero o brando enleio e não o pranto.

Vêde no seu recife de uma fonte
A veia socegada arredondar-se ;
Como um lago entre as margens se arredonda
Um lago azul, tranquillo, resguardado
Do vivo ardor dos sol e das correntes
Do vento despregado.
Nadando um alvo cysne agita a onda,
Mas não perturba as aguas transparentes,
Quando, ostentando a esplendida plumagem,
No lago crystalino,
Mergulha ufano o collo alabastrino ;
Porém si procurando outra paragem,
As azas bate sublevando a vaga,
Cáem focos de plumas, e parece,
Que o terrivel abutre se arrojava

Sobre a victima embelle, e que os vestigios
Da morte alli deixára :
Então em pego escuro, n'um instante,
Se torna o lago azul e scintilante !

Assim, quando eu parti, n'aquelle espirito
A chamma para o mundo se apagou,
Subindo emfim ao céo, que lhe era patria,
E nunca mais voltou !

Não quiz vêr de outro futuro
Raiar o doce clarão ;
Na sua primeira lagrima
Afogára o coração !

Como de noite a avesinha,
Menos formosa do que ella,
Esconde n'aza singela
O collo para dormir ;
No véo da sua tristeza
Escondeu-se por instantes,
E adormeceu, mas bem antes
Meu Deus, da noite ao cahir !

Oh ! que fatal encanto
Me leva agora ás scenas do passado !
Gema o vento, e desprenda magoado
O mar os seus lamentos
Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos,
Eu quero o brando enleio e não o pranto.

Sobre o seu leito de argilla
Onde ha quinze annos repousa,
Uma lagrima saudosa
Já não derrama ninguem !
Veio a segunda mortalha,
Que é o frio esquecimento,
Sobre o pobre monumento
Cair gelada tambem !
Eu só inteiro cohabito
Junto da campa esquecida,
E quando da minha vida
Contemplo o revólto mar ;
Quando choro outras estrellas,
Que em meu horisonte havia,
A primeira inda me envia
Toda a luz do seu olhar !

Mas que fatal encanto
Me leva agora ás seenas do passado ?
Gema o vento e desprenda magoados
O mar os seus lamentos.
Vinde, vinde, ó meus tristres pensamentos,
Eu quero o brando enleio e não o pranto.

Sob espinhosos arbustos,
Entre a pallida verdura,
Jáz a sua sepultura
Ao pé das ribas do mar.
Alva flôr na primavera
Alli veceja um instante,
Mas o vento sibilante
Em breve a vêm desfolhar !

Soltando ternos modilhos,
Sobre flexivel raminho,
Um saudoso passarinho
Desprende a vóz infantil.
Dize, ó flôr, que assim fechaste
O teu seio pudibundo:
« Não existe acaso um mundo
« Onde fulge eterno abril? »

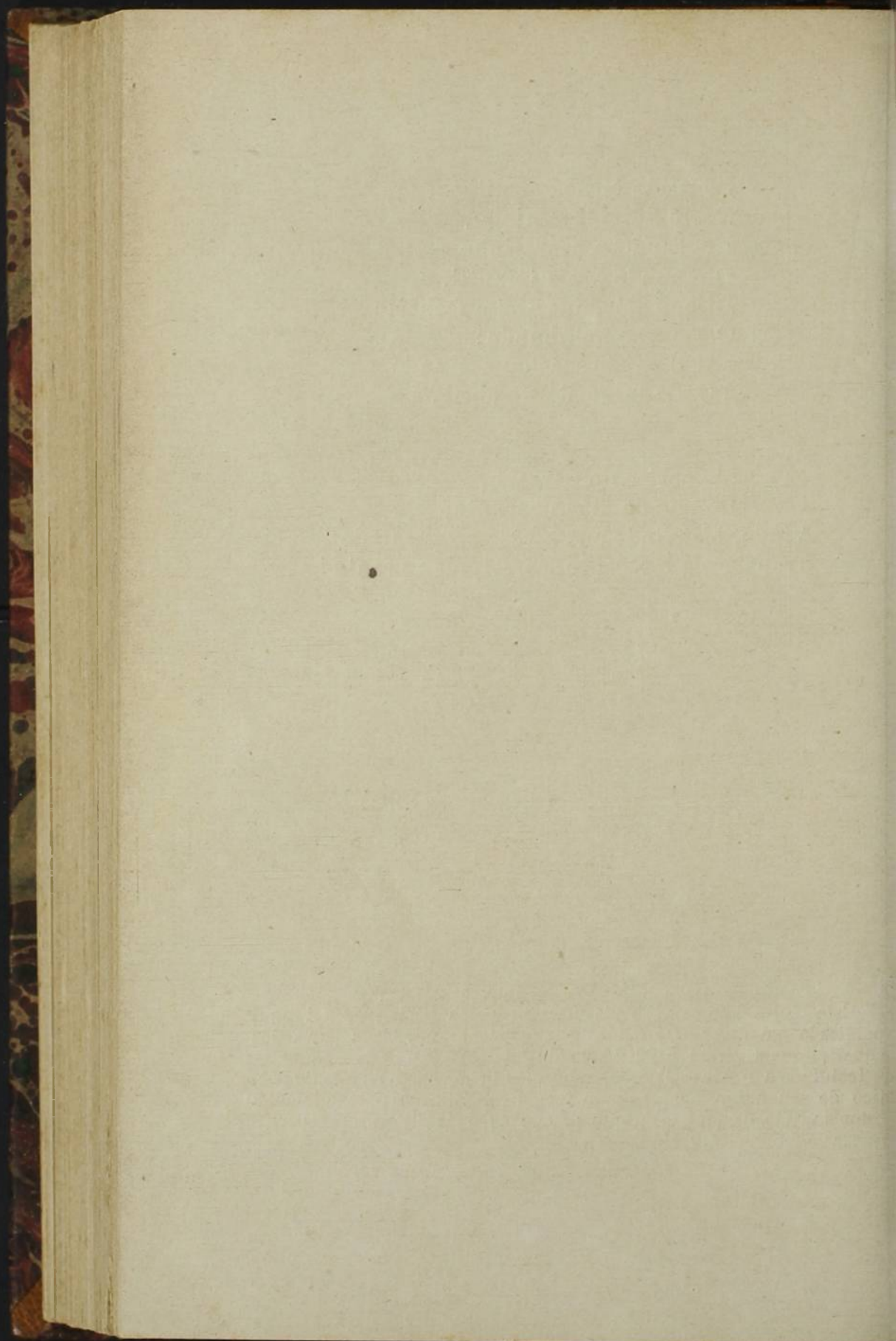
Memorias do passado,
Scenas de mago encanto,
Vinde, oh ! vinde outra vêz ; amargurado
Transborda o coração, correi, meu pranto !

R. A. de Bulhão Pato.

Esta bellissima versão do illustre poeta portuguez foi aqui publicada em diversos jornaes, e geralmente apreciada por todos aquelles que tiveram a felicidade de lê-la.

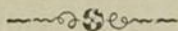
Incluindo-a n'esta collecção, rendemos homenagem ao talento poe-tico de seu autor, e ao mesmo tempo cordialmente aproveitamol-a como um elo d'essa cadeia que prende as duas litteraturas portu-gueza e brasileira.

(OS EDITORES).



JOCELYN.

(FRAGMENTOS)



Á MARIA ANNA ELIZA.

Janeiro de 1836.

Nome suave da ventura minha!
Si eu pudesse uma cifra inapagavel
Gravar no pé da lyra, —alli traçára
Antes de mim, o coração teu nome;
Esse nome, em que vive a minha vida,
E duplica meu ser! — porém querendo
A casta sombra de mulher guardar-lhe,
Hei de escrevêl-o para ti sómente.

Leito de sombras e viçosas flôres,
Por onde a vaga d'esta vida esteril
Por entre margens, que á miudo enlucto,
Vai deslizando occulta e á meio haurida;
Si ahi brilhar fugaz dos céos um canto,
Si uma estrella espelhar, cantando, a vaga,
Suba á ti o murmurio harmonioso!

Abrigo na tormenta, em que do bardo
Em céu já turvo a arvore vegeta,
Desconhecida e escura, — e d'onde a seiva
Sinto subir-me, e circular-me as veias;
Si d'esta murcha e pallida corôa
Nos ramos reflorir algum rebento,
Que os vendavães do outono arrebatarem,
Cáiam em ti as fôlhas verdejantes!

PROLOGO

Unico amigo seu n'aquella aldeia,
(Fóra o pobre rebanho), ao presbyterio
Vim pelo S. João, qual de costume,
A pé, dos gamos palmilhando a senda ;
Sobraçada a espingarda, os cães á trella ;
Fatigado em galgar ingremes serras
Sempre ante mim crescendo, e prelibando
Prazer de lhe bater de noite á porta ;
Subir, sentar-me ao lar, que chammejava ;
Vêr estendida alva toalha, e a mesa,
Que elle cobria de legume e fructa,
Té noite velha á conversar-mos junctos.
Já se me affigurava ouvir-lhe o accento
Da maviosa vóz tremula e terna,
E, em lugar de expressões, em vão buscadas,
Da mão no aperto o coração sentir-lhe ;
Pois, faltando á amisade outra linguagem,
Ajuda ao coração e falla a dextra.

No pincáro, em que rasga-se o horisonte,
E descortina a vista o presbyterio,
Descancei a espingarda em negra pedra,
Limpendo a frente, que enchugava á brisa.
Surpreso não lhe vi negra a sotaina
Do jardim entre as arvores errando,
N'essa hora, em que, livre e só, costuma
Lêr, á luz do poente, o breviario.
Mais surpreso, não vi surgir do tecto,
Onde sempre ondeava em branca spira
A fumaça usual do lar da tarde.
Mas, ao vêr a janella ao sol cerrada,
Vaga tristeza, sombra de desgraça
Correu-me o coração, qual sópro n'agua;
E, sem que ao meu terrôr sondasse a causa,
Recomecei, mais rapido, o caminho.

Eu procurava alguém, que interrogasse;
Nem rebanho ou pastor nos êrmos campos!
Herva poenta e rara o mú pastava
Da estrada á beira, e no torrão, dormindo,
Pendia a relha em sulco aberto á meio.
Stridulo á chiar se ouvia o grillo,
Em vêz do borborinho e vozes mixtas,
Que do fundo do valle, á noite, sobem.
Chegando, bato em vão,— guardada casa
Ouvindo-me bater, seu cão não ladra;
Rude e rapida a mão levanta o trinco;
Entro o pateo... tambem mudo e vazio.
Vazio?!... Não, meu Deus; ao pé da escada,
Que vai da eira ao patamar campestre,
Qual de igreja em poial se agacha um pobre,

Na sombra estava assente um vulto negro,
Immovel, curva a fronte nos joelhos,
E a face occulta no avental;— dos labios
Não se lhe ouviam queixas ou murmurios.
Só do crepe que o ròsto lhe velava,
Convulsa, crebra agitação trahia
Represados no peito agros soluços.
A morte adivinhei n'aquelle emblema;
Pelo caro patrão chorava a serva.
« Martha, é verdade? » A' minha vóz erguendo-se,
E nas costas da mão seccando os olhos :
« Ai! sim, senhor! Subi, á vêl-o ainda,
« Que ha de enterrar-se ao despontar da aurora.
« Ao menos, mais em paz irá su'alma,
« De vosso extremo voto acompanhada.
« Té a hora suprema em vós fallava ;
« — Martha, dizia, si Deus quer que eu morra,
« Dize ao amigo que meus bens lhe deixo
« Para cuidar de ti, do cão, das aves. —
« Seus bens!... (Nada guardar por timbre havia;)
« Não encherão de certo um vão do armario.
« De ceutil em ceutil, a magra bolsa
« Passou em roupa, em alimento aos pobres ;
« E em todo o tempo, que jazeu no leito,
« Tudo lhes deu, senhor, té mesmo a vida ;
« Pois dia e noite, confessando enfermos
« Elle a morte alcançou.»—« E o céo! » tornei-lhe.

Subi. Ermo e sombrio estava o quartô ;
Só dous brandões as trévas lhe espancavam,
N'aquella fronte unindo á luz funerea
A da tarde, coando dos postigos,

Qual travão luta na agonia santa
Eterna esp'rança e a noite da existencia.
Calmo e bello á encarar era seu rôsto;
Como que nas feições pacificadas
Tinha a impressão de arroubos começados;
Já entrevira o céo nos pensamentos:
Jubilo d'alma, ao desdobrar o vôo,
No divinal sorriso inda se via.
Alvo panno, á sotaina sottoposto,
Ornava o leito;—eburneo crucifixo
No seio adormecido as mãos pousavam-lhe,
Qual amigo que dorme em peito amigo.
Deitado aos pés do domno, á contemplal-o,
Já fatigado de velar tão largo,
E inquieto da guarda diuturna,
Ao mais leve rumôr seu cão rosnava,
Espreitando, a fitar attenta a orelha,
Si de seu dono despertava o sôpro.
Perto da cabeceira,—usado rito,—
Estava n'agua benta immerso um ramo,
Que agitei respeitoso em cruz trez vezes
Sobre o corpo; depois as mãos e plantas
Beijando-lhe, em seu rôsto impressa a imagem
Vi da immortalidade, e n'essa fronte
Leram meus olhos o sinal do eleito.
Os psalmos do assistente acompanhando,
Acerquei-me, a chorar, dos restos caros;
E ora em prece, ora em pranto, ora cantando,
A noite vi fugir;—rompêra o dia.

No adro, e junto ao limiar da igreja
Poisamos o ataúde em chão de mortos.

Cada aldeão a pá de terra sancta
Lança em mostra de dôr ao pobre esquiife,
Que, chorando, ao passar, contemplam todos
Sob a cinza, que cái, lento, baixando.
Cada vêz que, ao tombar, resôa a terra,
Surdo soluço escapa á muda turba ;
Vindo o meu turno : « Dorme, ó santo amigo,
« Meus olhos, não minh'alma, é que se affligem ;
« Embalde vou cerrar teu leito extremo ;
« Sei que ali não estás, mas onde a chamma
« Tuas virtudes á accender voaram,
« E fôram, antes d'alma, os teus suspiros. »
Por toda a noite, entristecendo os êrmos,
Nos ares o chorou plangente o sino,
E, unindo aos dobres funebres latidos,
A chamal-o ganio seu cão nas trevas.
E eu só com Martha, na soturna estancia
Ia e voltava do jardim ao pateo,
Buscando e achando em tudo os rastos d'elle ;
Dava-lhe o seu lugar, e lhe fallava ;
Folheava, inda aberto, um livro pio,
E lia um trecho, os olhos enchugando.
« Não escrevia, Martha ? » — « Alguns domingos
« Sobre uma branca pagina velava,
Lançava-a n'um cabaz depois de negra ;
Eu guardava n'um angulo do sotão
A que ficava solta ; em vindo a aurora,
« Achareis as que os ratos nós deixaram. »

As folhas descobri, que percorrêra
Sem ordem, e sem plano a mão do amigo,
Quaes phrazes, que co'a ponta da bengala
Quem scisma á sós escreve com mysterio.

Letras do vento e chuvas açoitadas
Cansam vistas que intentam decifral-as.
O diario truncado é falho em datas ;
Quer elle, escripta a folha, a espedaçasse,
Ou que Martha accendesse a luz com ella,
E os pedaços depois levasse o vento.
N'alma eu chorava a perda d'essas folhas ;
E os olhos d'esses restos recompunham
Inteira a sua vida ; — assim os olhos
No horisonte, que foge, errando ao longe,
E d'um raio da noite esclarecidos,
Vêem os anneis, que lubricos resvalam,
D'um rio d'agua limpida e brilhante
Desdobrar seo lençol, onda apóz onda,
Perder-se, instantes, sob escuro oiteiro ;
Mais puro resurgir, além, no plaino,
E nas veigas, que banha, alfim quebrar-se.
Mas o sulco supposto acompanhando
E advinhando as sinuosas voltas,
Que sob os negros comoros collêa,
De mil rôtos anneis fórma um só curso ;
Tal recosi, por entre imagens vagas,
As folhas do diario interrompido ;
Si a sombra muita vêz nublar-lhe o texto
Lendo as folhas, que seguem, completai-o.

.
.



SEGUNDA ÉPOCA.

Seminario de*** 1.º de Janeiro de 1793.

Cortados foram dos serenos dias
De minha idade juvenil seis annos,
Sem que um vestigio assignalasse ao menos
Seu velóz perpassar. Noites e dias,
Vêsporas, manhã, aurora e tarde,
Foram, á passo igual, na mesma senda :
E só dei fé que o tempo deslisára
Quando os dias contei-lhe ; em negra sombra
Sumio-me o claustro de pilares negros.
De minha excelsa cella ao côro harmonico
As lages me hão contado os mudos passos,
E da oração, do cogitar, do estudo,
Tem-me o costume entorpecido os orgãos.
Estes escuros, longos corredores,
Estes espessos muros, estas naves

Silencio e paz na fronte me hão vertido.
Pungente recordar, saudade, imagens
De liberdade e amor, de lédos quadros,
Apenas até aqui nas minhas noites
Puderam penetrar;— da paz do Eterno
Tudo se pinta aqui, por grãos, bem como
Pelas vidraças, do pincel coradas,
Vai na náve tingir-se a luz d'aurora.
Oh! como é doce o coração guardarmos
No seio do Senhor, como se guarda,
Para lhe conservar o odôr suave,
Precioso perfume em vaso d'oiro!
Como é doce lançar tão alto a mira,
Ter já traçada a estrada do futuro
E seis annos vivêr da mesma idéa!

Jaz branca a lauda, em que notei meus dias.
Que houvera n'ella escripto? O Deus que sirvo,
Os cuidados do altar, o amôr do claustro
D'um alimento as horas me nutriram;
E, sempre, aberta á minha, a mão divina,
Dirigio-me sem quéda e sem tropeço!
Possa o bafejo das paixões do mundo,
Poupar meu coração, guardal-o virgem,
E alva lauda ser sempre a minha vida!

13 de Fevereiro de 1793.

Por vêzes quando a noite estende a sombra,
Que desdobra-se á vista e vai crescendo,
De pilar em pilar do claustro ao longo;
Quando apóz o tanger da Ave-Maria,

E concluida a refeição da tarde,
Vão os levitas repousar nos bancos,
E os amigos, buscando-se na turba,
Baixo e na sombra os corações derramam ;
Eu, que entre tantos, não achei amigo;
—Que um terno coração, de mais repleto,
Nada póde no mundo amar á meio,—
Fujo, e busco o Supremo Confidente,
Cujo amor sempre iguala o ser amado ;
Seu templo entrando por secreta porta,
Toda a noite a seus pés minh'alma expando.

Ossián ! Ossián ! quando, mais joven,
Brumas sonhava e os montes de Inistoria ;
Quando d'harpa na mão, teus versos n'alma,
Penetrava no inverno em bosques invios,
E ouvia sibilar no tojo escuro
Frio o norte, quaes almas de finados ;
Quando a madeixa a fronte me açoitava,
E, ululando de horrôr caudaes torrentes
A's bordas dos abysmos devorantes,
Do céo tombadas na fumante rocha,
Fragôr e espuma ao rôsto me arrojavam ;
Quando tremiam, como a canna, os troncos
Flocos de neve sacudindo aos ares
Onde pairava o côrvo,—e a bruma fria,
A roçar estes pincaros selvagens,
Vestia-me de um véo de tempestades,
Como de Morven nebuloso filho ;
Si em subito clarão rasgando a nevoa
Vinha encarar-me o sol, que se avivava,
E co'a orvalhada luz, que luta e morre,

Me illuminava aos pés do espaço o abysmo ;
Todos os meus sentidos exaltados
Pelo ambiente puro d'esses cimos,
Por esta solidão profunda e calma,
E essa noite dos céos serena e bella,
Por esse surdo susurrar das ramas
Do pinhal agoitado da borrasca,
E pelo fino pó d'alva geada,
Que vinha branquear-me a fronte nua;
— Tudo afinava as cordas de minh'alma
Nas vibrações de magico instrumento,
Que desferia só transporte e arroubo ;
Pulsava, á estreita, o coração no peito ;
De fonte divinal jorrava o pranto ;
Prestava ouvidos, estendia os braços,
Andava, como insano, á passos largos,
Crendo agarrar na sombra de uma nuvem
A de Deus, que passava na procella ;
Julgava ouvir no espaço em longos échos
Sua vóz, que a tormenta ao cahos roubava,
E, sentindo filtrar e me affogarem
A alegria e o amor em cada póro ;
Para enxergar melhor a natureza
E como ella melhor poder fundir-me,
Queria achar alma, achar accentos,
Queria crear-me outros sentidos
Que respondessem á transportes novos !

Momentos de delicias ineffaveis,
De que Deus não nôs deixa haurir o calix !
Relampagos de luz e de ventura,
Co'a eternidade confundindo a vida !

Lembra-os nossa alma, como lembra a idéa,
Que, velóz, perpassou por ella em sonhos.
Quando os gosava, ó céos, julgava o mundo
Torrente perenal de taes momentos!

Pois bem! Quando transpuz o umbral do templo,
Cuja segunda noite sepultou-me
Em funda escuridão, em sombra espessa;
Quando entre mim e a multidão surgiram
Estes pesados pardacentos muros,
Que a fé e a mão dos evos amassaram;
Quando, scismando, vago a passos mudos
N'este profundo socegado asylo,
— Soidão de pedra, immovel, immutavel,
Imagem da mansão, que Deus habita,
E onde tudo é mysterio e eternidade; —
Quando vêm extinguir da tarde os raios
Sobre as vidraças a scentelha extrema;
Quando nos imos penetraes scintilla
Placido raio, que, ondeante, brilha,
Qual ôlho aberto sobre a noite umbrosa;
Quando do sino a vóz ameiga os ares,
E, á sonoro pilar poisando a frente,
Comovido do som, sinto-o vibrando,
Como chave de cellico instrumento;
E d'alto a baixo a cathedral parece
Tremar com torres, catacumbas, muros
E responder-lhe n'um commum transporte;
Quando, do chão á arcada erguendo os olhos,
Sinto que n'este vacuo alguém me escuta,
Que invisivel amigo a si me atrahe,
E, a conversar linguagem conhecida,

Em intimo silencio em mim diffunde-se,
Me envolve e abysma no seu vasto seio:
— Vergando então joelhos sobre as lages,
Baixando aos olhos da soítana um canto,
Como quem foi ás subitas collido
Por tempestade d'alma, e tendo os olhos
De mil clarões de chammas deslumbrados,
Mudo me abrigo do Senhor no seio.
Então, de vóz a vóz, lhe presto ouvidos;
De coração á coração o escuto;
O que se passa n'esse santo arroubo
Não n'ó alcançam narrar humanas linguas;
Sente minh'alma por alguns instantes
Essa impressão do olhar, que, mergulhando
Junto a um recife, as bordas do oceano,
Tenta contar as vagas, cuja espuma
Scintilla ao sol e cáe, salta e fumeça,
Té que os lampejos e cachões cegando-a,
Só vê ondas e luz, e movimento;
Ou a que fére o ouvido ao pé da vaga
Que desce o Monte Branco, alága e trôa,
Quando n'este fragôr baldando esforços
Por distinguir o som do som, que o segue,
Nos bastos choques, com que a terra treme,
Só ouve restrugir trovão perpetuo.

Cessa o rumôr; minh'alma que adormece,
Facil, sem azas, nada no infinito,
Sem o vôo librar n'alguma idéa;
E morta, immobil, vagamente embala-se
No sentimento, que só tem quem sonha
Que um turbilhão o arrasta, e que emprestadas

Tomando ao vento as azas impalpaveis,
Paira no ether, que em scentelhas arde,
E no fóco dos sóes, de que se achega,
De mais doce calôr se aquece aos raios.
Tal em vão sôa a noite hora apóz hora ;
E quando vão fechar a sacra estancia,
E as bronzeas portas, nos sagrados quicios,
Giram, as catacumbas abalando ;
Lento me afasto, e enxuga a mão gelada
Gotta inda morna da celeste chuva. . .

.
.
.
.

Seminario, 15 de Fevereiro de 1793.

Em quanto imos vivendo em mundo á parte
Só em Deus, para Deus, de Deus aos olhos,
O outro mundo, em que os homens se debatem,
D'outro vital espirito animado,
Ou de um sôpro de morte, inveja ou ira,
Nos muge em torno, e até no santo asylo
Persegue em seu furôr de Deus os servos.
Um grande pôvo, dominado agora
Pelo tremendo genio da ruina,
Sobre si desmorona e esmaga tudo,
Que o dominou té aqui—e quer, de prompto,
Renovar throno, altar, leis e costumes.
Já tudo em sangue e pó se abysma á um tempo.
Oh! meu Deus! porque vim á luz do mundo
N'estes dias de lucto e tempestade,
Em que o homem não sabe onde repouse

Cansada a fronte—em que fenece a estrada ;
Em que o mortal espirito, sem guia,
Inquire, apalpa, hesita entre mil sendas ;
Não podendo ficar sobre o passado
Que se esborôa e cáe, e nem tão pouco
No seu molde o porvir lançar, de um jacto ! ?
Metal que extravasou, que ferve e foge,
Derruba e tala, e, devorando, arrasa,
Destróe a mão, que toca-lhe a cratera,
Seculo e homem desarraiga á terra!
Feliz de mim, ao menos, que nos olhos
Luz-me a fé, que caminha ante meus passos,
E da turba em furôr me pondo ao largo,
Traça-me á pobre idéa estrada á parte,
Que leva, onde não vão as d'este mundo,
Pois Deus mesmo a illumina, e é sem limites !

Diz-se que em mão dos reis se quebra o sceptro,
E que o pôvo o divide em mil pedaços.
Pôvo ! Infante cruel, que ri, talando,
Que só no destruir ensaia as forças,
E do genio brutal seguindo o instincto,
Só comprehende o poder na tyrannia !
Céga força, que Deus, de tempo á tempo,
Larga como o suão, como a valanga,
Para as correntes activar do Ether,
Grande vacuo fazer, dar golpe immenso.

25 de Fevereiro de 1793.

Dias, dias de dôr, silencio e espanto !
Bebeo sangue do rei o chão do reino,

Sangue de cidadãos, que aos mil trucidam,
Corre nos regos, qual da fonte o jôrro.
Tudo o que nome tem, virtude ou genio
E' do crime ao nivél logo abatido.
Do infame delatôr o activo dêdo
Faz signal ao carrasco ; — a lei do pôvo
E' condemnar á morte os mais illustres.
Ama o cutello o justo, escolhe o insonte !
A innocencia é seu crime ! — Ebrio de sangue,
Pôvo, nos rasgas a illusão do êrro,
E é teu exemplo a escusa dos tyrannos !

TERCEIRA ÉPOCA.

Gruta das Aguias, 3 de Julho de 1793.

Quando este sol abrasador de estio,
— Fluctuante, immortal foco de vida —
Faz-me abaixar a palpebra offuscada,
E, radioso me offuscando ainda,
Sob este ardente véo, reflexos d'ouro
Tepidos lança-me atravez dos cilios ;
Quando seus raios, dardejando a prumo,
Sobre os gelos eternos que me cercam,
Jorram da terra em feixes de sentelhas,
Dando a estes céos e picos a apparencia
Do mar, que alveja na espumante rocha ;
Quando o céu, a imitar lagos sem praia,
Apenas do ether limpido se veste,
Onde nada se agita, excepto a aguia,
Que parece dormir, qual ponto escuro

Pregado neste azul immaculado,
E, equilibrada nas obliquas garras,
Em circulos concentricos se abate,
Lança, nadando ao sol, do verso d'aza
Reflexo argenteo da plumagem negra,
E exhala, ao vêr-me perto do seu ninho,
Grito de espanto, em colera vibrando;
Quando rochedo ou arvore derramam
Ilha fresca de sombra aqui na relva;
Quando, estendendo mollemente o corpo
N'este macio leito de verdura,
Que o pavilhão do céu sómente cobre,
Todo me engolfo no cerrado pégo
Da herva, que ao peso verga-se das flôres;
Quando do feno secco o aroma aspiro;
Quando n'esta amplidão escuto apenas
O ar, que em torno a mim tepido zune,
Meu sopro, que se mescla aos ventos virgens
E a temporal, que bate-me na frente;
Então eu sinto em mim tão vivos gozos,
Tão pleno olvido das fugazes horas,
Que a alma, escapando ás vezes aos sentidos,
Do corpo, que deixou, só sente o fardo
Como o cysne, que enxuga as alvas pennas,
Sente das azas o ligeiro pêso.
N'este silencio gosto de embalar-me,
Não mais sentir a vida e o pensamento,
Crêr que a alma, que ao corpo embalde chama
O involucro mortal deixou de todo,
E começa a nadar do céu nos raios,
Como nos raios do verão a abelha,
N'esse estado, em que um Deus se torna o homem,
Ha da immortalidade o sentimento;

Foge e renasce sem medida o tempo.
E quando um sopro, o vôo d'aureo insecto
Aos sentidos, que esqueço, alfim me torna,
Sobre mim me revolvo em gosto amargo ;
N'este céo, a que desço fatigado,
Sinto, é certo, que Deus a voz me escuta,
Mas sem me responder; pesquiso em torno
Acolá, mais em baixo, em todo o mundo,
Alguma cousa, que comigo sinta,
Que me responda; o coração no peito
Poderá trambordar de tão repleto.
E se me concedesse a sorte avara
Um coração vasio e mudo ainda,
Em que desabrochasse o amor e a vida,
Este ardor, que no meu conter não posso
Bastaria a extinguil-o e consumil-o ;
Nelle vasára o excesso de minh'alma;
A flamma d'elle alimentára a minha;
Este dobre existir, multiplicando-me,
Como sombra de Ti, Deus ! me tornára !
Poderia lançar nesse outro eu mesmo
O que me opprime e duplicar o que amo ;
Do coração no espelho incendiar-me;
Crear amôr do amôr, um'alma d'outra ;
E como o teu olhar vê-se em tu' obra
Arder dos fogos meus, na effigie amar-me !

Bella mortalha então se me affigura
Este zimborio azul—debalde ao vento
Os braços abro—o coração jaz ermo !
N'arida vida em vão o olhar pesquisa ;
N'este vacuo debalde um nome arrojo ;

Só o ermo, ai de mim, me escuta e cerca !
Do lago ao cimo vou, da ponte á gruta,
Torno a voltar, me assento e me levanto,
Pesa-me o seio e nada m'ó aligeira ;
Parece que a meu ser falta a metade,
—Objecto de amor casto e sagrado
Ou de santa amisade acrysolada ;
Que caminho á palpar, que sou no mundo
Voz, que um echo não tem que lhe responda ;
Olho, que n'outro não reflecte o raio,
Corpo, que não projecta a sombra em terra ;
E, máo grado a estes céos e amenos sitios,
Viver assim é definhar no tédio,
E a vida esperar ! Assim se muda
Toda a minha ventura em vago enfado,
Solidão ! Só de Si Deus póde encher-te.

Gruta das Aguias, 6 de Julho de 1793.

Por este instincto, que me impelle ao homem,
Hoje os umbraes transpuz de meu imperio ;
Medi co'a vista da torrente a quéda ;
Toquei co'a dextra o iris transparente ;
E com pé mais audaz transpuz a rocha,
Que treme sob a abobada de espuma.

Na herva me escondendo ao som mais leve,
Pés nús para abafar o som dos passos,
Do tortuoso algar segui contornos ;
Passo a passo desci do monte a encosta,
Té a estreita garganta, em que ouço, ás vezes,

Mugir bois do pastor e alguém, que canta.
Lá, na herva agachado, e atrás dos troncos
Dos castanheiros, que a clareira bordam,
Podendo tudo vêr, sem que me vissem,
Vi quanto o coração me pinta em sonhos,
— Uma scena de amor, paz, e innocencia,
— Tal qual vejo-a desperto, e a sonho á noite ;
Ai ! do tempo, que foi, inata imagem,
Como lembrança viva em nós gravada !

Pingues novillos, cabras e cordeiros
Estes, a se pender do abysmo ás flôres,
Aquelles entre as hervas mergulhando,
Em moitas de azevinho ruminavam.
Em quanto os touros, a brincar na relva,
Inclinando aos joelhos retesados
Ciosas pontas e cabeça obliqua,
Graves frontes, quaes seixos, esmarravam,
Fazendo os montes retinir aos choques.

Sob uma carpe, ao canto de um bosquete,
Um moço montanhez, junto a uma joven,
N'uma velha raiz sentado estava ;
Sós, tendo em de redor os céos e os bosques,
Pasciam, sem cuidado, esses rebanhos,
Cujas vibrantes campainhas soam
De penha em penha, qual longinquo appello ;
Deixando o cão velar, cantando ás vezes,
Para chamar cabritos tresmalhados.
O pastor, no joelho os cotovellos,
Fronte de negra coma ao lar pendia,

Onde um tição já gasto fumegava;
E o chão fitando, do bastão co'a ponta
Parecia escrever na cinza, a êsmo.
Havia em seu scismar um quê de terno;
E quando erguia a fronte dos joelhos
Limpido e meigo olhar á luz abrindo,
Via-se no passar sorrir-lhe a idéa
Na airosa préga do enrugado labio;
E se amor inundava-lhe o olhar do seio
Rompiam-lhe suspiro soffreado,
— Suspiro, que era impulso sem tristeza,
Peso arrancado d'alma em dita oppresa,
Tinha a moça esta flôr de formosura,
Que inda não sasonára estivo raio,
Felpa na face, em que o rubor corava
A menor impressão do olhar nascida;
Olhos humido-azues pintavam claro
De compensado amor calmas delicias;
Para occultar vergonha, idéa ou sombra
Nunca seus longos cilios abaixara;
Mas, firme, confiante, o olhar poisava,
Como dextra que poisa em dextra amiga;
Negra rêde os cabellos lhe apanhava.
Rolavam-lhe em anneis no chão relvoso
Louras tranças, descendo-lhe a cintura;
D'alvas flôres campestres adornadas,
Rubro justillo lhe estreitava a cinta;
Vestido escuro de grosseiras pregas
Curto, deixava vêr-lhe os pés descalços,
Alvos, ao sol, poisados sobre o musgo,
Qual nos destroços, que o terreno juncam,
Marmoreos pés brilhando sobre a relva;
Co' as mãos tecia o vime, o olhar sem alvo

Errava-lhe no vago da campina.
Assim iguaes as horas se escoavam ;
Ia gyrando a sombra em torno aos troncos ;
Deitava-se na relva o boi já farto ;
Ia o cordeiro á somnolenta ovelha.
Ebrios de solidão, os dous amantes
De olhar, ventura e posição não mudam.
Revelavam na paz de seu colloquio
Não terem coração, qual eu, vasio ;
Algumas phrases só, de espaço a espaço,
Soltas dos labios, a mudez quebravam-lhes,
Qual limpha, escapa a tanque transparente,
Sahe gota a gota e murmurando, corre.
Quando o sol que, ao subir, encolhe a sombra,
Veio ao zenith, na branda e fresca relva
Para dormir o moço reclinou-se,
Como n'um travesseiro abandonando
Sobre os joelhos da tranquilla amiga.
O cotovello e a fronte adormecida,
Ella, velando o dormir do amante,
Enxugava-lhe a fronte suarenta,
E eburneos dedos lhe enlaçando á côma,
Em anneis a enrolava e os desfazia.

Chegada a hora do jantar campestre,
Servio-se a sua mão do mesmo leite,
E o mesmo pão frugal partirão ambos.
Foi-lhes meza os joelhos conchegados ;
N'um só prato escolheram os morangos ;
Favo de mel e escazea repartiram,
Bebendo agua do céu na mesma taça.

Da tarde o raio — bomba das procellas —
Baixára as nuvens sobre o valle escuro ;
A folha, immota ao vento ha poucas horas,
Nos murmurantes bosques se agitava ;
Desceu a bruma á relva em fina chuva,
Qual nos montes a nevoa, que se enxuga.
Vieram abrigar-se os dois amantes
Ao tronco enegrecido d'uma faia,
Onde tambem o armento se juntára.
E como, ao surdo sussurrar do vento,
Movia a faia a abobada frondosa,
E nos seus collos gotejava a chuva, —
Por véo de sombra occultos a meus olhos,
Em paz deixaram esgotar-se a nuvem
No concavo de um arco de rochedo,
Onde se vão poisar molhadas aves.

De longe, ouvindo seu colloquio ingenuo,
Comparava, invejoso, ao seu meu fado ;
E o vento me trazia um riso alegre,
Em que a moça e o zagal a voz mesclavão.
Esta scena deixei, tendo ante os olhos
Como um sonho de amor, tão bello quadro,
De cada, vêz mais só no pensamento,
Mais só na solidão ; e protestando
De nunca mais chegar-me destas aguas,
Que, sem a saciar, a sede augmentam.

Gruta das Aguias, 24 de Agosto de 1793.

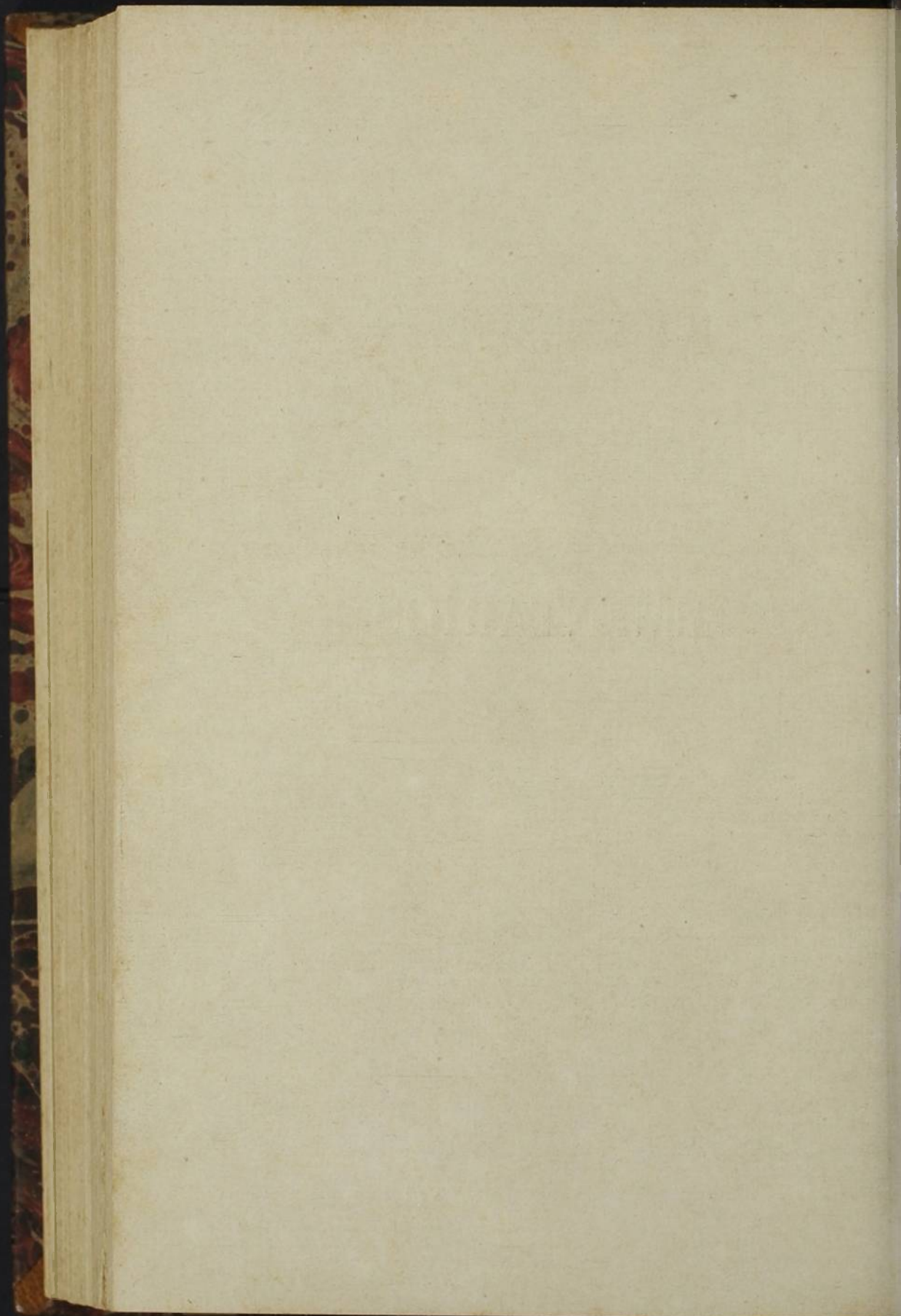
Vou agora escrever ! Elle repousa !
Que dia ! que semana ! e quão repleta

Foi para mim de lucto e de ventura !
E porque triste, violento acaso
Hei comprado, ai de mim ! este menino
Socio obrigado da desgraça minha ? !
O dia declinava; hora por hora
O passára, a vagar de sitio em sitio,
Em derredor da lapa; havia instantes
Fôra assentar-me na inclinada rocha,
Que a cascata, ao tombar, minou na base ;
Pendiam-me no abysmo a fronte e as pernas ;
O olhar seguia o turbilhão sublime,
Que embriaga de estrondo e de vertigem,
E que até de meus proprios pensamentos
De todo ao sentimento me arrancava.
Eu dominava o boqueirão profundo,
Onde c'o a vaga a neve em pó se arrastra,
E a ponte natural, que em dupla borda
Lhe poisa, e de meu lago ao accesso veda.
Minh'alma, docemente acalentada,
Deixava-se levar, d'ondas em ondas,
De pensamento em vago pensamento,
E, perdida de Deus nas maravilhas,
Do dia e do lugar bem longe estava.
Eis trôa um tiro, que repete o echo,
Sobrepujando o estrondo da cascata ;
Desperto em sobresalto, ergo-me, e vejo
Dois dragões perseguindo a dois proscriptos,
Distantes delles por pequeno avanço;
Fracca esperanza os fugitivos tinham;
Iam recarregando as espingardas
Os dragões a correr; os dois proscriptos
Tocavam as paredes da torrente;
Cumpria-lhes morrer ou franqueal-a;

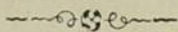
De horror gelados sobre a borda estacam,
Fitando a morte, que no abysmo estruge.
Eu vejo-os abraçar-se, e não reflecto
Que traio, se gritar, da gruta o arcano;
Dou subitaneo penetrante grito;
Ouvem-me; corro: aponto-lhes c'a dextra
Sobre o fumante abysmo a ousada ponte;
Logo o mais velho para alli se arroja,
Dando a mão ao segundo, inda na infancia.
Corro appressado a sustentar seus passos;
Ja tem chegado ao vertice da ponte;
Do alto da arcada estende-me o mais velho
Pallido o infante, cujo andar sustento;
« Salva-o (diz-me), estrangeiro generoso,
« Que eu vou vingal-o, ou defendel-o; ao menos
« Hei de arrastar na queda os seus algozes. »
Impellidos do ardor os dois soldados,
Sem sondar do barranco a immensa altura,
Sobre as rochas mais lizas do que o gelo
Armas ao hombro, o rasto lhes seguiam;
Quando o proscripto os vê no passo horrendo.
Para duplice morte arma a espingarda;
Saltam quatro clarões da pedra a um tempo,
Formam um só trovão os quatro tiros;
Por esta dupla morte assim feridos,
Tombam como um só *bloco* os dois soldados,
E escorregando, rolam nos abysmos.
Em vão crispadas mãos, convulsos dentes
Apertam, mordem d'essa ponte as bordas;
As aguas da cascata as arremessam
No torvelim do algar; alli mergulham
Suas pernas; seus braços, voltejando.
Nas rochas trituadas da valanga

No alvo pó é seu corpo escuro ponto.
O proscripto, ainda em pé, vendo esta queda
Sente o peito sangrar á duplo golpe ;
Sangue, de que este olhar sustinha a perda,
Salta-lhe em jorros da camisa aberta ;
Tenta um passo, seu pé não mais sustenta-o ;
Ia rolar ; meus braços o salvaram ;
Da borda á relva o trago moribundo ;
Morte e ventura luctam-lhe no rosto ;
Elle beija a espingarda triumphante ;
Dá, fallando, á seu filho alma e palavra.
Seu sangue estanco, lavo-lhe a ferida ;
Em andas de verdura, ás pressas feitas,
Carregamos seu corpo enfraquecido ;
Eu sustendo-lhe os pés, e o filho a fronte,
Deitamol-o, a expirar, no chão da gruta.

COMMENTARIOS.



COMMENTARIOS.



O ISOLAMENTO.

Escrevi esta primeira meditação uma tarde do mez de Setembro de 1819, ao pôr do sol, no alto da montanha sobranceira á casa de meu pae, em Milly. Isolára-me havia alguns mezes n'aquella solidão. Eu lia, scismava, procurava ás vèzes escrever, sem jámais encontrar o accento justo e verdadeiro que correspondesse ao estado de minha alma; por ultimo rasgava e deitava ao vento os versos que havia esboçado. Havia perdido no anno anterior, por morte precoce, a pessoa que eu mais amava até então. Não estava ainda curado o meu coração de sua primeira chaga, nem jámais elle o fôra. Bem posso dizer que n'aquelle tempo vivia mais com os mortos, do que com os vivos. A minha conversa ordinaria era no céu, conforme a expressão sagrada. Quem o leu, havia de vêr no *Raphael* o como eu me prendêra á mi-

nha idolatria deste mundo, e o como de subito me desprendêra della.

Levava eu comigo nesse dia para a montanha um volume de Petrarca, do qual de vêz em quando lia alguns sonetos. Os primeiros versos desses sonetos me arrebatavam em extasis para o mundo de meus proprios pensamentos; porém os ultimos me soavam melodiosos ao ouvido, mas desafinados ao coração. Nestes se torna espirito o sentimento. Para mim sempre o espirito neutralizou o genio. E' vento frio que enxuga as lagrimas dos olhos. Comtudo eu adorava e ainda adoro Petrarca. A figura de Laura, a paizagem de Vauclusa, sua solidão nas alvejantes collinas, em sua aldêazinha que eu julgava semelhante a Milly, aquella vida de um só pensamento, aquelle suspiro que naturalmente se transforma em versos, aquelles versos que para os seculos não encerram senão um nome, aquelle amor misturado com aquella prece, que constituem um *duo*, uma de cujas vozes se queixa na terra, em quanto a outra responde do céo; emfim, aquella morte ideal de Petrarca com a cabeça sobre as paginas de seu livro, e os labios unidos ao nome de Laura, como si a vida se houvese exhalado em um beijo dado a uma visão; tudo isso me affeioára e ainda hoje me affeioa a Petrarca.

Para mim é elle incontestavelmente o primeiro poeta da Italia moderna, por ser ao mesmo tempo o mais sublime e o mais sensivel, o mais pio e o mais amoroso. Mas si hoje ninguem lhe nega o ser elle o mais harmonioso, porque não será tambem o mais simples? E' porque a simplicidade é a obra-prima da arte, que estava ainda no seu principio. Os vicios da decadencia das litteraturas são tambem os vicios da sua infancia. As poesias populares da Grecia moderna, da Arabia e da Persia, abundam em affectação e em trocadilhos de palavras. Os povos, na infancia, antes de gostarem do que illumina, gostam do que *brilha*. Para elles as poesias são o mesmo que as côres: adornam de escarlata e de purpura os seus vestidos, de preferencia ás côres menos

vistas de que se revestem os povos mais adiantados em civilisação e em verdadeiro gosto.

Voltei, ao cahir da noite, com os meus versos na memoria, e a mim mesmo os repetindo com agradavel predilecção. Eu era semelhante ao musico que, tendo imaginado uma aria, vai cantando-a baixinho antes de a confiar ao instrumento. O meu instrumento era a impressão. Ancioso desejava ver o effeito que fariam estes versos no coração de alguns homens sensiveis. No publico nem eu pensava, ou antes nada esperava d'elle, porque os versos technicos de Delille, d'Esménard e de toda a escola classica do Imperio, lhe tinham demasiadamente embotado o sentimento, o gosto e o ouvido, para que o podessem encantar com effusões da alma, que não tinham razão de ser, segundo as expressões de Mr. D*** a Raphael.

Resolvi, por fim, tentar a sorte, e mandei imprimir vinte exemplares em bom papel e bom typo, em casa do grande artista typographo, Mr. Didot, o *Elzevir* moderno. Remetti-os a um de meus amigos, residente em Paris, que m'os devolveu impressos. Tão enlevado fiquei lendo pela primeira vez magnificamente impresso em papel assetinado o que eu havia escripto como se tivesse visto em um espelho magico, a imagem de minha alma. Dei os vinte exemplares a meus amigos, que acharam harmoniosos e melancolicos os versos, e me prophetizaram a surpresa e a commoção com que haviam de ser recebidos pelo publico. Mas eu tinha menos confiança que elles no pervertido, ou antes embotado gosto da epocha. Contentei-me com ser lido por alguns corações que pensavam como eu, e não cuidei mais da publicação.

Só muito tempo depois é que achei, folheando um dia o meu volume de Petrarca, estes versos intitutados *Meditação*, que guardei, para, por direito de primogenitura, fazer delles a primeira poesia de minha collecção. A recordação disto m'os tornou para adiante sempre gratos, porque me haviam cahido da penna como uma gota

do orvalho da tarde no outeiro que me vira nascer, e como uma lagrima do meu coração na pagina de Petrarca, onde eu queria, não escrever, mas chorar.

A' ELVIRA.

Esta meditação é um fragmento de uma poesia mais extensa que eu escrevêra muito antes da epocha em que compuz as verdadeiras *Meditações*. Eram versos de amor dirigidos á memoria de uma napolitana, cuja morte narrei nas *Confidencias*. Chamava-se Graziella. Estes versos faziam parte de uma colleção, em dous volumes, de poesias de minha juventude, à que deitei fogo em 1820. Meus amigos me haviam conservado algumas dessas poesias, das quaes me restituiram esta, depois de estarem impressas as *Meditações*. Tirei-lhe estes versos e mudei o nome de Graziella no de Elvira. Bem se vê que a inspiração não é a mesma.

ESTANCIAS.

Este canto é ainda um hymno de adoração que emana de nossos seios perpetuando-se em versos.

Cada um dos suspiros que eu dava era um hymno cujos dôces accents se extinguiram sem os eu poder exprimir! O sentimento sincero, constante e ardente da presença, da grandeza e da immensidade de Deus, constitue a essencia da minha alma, desta harpa cadente de que me dotou a natureza, ao dar-me o ser. Este sentimento, este hymno perpetuo, que me desafia a cantar, máo grado meu, não me tornou mais virtuoso, não, porque a virtude é violencia, e eu não gosto da violencia: mas tornou-me mais adorador. Para mim, adorar é viver: nem eu sei si o homem foi creado para outra cousa. A adoração é a tendencia da alma para seu centro divino: é a gravitação moral, é o universo intellectual.

Si Deus me reservar dias livres e serenos no meu ultimo estio, empregal-os-hei em procurar na natureza notas mais sublimes para cantar seu nome.

O CHRISTÃO MORIBUNDO.

Estes versos, que ardentes jorraram de meu coração, escreveu-mos uma manhã, ao pé de meu leito, um de meus amigos, Mr. de Montchalin, que como irmão cuidava de mim, por ocasião de uma longa e perigosa doença, de que fui acommettido em Pariz em 1819.

Mr. de Montchalin ainda vive, e eu o amo sempre com a mesma amizade. Devêra ter lhe dedicado estes versos.

ISCHIA.

Esta é a ilha de minha alma, o oasis de minha mocidade, o remanso de minha idade avançada. Bem desejára eu que ella fosse tambem o meu refugio na minha

derradeira tarde. Já viram, e senão verão, nas *Confidencias* o porque.

Descrevêra eu as ilhas do golpho de Napoles no episodio de Graziella. Gravada para sempre na memoria fica a lembrança da primeira flôr de laranjeira, cujo odorante perfume, ainda meninos, respiramos, aportando a uma praia desconhecida.

Em 1821 fui de novo passar o verão na ilha d'Ischia em companhia d'aquella com quem, havia pouco, me desposára. Assim como tudo quanto goza do remanso da paz, competia-me cantar por isso que eu era feliz. Quantos versos não escrevi eu, sentado junto dos penhascos dessa encosta, aonde outr'ora tambem se assentaram Horacio, Virgilio e Tibullo, para, como eu, contemplarem o velho oceano e o cabo de Miseno! A maior parte dos versos que por aquella epocha escrevi nunca vieram a publicar-se, nem já hoje existem. Ah! si destituídos de vida não fossem os suspiros..... Evaporaram-se esses meus versos com os doces aromas da ilha; extinguiram-se com o brando reflectir da lua nos humildes telhados dos pescadores de Procida; dissiparam-se com o murmurio das ondas que se espreguiçavam a meus pés! Depois desse tempo voltei muitas vezes a Ischia. As mais gratas recordações de minha mocidade, lagrimas, venturas, tudo alli deixei! O refulgente sol d'aquella região até a propria morte torna mais tranquillã.

O LAGO.

O commentario desta meditação encontra-se inteiro na historia de *Raphael* por mim publicada.

Esta é das minhas poesias a que tão alto soou no coração de meus leitores, quanto anteriormente havia soado no meu. A realidade é sempre mais poetica que a ficção, porque o poeta dos poetas é a natureza.

De muitos sei eu que procuraram mil vezes ligar ao lamento d'estas estrophes a plangente melodia da musica. Mas só uma vez o conseguiram. Foi Niedermayer, o qual traduziu em maviosos accentos esta ode, que eu ouvi muitas vezes cantar, e vi as lagrimas que ella fazia verter. Todavia, eu sempre fui do numero dos que tem para si que a musica e a poesia ficam prejudicadas, aggregando-se. Uma e outra constituem artes completas: a musica traz consigo o seu sentimento; a dôce melodia anda sempre casada aos bons versos.

TRISTEZA.

Lêde *Graziella*, nas *Confidencias*, porque alli encontrareis a chave destes versos.

Contava eu vinte primaveras ao tempo em que me despedia da casa do pescador e do formôso mar de Napoles, em cujas praias eu deixara a donzella a quem amava tanto, e cuja morte ainda ignorava que lh'a causasse a minha auzencia. Em Pariz, a prodigalidade e o jogo eram as minhas unicas occupações. Um dia andava eu passeando sósinho pelo solitario jardim de Luxemburgo, junto do muro, não muito alto, que separa este jardim do terreno, então inculto, que pertencia aos Cartuxos. Debrucei-me por sobre áquelle muro, procurando com os olhos o mar de Napoles, e com o coração a imagem de Graziella, cuja morte eu já previa, sem ainda saber da sua molestia. Por muito tempo me detive alli, inebriado n'aquella visão. Humedecida com minhas lagrimas deixei ficar a pedra a que me encostei. D'alli me levantei e retirei-me ao meu quarto, aonde sósinho passei o tempo chorando saudades do passado e escrevendo estes versos. Nunca mais pude passar uma só vez pelo Luxemburgo, sem me encostar áquelle muro, e vêr si pelo vento de tantas primaveras e pela chuva de tantos invernos, já estavam apagadas as lagrimas que alli verti na mocidade.

SAPHO.

Estavamos em 1816. Ainda até alli não tinha eu conseguido escrever de uma só vez meia duzia de versos. Em Paris, onde eu estava, vivia na dissipação, entregue sobretudo ao jogo, que tantos dias e tantas noites roubaram á minha adolescencia. Os meus desvarios eram tambem partilhados pelos meus amigos, moços de certa distincção, que eram, como eu, pensadores, visionarios, litteratos, falladores, poetas e artistas. Durante os curtos instantes que para o descanso e a meditação nos deixava o jogo, entretinhamo-nos ácerca de assumptos de importancia, philosophicos e poeticos, nos bosques de Saint-Cloud, d'Ivry, de Meudon, de Viroflay, e de Saint-Germain. Para alli levavamos alguns volumes de poesias, sobretudo de poesias ternas, elegiacas, eroticas, que liamos sentados á sombra dos altos castanheiros que rodeavam aquelles parques imperiaes.

Releramós, em uma dessas digressões, a unica, mas ardente estrophe de Sapho, qual outra Venus de Milo, semelhante ao fragmento encontrado por Mr. de Marcellus, que encerra em si mais formosura do que as estatuas inteiriças que por ventura se possa encontrar todas juntas em um museu. Voltando d'ahi fechei-me no meu aposento e escrevi o começo desta elegia ou *heroide*. Deitei-me e levantei-me com a mesma inquietação, a mesma constancia em querer concluir um trabalho qualquer que tivesse principio, meio e fim, e que meus amigos pudessem lêr de um folego. Assim levei tres dias sem sahir de meu quarto, esquecido do jogo e do theatro, e mandando a criada do meu hotel trazer-me

o sustento, afim de não se evaporar a minha primeira e longa inspiração. Terminada a elegia, que era muito mais comprida, abri a meus amigos as portas, e li-lhes a minha pretendida obra-prima. Tão moços, tão noveis, e tão amigos de poesia como eu, elles me encheram de elogios, copiaram meus versos, aprenderam-nos de cór, e recitaram-nos de memoria tanto a mim como a outros amigos seus. Foi este o meu baptismo de poeta.

Oito dias depois, nem mais pensavamos nisso. Em seu delirio, tornava o jogo a tomar conta de nós, e assim consumiamos as mais bellas horas de nossa mocidade, accumulando montes de ouro que o favor da sorte fazia brilhar diante de nossos olhos, mas que, como em sonho, de subito nos arrebatava.

Tendo perdido tudo quanto possuia, sahi de Pariz, levando por unica riqueza esta elegia de *Sapko*. Com o resto da fortuna que adquirira no jogo, tinha eu comprado um cavallo arabe, em que montava, e ia caminhando vagarosamente afim de não o cansar. Para tornar mais curtas as horas eu ia recitando a mim mesmo os meus proprios versos, e entretendo-me com o meu cavallo, meu cão, e tambem com o meu mesquinho e indeciso genio, que balbuciava ainda, esquecia as minhas adversidades de infeliz jogador.

A EL...

Esta elegia refere-se á epocha que no *Raphael* descrevi, sob outro nome.

Não ha commentario áquellas effusões do primeiro amor, que nos incitam a cantar ou chorar, não só na alegria, mas até na tristeza. O canniço tambem cantã, ou o vento o dobre ou o levante; mas perguntem-lhe o que é que elle canta? nem elle o sabe. Na natureza tudo é melodia, por isso que tudo é vóz. O poeta nada mais faz que reproduzir algumas dessas vozes confusas e fugitivas, pois que o sentimento não é senão a reproducção de nossas sensações.

ELEGIA.

Pelas suas fórmas um tanto mythologicas, bem se vê que esta elegia é de data muito anterior ás *Meditações*. É da epocha em que eu escrevia *Sapho*, em que imitava

em vez de sentir por mim mesmo. Predomina nella a philosophia voluptuosa e sensual de Horacio, de Anacreonte e de Epicuro, mas não a minha, porque o genio magestoso e infinito do christianismo poetico não foi alli beber as suas ideias.

O TUMULO MATERNO.

Foi minha mãe a maior, a mais doce e a mais constante occupação de meu pensamento. Esperava eu conserva-la até minha idade mais avançada. O perpetuo vigor de sua alma se communicava a seu rosto. Os annos não tinham deixado nenhum signal em suas feições: com sessenta e seis annos qualquer a confundiria com suas filhas. Ella era conservada pelos bafejos de resignação, de piedade e paz interior que a envolvia, como esses perfumes fugitivos ou como essas flores raras que a gente impede que se evaporem ou que murchem, preservando-as do contacto do ar terrestre.

Eu a deixara por alguns dias, radiante de ventura, de esperanza e de vida. Andava por Pariz. Uma manhã, entrando no banho, ella achou a agua muito fria; estava só; abriu o conducto de agua quente, e ferio-a um esguicho de agua fervendo, que saltou-lhe ao peito; desmaiou. A um grito seu acudiram; já não era tempo. Levaram-na para seu leito; tornou a si, soffreu dois dias, orou constantemente, estimou

que eu não estivesse presente para me evitar, segundo dizia, o espectáculo de seu fim e morreu pronunciando meu nome em sua agonia.

Minha mulher, que sósinha a vigiava, referiu-me que ella repetia sem cessar, n'essa ultima noite, as seguintes palavras: « *Como sou feliz ! Como sou feliz !* » Perguntaram-lhe porque. « *Porque morro resignada e purificada.* » Um de meus amigos communicou-me esta perda inesperada em Pariz. Acreditei que a terra me faltava debaixo dos pés. Parti, cheguei, era tarde de mais: já ella repousava no cemiterio da cidade. Obtive permissão de fazer exhumal-a e de transportar seus restos para Saint Point. Tornei a vêr seu rôsto tão sereno como se dormisse.

Os camponezes, que a adoravam, vieram uma noite tomar o caixão e o carregaram, se revegando, á seus hombros no espaço de oito leguas. Eu caminhava a pé atraz d'elles. Ao nascer do sol chegamos á raiz das montanhas que é mister atravessar para descer ao valle de Saint Point. Ellas estavam cobertas de seis pés de neve. Eramos obrigados á fazer rasgar uma vereda entre duas muralhas brancas diante do caixão. Que marcha ! Que cortejo ! Que chegada !

O tumulo que lhe eu destinava não se tinha elevado ainda. Depuz o caixão no carneiro subterraneo da egreja; fiquei só alguns dias á chorar minha mãe n'esse paiz que ella havia amado tanto, e n'essa residencia cheia de sua fama. Na primavera seguinte edifiquei uma capella entre a egreja e o jardim. Lá repousa ella, mas já não repousa só. Não ha n'aquelle sitio senão uma inscripção em lettras de bronze incrustadas na cornija gothica da ogiva que serve de portico á morte :

Speravit anima mea.

Ella com effeito esperou sempre até á morte. Suas derradeiras palavras o evidenciam. Sua alma era apenas uma aspiração.

Agora quando me approximo do seu tumulo, muita vêz desarranjo pobres mulheres das aldeias visinhas que veem rezar sobre sua sepultura, como sobre as reliquias de uma santa, e acho sempre sobre as lagas alguns ramalhetes de flores, que ellas atiram da grade.

O POETA MORIBUNDO.

Aos 16 annos lêra eu no poeta inglez *Pope* tres estrophes, que d'esde então ficaram-me na lembrança, e que tentei traduzir em verso com o auxilio de meu professor de linguas.

Em 1825 indo á Lyão para consultar sobre os disfallecimentos que tinha, a um dos medicos affamados, que esta cidade sempre possue, como Bolonha, ou Genebra, e pensando que estava condemnado á morrer moço, senti a mesma melancolia, e achei em mim as mesmas imagens, com que *Pope* havia scismado, e que tentara pintar.

Estava eu sosinho n'uma camara de hotel, cujas janellas davam para o Senna vagaroso, toldado, e coberto de neveiros, debaixo da sombria collina de *Fourvieres*, em cujo cimo se elevam os primeiros templos do Christianismo nas Gallias. A religião de minha mãe, e da

minha infancia apresentava-se n'esses annos á minha tristesa com todas as ternuras do berço, com todas as prespectivas, com que ella afformoseou o outro lado do tumulo. Escrevi então estas estrophes com as lagrimas da reminiscencia, e da esperanza.

A' tarde levei-as ao meu amigo o Sr. *Vierieu*, que residia nos arrebaldes de Lyão. Tambem elle estava doente. Assentei-me junto de seu leito, aos ultimos raios do sol que lhe doiravam as cortinas, e recitei-lhe as estrophes, écos tristes, porém serenos de duas vidas, que se vão acabando.

Pelas lagrimas do meu amigo vi, que estes versos nasciam do coração, visto que n'elle tão viva impressão produziam. Deixei-os á *Vierieu*, que m'os restituiu mezes depois para os dar ao prelo.

O VALLE

Este valle é situado nas montanhas do Delphinado, nos arredores do *grande Lemps*; cavado entre duas collinas cobertas de mattos, é sua embocadura fechada pelas ruinas de um castello, que pertencia á meu amigo *Aymon de Vineu*.

Algumas vezes iamos nós passar alli horas de sole-

dade, á sombra dos lanços de muros abandonados, que meu amigo propunha-se a reconstruir, e habitar alguns dias.

Alli mentalmente traçavamos alamedas, lenções de relva, tanques e lagos, debaixo dos castanheiros antigos que estendiam seus ramos de uma á outra collina.

Uma tarde voltando a *grande Lemps*, rezidencia da familia, apeámo-nos, demos as redeas dos cavalloos á pequenos pastores, tiramos a roupa, e nos atiramos n'agua de um pequeno lago que margêa a estrada. Eu nadava mui bem, e atravessei com facilidade aquella cinta d'agua; mas, pensando tomar pé na margem opposta, enterrei-me n'uma floresta sub-marina de hervas e juncos tam espessa, que impossivel me foi apezar dos mais violentos exforços, disvencillar-me. E ja começava a beber agua, e a perder o accordo, quando mão vigorosa segurou-me pelos cabellos, e reconduziu-me para a agua meio affogado.

Era *Virieu* que conhecia o fundo do lago, e que me levou desmaiado até á praia. Voltei a mim aos gritos dos pastores.

Depois d'isto *Virieu* reedificou o castello sobre os alicerces da antiga habitação. Plantou jardins, cavou reservatorios para reprezar o regato do valle: sobre um dos muros escreveu elle uma estrophe d'esta meditação, em lembrança de nossa juventude, e amizade; depois morreu, ainda moço, entre os berços de seus filhos.

O TEMPLO.

Esta meditação é um suspiro da alma na presença de Deus, em uma egreginha de aldêa, aonde, uma tarde, avistei a luz de uma lampada, e onde entrei, dominado do pensamento que por toda a parte me seguia. Entre Deus e mim vinha sempre collocar-se uma ideia, que eu era obrigado a venerar. Logo que sahi d'aquelle recolhimento de espirito, entre aquellas paredes abaladas de suspiros, escrevi esta meditação. Ella era muito mais extensa, mas, por occasião de a imprimir, risquei-lhe metade dos versos. A piedade affectuosa tem dous peijos : o do amor e o da religião. Não ousei profanal-os.

CANTO DE AMOR.

Foi esta meditação escripta ainda no verão de 1820, em Ischia. E' um Cantico dos Canticos, mas de accentos

menos penetrantes e côres menos orientaes, do que o canto nupcial de Salomão. E' uma provocação á poesia, que melhor se tem prestado até agora á expressão da dôr do que á da ventura : isto, sem duvida, porque a verdadeira felicidade está como que segredada no céu, e a dôr, ao contrario, penetra com toda sua intensidade o coração do homem.

HYMNO DA NOITE.

Foi inspirada e escripta esta harmonia uma noite de estio de 1824. Havia eu arrendado a *villa Palmieri*, quinta magnifica situada nas proximidades de Livorno, ao pé da estrada de Montenero. Divisava-se á minha esquerda as montanhas de Limone, cujos serros se mostravam cobertos de mato, á direita o mar e defronte o cabo de Montenero.

Na extremidade deste cabo, junto dos penhascos e das azinheiras, está situada uma igreja d'onde, como de um templo grego, se ouve o murmurio das vagas : é uma especie de romaria para os naufragos que as supplicas da Estrella dos mares restituiram á vida. Aprazia-me vizitar muitas vezes aquella amena estancia. Deparára eu no caminho com outra quinta, que outr'ora fôra tão florescente, mas que hoje está em abandono, aonde lord Byron havia residido um ou dous verões,

alguns mezes antes da minha chegada a Livorno. Eu costumava parar sempre com o meu cavallo deante da porta do jardim, para alli demandar a sombra vagabunda do grande poeta que immortalizára aquelle retiro. A alguma distancia d'alli, em Montenero, remetia os animaes para a estrebaria, e embrenhava-me nas florestas, aonde sósinho passava dias inteiros, tendo por unicos socios as minhas concepções ou um livro, em cujas margens eu escrevia os versos que me inspirava a immensidade dos céos ou o vago espreguiçar das ondas. Assim foi escripta esta harmonia. Sobre os tojos que rodeam as azinheiras ainda se mostram, já rotas, as paginas dos livros ou albuns, em que eu buscava exprimir aquelles accentos, que interrompiam o somno e a distracção ao declinar do dia, que eu deixava ficar em fragmentos sobre a verdura ou na areia, e, emfim, o vento carregava para as ondas.

O RAMO DE AMENDOEIRA.

Um dia, voltando eu de Terracina a Roma, demorei-me em Albano. Era no mez de Fevereiro : os outeiros estavam coroados de flôres de pecegueiros e de amendoeiras. Passava, no entanto, por mim uma donzella, natural de Laricia, povoação proxima de Albano, a qual arrancou de seus cabellos uma corôa que com aquellas flôres lhe haviam trançado as suas companheiras, e deu-

m'a , desejando-me boa viagem. Nem eu sei se a primavera, com toda a sua formosura, sobrepujava em belleza á essa donzella, cujas faces côr de rosa eram ainda mais lindas do que as flôres que adornavam aquella corôa. Sorrindo tomei o ramo e atei-o á minha carruagem.

A' tarde escrevi estas estrophes a lapis. Chegando a Pariz dei-as a Mad. de Genoude, bella senhora, cuja triste morte prognosticaram estes versos: pois ella morrêra pouco tempo depois.

O CRUCIFIXO.

Não foi a imaginação do artista quem dictou esta meditação, não; foram as lagrimas ardentes do coração do homem.

Si quizerdes, amigos leitores, saber o motivo que me levou a escrever esta elegia sepulcral, depois de um anno de silencio e afflicção, lêde no *Raphael* a morte de Julia. O meu amigo, Mr. de V. . . . , que assistira a seus ultimos momentos, tinha-me trazido, da parte della, aquelle crucifixo que repousára sobre seus lábios moribundos.

Estes versos nunca mais os torno a lèr: basta-me havel-os escripto.

O OUTOMNO.

Nenhum commentario pede esta poesia. Não existe alma contemplativa e sensivel que, em certos momentos de seus primeiros desgostos, não tenha afastado dos labios a taça da vida, e abraçado a morte, risonha ao sereno expirar de um outomno nos ultimos dias de Outubro, e que, na proximidade da morte, não tenha, arrependida, voltado á existencia, e murmurado ao menos um ultimo adeus com os suspiros do vento da tarde nos pampanos, ou com o ultimo raio do sol nos niveos cimos dos altos montes. Estes versos são a luta entre o instincto de tristeza fazendo que aceitemos a morte, e o instincto de ventura fazendo que tenhamos saudades da vida. Foram escriptos em 1819, depois dos primeiros desenganos da adolescencia; mas já fazem allusão ao sincero affecto do poeta para com uma joven ingleza, que foi mais tarde a companheira de sua vida.

A PRIMEIRA SAUDADE.

Lembranças de *Graziella* moveram-me a escrever estas estrophes. Lendo as *Confidencias* verão quem era essa Graziella; nada mais accrescentarei. O como, tanto tempo depois da morte de Graziella, me dictou o meu coração estas estrophes, ides vê-lo, caros leitores.

Era na primavera de 1830, dous mezes antes da revolução de Julho. Eu estava de férias em Paris, morando no bello hotel do Principe de Monaco, á rua de Saint-Guillaume.

Um dia pedio-me minha mulher que a acompanhasse á igreja de Saint-Roch, onde se cantavam vespersas. Em quanto os padres entoavam os psalmos, eu de pé, fixava meus olhos sobre um quadro suspenso a um dos pilares, o qual representava a exumação de uma virgem.

A sepultura d'aquella virgem estava rodeada de lyrios. A' vista d'aquelle quadro lembrei-me de Graziella. Estremeceu-me o coração; nada mais ouvi: só o meu pensamento que todo se desfazia em versos, e algumas lagrimas que cahiam de meus olhos. Voltei para casa e sentei-me para escrever estas estrophes. Scismando e chorando as escrevi. Quando acabei, eram perto de seis horas.

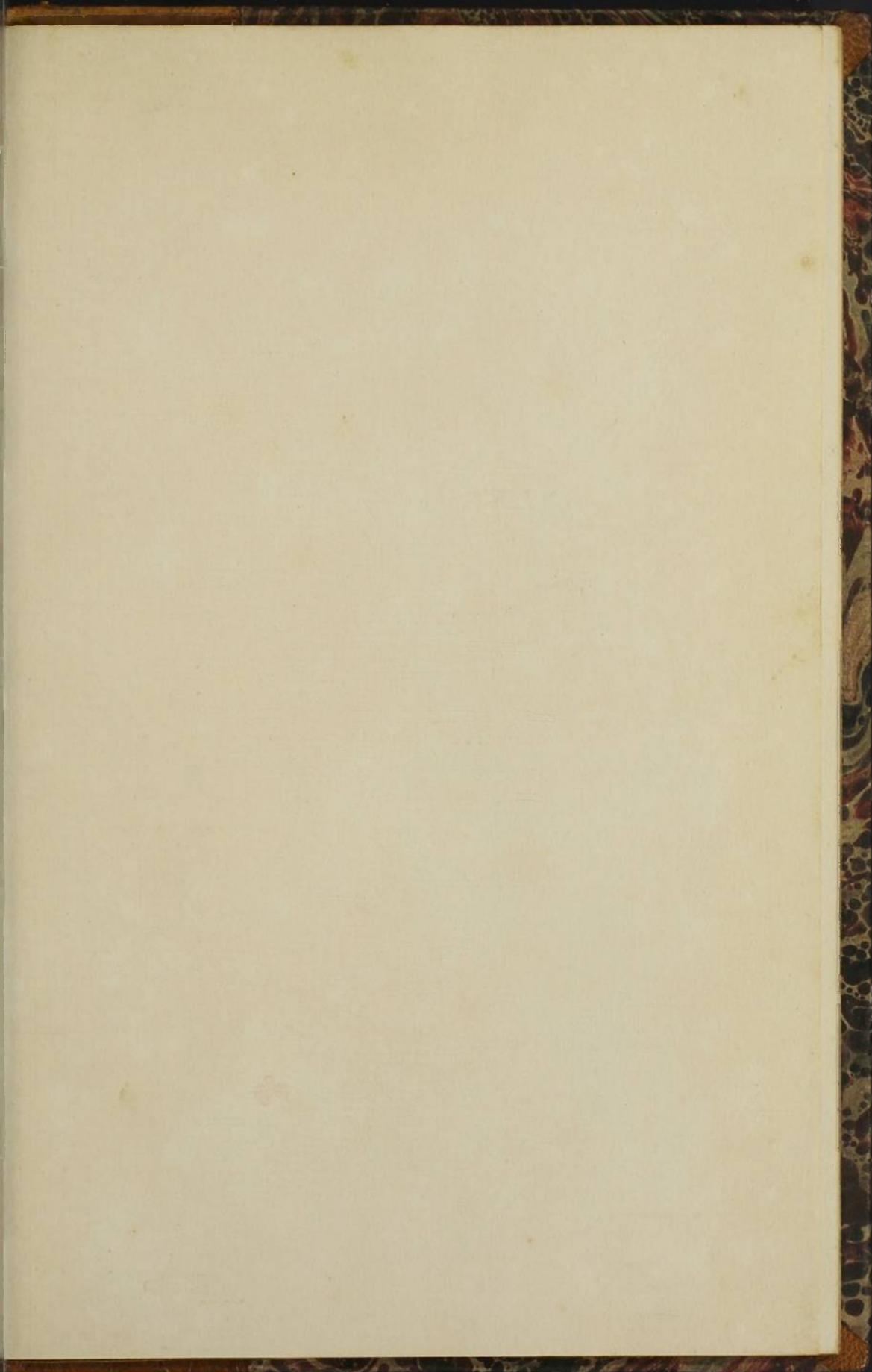
Nesse momento annunciaram-me a visita de dous litteratos e politicos eminentes, Mr. Thiers e Mr. Mignet, com quem um amigo nosso me fizera travar relações.

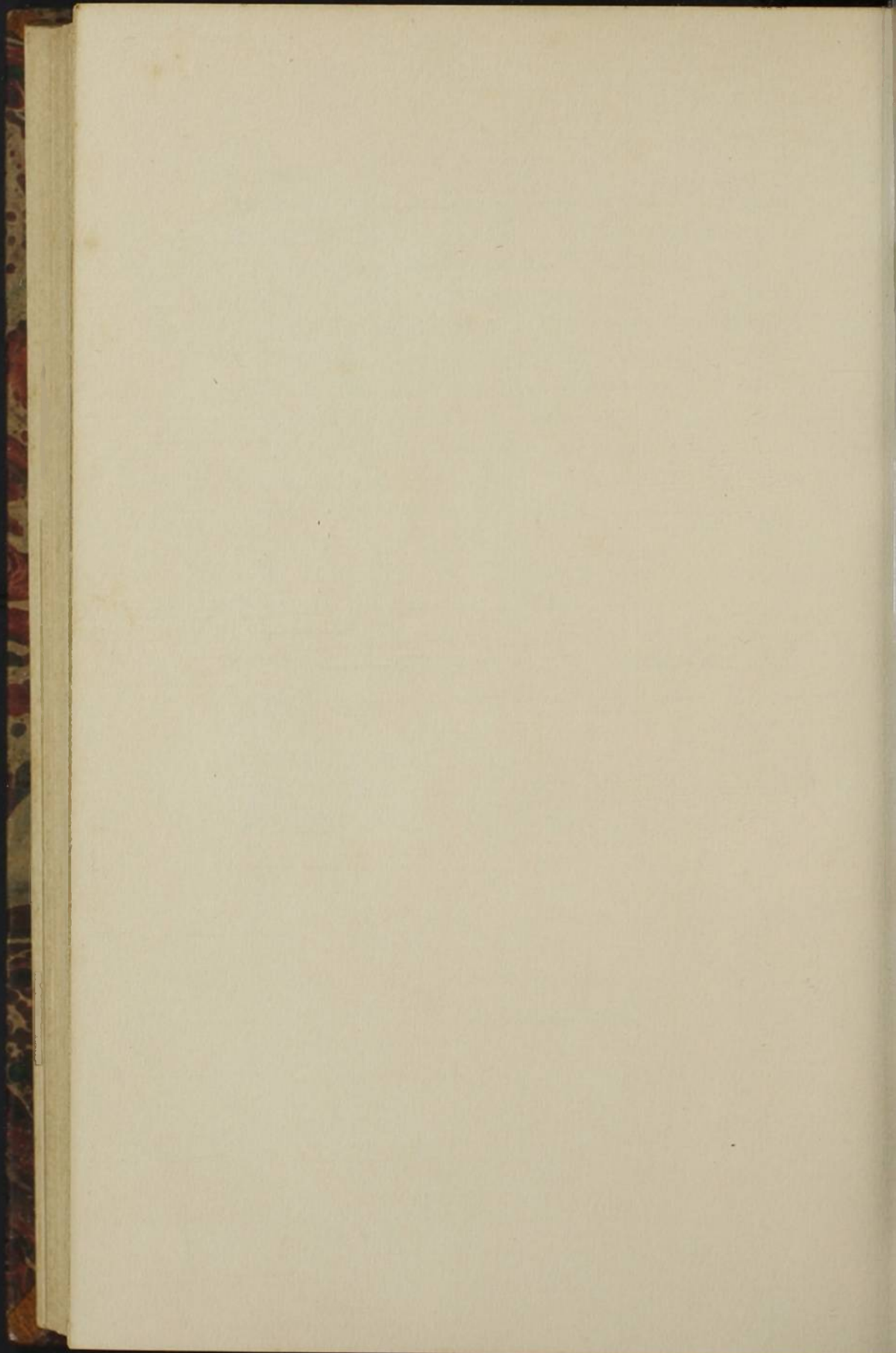
Perguntaram-me de que me occupava : « de uma triste lembrança » lhe repliquei eu ; e nisto li-lhes alguns destes versos, com que se mostraram commovidos. No dia seguinte conclui estas estrophes. Mais tarde encontramos-nos muitas vezes nas academias, nas assembléas, nos tribunaes e nas revoluções para contendermos uns com os outros, mas nunca para nos injuriarmos. Por mais separados que estejamos tanto pelos acontecimentos como pelas nossas opiniões, sempre conservei uma viva lembrança destas relações tão depressa quebradas, e um amor que tanto me incita a admirar-os. Não vale nada aqui esta circumstancia ? Os versos que commovem pela primeira vez o nosso ouvido, deixam-nos no coração tão profunda lembrança que nunca se póde apagar.

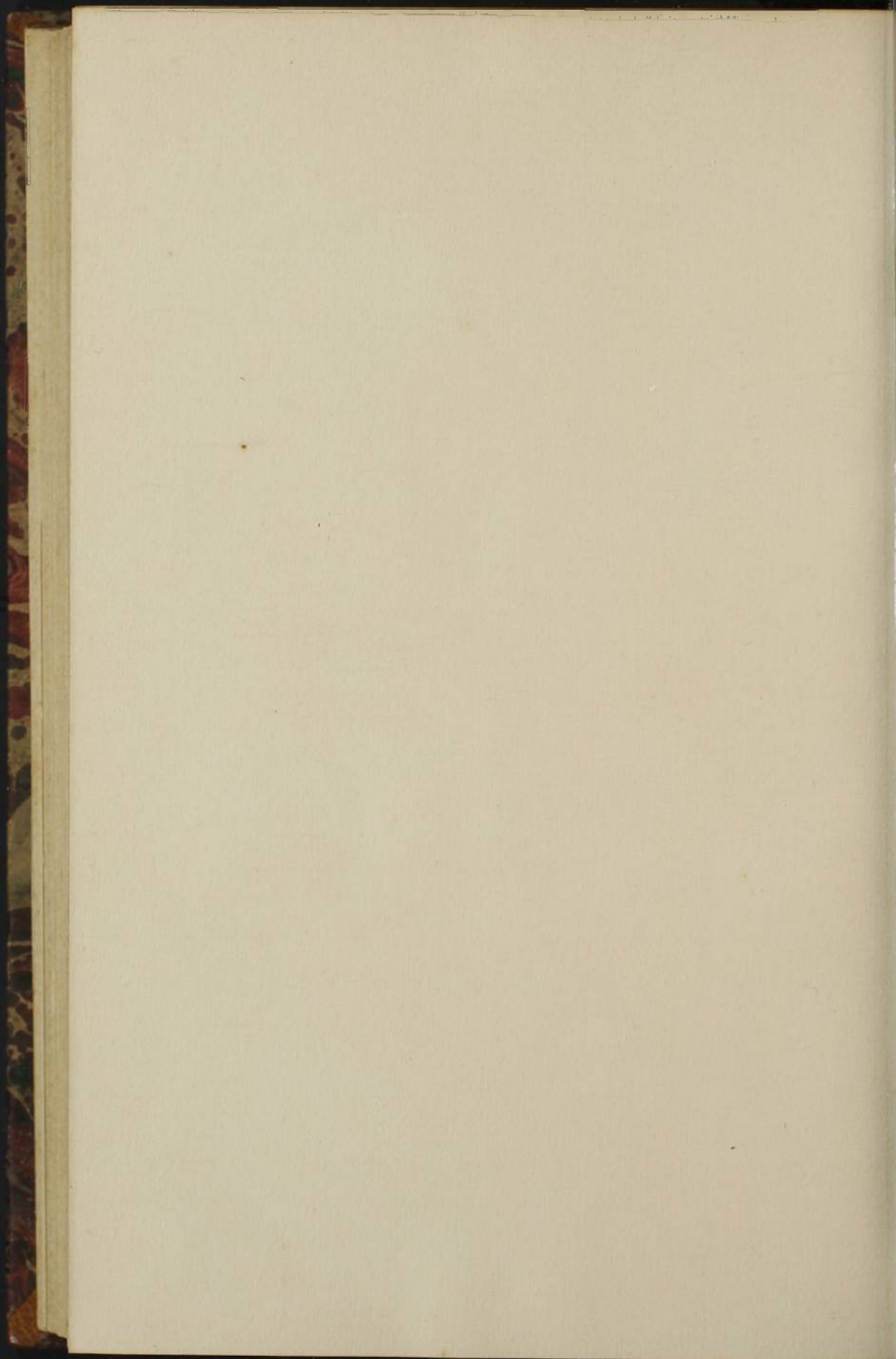
INDICE.

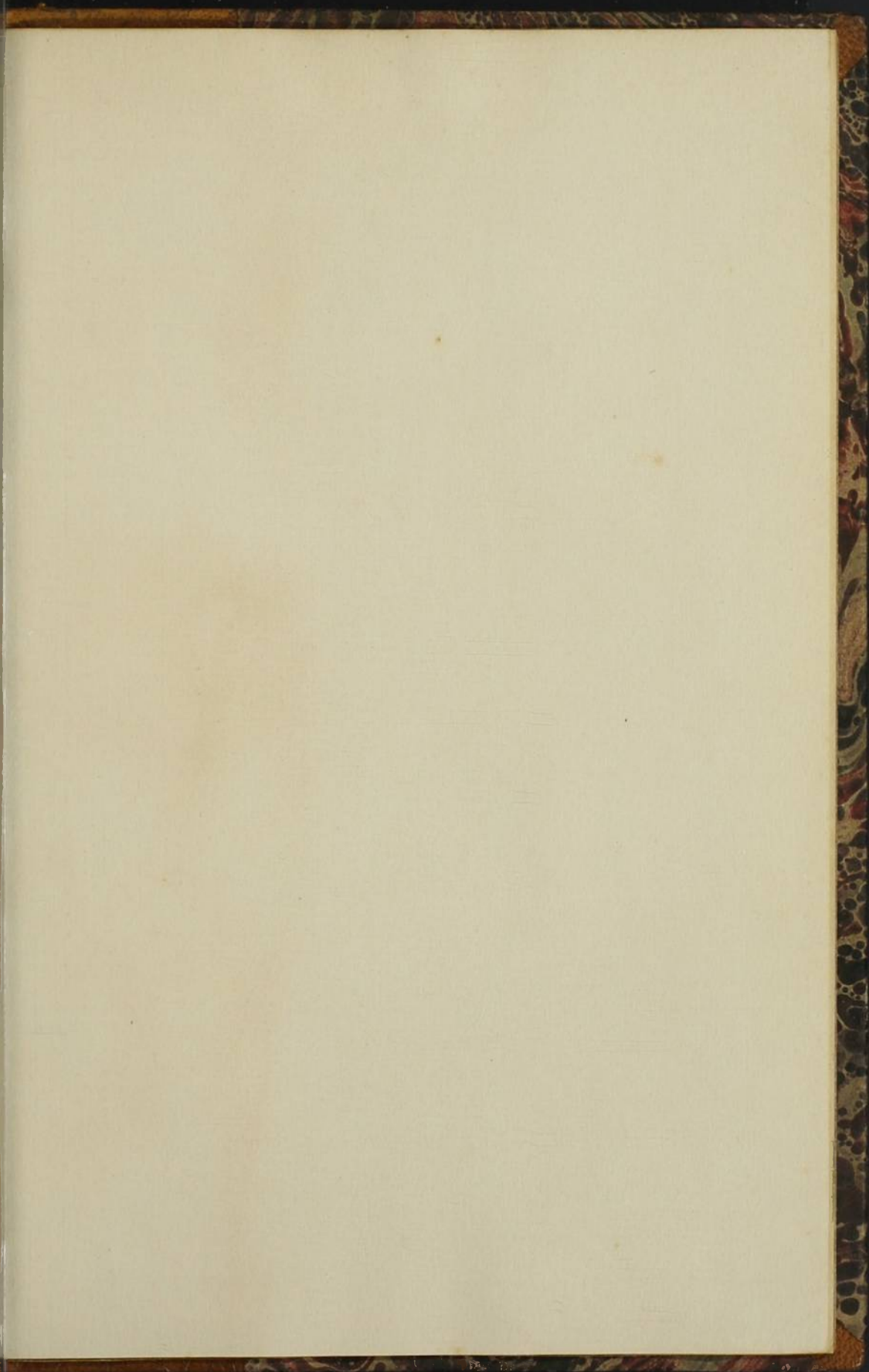
	PAG.
Duas palavras..... <i>Macedo Soares</i>	v
Carta de Victor Hugo.....	ix
Invocação..... <i>Maciel Monteiro</i>	1
O Isolamento..... <i>Biten Court Sampaio</i>	3
A Elvira..... <i>Ayres de Almeida</i>	6
Estancias... <i>Jm. Serra</i>	9
O Christão Moribundo... <i>Cardoso de Meneses</i>	13
Ischia..... <i>José Soares de Agueda</i>	15
O Lago..... <i>Maciel Monteiro</i>	20
A Aguia e o Sol..... <i>Jm. Serra</i>	24
Tristeza..... <i>Biten Court Sampaio</i>	26
A Borboleta..... <i>Almeida Braga</i>	29
À Tarde..... <i>Ayres de Almeida</i>	32
Sapho..... <i>Cardoso de Meneses</i>	35
Regresso..... <i>Vieira da Silva</i>	42
A El.***..... <i>Malhado de Assis</i>	44 +
A Uma joven arabe..... <i>Julio dos Santos</i>	46
Elegia..... <i>Castro Alves</i>	49
O Tumulo materno..... <i>Franklin Aeria</i>	52
A Andorinha..... <i>Melo Moraes Filho</i>	57
O Poeta Moribundo..... <i>Ayres de Almeida</i>	59
Trepadeiras..... <i>Emilio Zaluar</i>	66
Invocação..... <i>Almeida Braga</i>	68
O Valle..... <i>Ayres de Almeida</i>	70
A Um Poeta..... <i>Jm. Serra</i>	74
A' Mlle. Michatowska..... <i>Maciel Monteiro</i>	76

	PAG.
O Templo. <i>A. F. Colin</i>	78
Canto de Amôr. <i>Biteucourt Sampaio</i>	81
Hymno da Noite. <i>M. B. Fontenelle</i>	92
O Isolamento. <i>Almeida Braga</i>	98
O Lago. <i>Pedro Luiz</i>	103
O Ramo da Amendoeira. <i>Maciel Monteiro</i>	107
O Crucifixo. <i>Jm. Sera</i>	109
Getsemani. <i>A. J. Ribas</i>	114
Tristeza. <i>Almeida Braga</i>	122
A El.***. <i>A. F. Colin</i>	125
O Sino da Aldêa. <i>Pedro Luiz</i>	128
Ischia. <i>M. B. Fontenelle</i>	134
O Outono. <i>R. A. Colin</i>	142
A M. Wap. <i>M. B. Fontenelle</i>	144
Estancias á Laurence. <i>Jm. Sera</i>	150
A' Lilla. <i>Biteucourt Sampaio</i>	153
A Primeira Saudade. <i>R. A. de Bulhões Pato</i>	155
Jocelyn.....	165
Prologo.....	167
Segunda época.....	173
Terceira época.....	182
Commentarios.....	194









18950

